

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Tecnologia
Câmpus de Presidente Prudente – SP

NATALHA MUSSI JORGE DA CUNHA CORREA

**CORFEBOL: uma proposta de prática pedagógica para promover a equidade
de gênero nas aulas de Educação Física**

PRESIDENTE PRUDENTE – SP
2024



NATALHA MUSSI JORGE DA CUNHA CORREA

CORFEBOL: uma proposta de prática pedagógica para promover a equidade de gênero nas aulas de Educação Física

Dissertação apresenta ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Linha de pesquisa: Ensino Fundamental Anos Finais.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Rogério Romero

C824c	Correa, Natalha Mussi Jorge da Cunha CORFEBOL : uma proposta de prática pedagógica para promover a equidade de gênero nas aulas de Educação Física / Natalha Mussi Jorge da Cunha Correa. -- Presidente Prudente, 2024 142 p. : tabs. + e-book Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente Orientador: Luiz Rogério Romero 1. Corfebol. 2. Gênero. 3. Educação Física Escola. 4. Práticas Pedagógicas Inovadoras. 5. Participação nas aulas de Educação Física. I. Título
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

NATALHA MUSSI JORGE DA CUNHA CORREA

**CORFEBOL: uma proposta de prática pedagógica para equidade de gênero
nas aulas de Educação Física**

Dissertação apresenta ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Linha de pesquisa: Ensino Fundamental Anos Finais.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Rogério Romero

Data da defesa: 27/04/2024

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Luiz Rogério Romero
Universidade Estadual Paulista - UNESP/Presidente Prudente – SP

Membro Titular: Sueyla Ferreira da Silva dos Santos
Universidade Estadual Paulista – UNESP/ Presidente Prudente – SP

Membro Titular: Larissa Aparecida Trindade
Faculdade de Presidente Prudente - FAPEPE

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Tecnologia
Unesp – Câmpus de Presidente Prudente

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE NATALHA MUSSI JORGE DA CUNHA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - CÂMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE.

Aos 27 dias do mês de março do ano de 2024, às 19:30 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de NATALHA MUSSI JORGE DA CUNHA, intitulada **CORFEBOL: Uma proposta de prática pedagógica para promover a equidade de gênero nas aulas de educação física.**

A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. LUIZ ROGERIO ROMERO (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) PROEF EM REDE NACIONAL / Unesp/FCT - Câmpus de Presidente Prudente, Profa. Dra. SUEYLA FERREIRA DA SILVA DOS SANTOS (Participação Virtual) do(a) Departamento de Educação Física / Câmpus de Presidente Prudente, Prof. Dr. LEANDRO DRAGUETA DELFINO (Participação Virtual) do(a) Educação Física / UNESP FCT - Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente. Após a exposição pela mestrande e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA (A). Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. LUIZ ROGERIO ROMERO



Dedico este trabalho a todos meus alunos, que fizeram e ainda continuam a fazer parte da minha trajetória, pois eles são peças essenciais no meu crescimento profissional e para o desenvolvimento deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de uma construção coletiva. Dessa forma, deixo meus mais sinceros agradecimentos a todos e todas que contribuíram para sua conclusão.

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado forças e saúde para conseguir chegar até aqui, sem ele nada é possível.

Agradeço a minha mãe, pela mulher guerreira que sempre foi, fazendo o impossível para me proporcionar oportunidades importantes na minha trajetória até aqui, sem ela nada disso seria possível. Te amo, mãe!

Agradeço ao meu pai (*in memoriam*) por todo carinho e esforço dedicado a mim, pelos ensinamentos e valores transmitidos, contribuindo significativamente para mulher que me tornei, ele foi uma parte importante de mim que se foi, mas que jamais será esquecida, e será sempre lembrado por sua alegria e leva na maneira de levar a vida! Sinto sua falta, pai!

Agradeço ao meu esposo pela paciência e por todo suporte para a realização do mestrado profissional, ele que não me deixou desistir frente às dificuldades enfrentadas e esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis.

Agradeço aos meus amigos pelo incentivo e torcida, desde o momento de aprovação até a finalização do mestrado profissional e por toda a minha vida.

Ao meu orientador Prof. Dr. Luiz Rogério Romero, por me incentivar e inspirar como profissional e ser humano, na sua paixão pela profissão e por lecionar. Obrigada pelas orientações e palavras de apoio frente às minhas inseguranças, às incertezas e aos desafios. Minha eterna gratidão.

Agradeço a Prof.^a Dr.^a Sueyla Ferreira da Silva dos Santos e a Prof.^a Dr.^a Larissa Aparecida Trindade que compuseram a banca examinadora, agradeço pelo acolhimento e contribuições realizadas para este trabalho. Sinto-me grata pelos ensinamentos.

Ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em rede (ProEF) a todo o corpo docente da Fct -Unesp e demais envolvidos que persistiram para fazer o programa acontecer. O ProEF foi importantíssimo para meu crescimento profissional, não há palavras que mensuram os ensinamentos aprendidos.

Agradeço a todos os colegas da Turma 3 do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede (ProEF), pelas trocas de experiências, suporte e

Agradeço, enfim, a todos e todas que abriram os caminhos para que eu chegasse até aqui.

CORREA, N. M. J. da C. **CORFEBOL**: Uma proposta de prática pedagógica para promover a equidade de gênero nas aulas de Educação Física. Orientador: Luiz Rogério Romero. 2024. 142 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional) – UNESP, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2024.

RESUMO

A proposta do presente estudo surgiu da inquietação em compreender o crescente número de afastamentos dos estudantes, principalmente das meninas, das aulas de Educação Física. Partindo dessa problematização, este trabalho visa levantar discussões acerca das relações de poder organizadas a partir dos gêneros, além de compreender como elas influenciam na vida dos estudantes, na escola, nos esportes e na participação, principalmente das meninas, nas aulas de Educação Física. Além disso, o estudo teve como objetivo principal apresentar uma proposta de intervenção sobre a prática esportiva do Corfebol para os estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais e sistematizar material de formação de professores sobre a inserção deste esporte como ferramenta problematizadora das questões de gênero e de enfrentamento aos afastamentos das meninas das aulas de Educação Física Escolar. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa do tipo pesquisa participante na qual os pesquisadores e participantes se envolvem de modo interativo, atuando como sujeitos e concomitantemente objetos da produção do conhecimento. Os instrumentos utilizados para a produção e coleta de dados consistiram em 3 instrumentos: Questionário de Entrada que teve como objetivo compreender os motivos que levam os afastamentos dos estudantes das aulas de Educação Física e nortear o processo de elaboração da sequência didática; o Diário de Campo, este para registro das percepções dos estudantes e da pesquisadora quanto a implementação da nova prática pedagógica e o Questionário de Saída, com o intuito de analisar níveis de satisfação dos estudantes referente à sequência didática vivenciada. Os dados coletados em Diário de Campo foram analisados com base na análise de conteúdo categorial subsidiada em Bardin (2011) e apresentados conjuntamente de modo fluido através de duas categorias gerais. Na primeira Categoria Comportamental, problematizamos “O enraizamento da construção social de gênero” e “A dominação masculina, o medo e a vergonha”. Na segunda categoria, denominada Pedagógica, foram desenvolvidas questões sobre “O papel do professor contra a violência de gênero” e “Os conteúdos e a prática educativa”. Quanto aos dados referentes a ambos questionários, estes foram analisados e apresentados em gráficos e tabelas analíticas, contendo porcentagem e frequência numérica absoluta ou relativa. Os resultados da implementação da sequência didática demonstram que os estudantes não só compreenderam, mas também problematizam as relações de poder presentes na sociedade e nos esportes, desenvolvendo posturas de enfrentamento perante as injustiças sociais e reivindicaram acesso mais igualitário e democrático. Portanto, conclui-se que as práticas pedagógicas aqui propostas e implementadas contribuíram para o incentivo da participação desses estudantes afastados das aulas de Educação Física, além de ampará-los, proporcionando um ambiente seguro para que pudessem se sentir confortáveis com suas habilidades, limitações e exposições corporais. Além disso, a presente pesquisa aponta para a necessidade de atividades e conteúdos diferenciados e não geridos através de uma perspectiva binária de gênero, demonstrando a importância dos professores(as) proporcionarem experiências significativas a seus alunos, ofertarem oportunidades igualitárias para ambos os sexos



e contribuirão, assim, para a diminuição do abismo referente às habilidades socialmente construído.

Palavras-chave: Corfebol. Gênero. Educação Física Escola. Práticas Pedagógicas Inovadoras. Participação nas aulas de Educação Física. Afastamentos.

CORREA, N. M. J. da C. **CORFEBOL**: A proposal for pedagogical practice to promote gender equity in Physical Education classes. Advisor: Luiz Rogério Romero. 2024. 142 f. Dissertation (Professional Master in Physical Education in National Network) - UNESP, Faculty of Sciences and Technology, Presidente Prudente, 2024.

ABSTRACT

The proposal for this study arose from concerns about understanding the growing number of students, especially girls, leaving Physical Education classes. Starting from this problematization, this work aims to raise discussions about power relations organized according to gender, in addition to understanding how they influence the lives of students, at school, in sports and in the participation, especially of girls, in Physical Education classes. Furthermore, the main objective of the study was to present an intervention proposal on the sports practice of Korfball for Elementary School students in the Final Years and to systematize teacher training material on the inclusion of this sport as a tool for problematizing gender issues and coping. the removal of girls from school physical education classes. This is qualitative research of a participatory research type in which researchers and participants engage in an interactive way, acting as subjects and concomitantly objects of knowledge production. The instruments used for data production and collection consisted of 3 instruments: Entry Questionnaire, which aimed to understand the reasons why students were absent from Physical Education classes and guide the process of preparing the didactic sequence; the Field Diary, to record the perceptions of students and the researcher regarding the implementation of the new pedagogical practice and the Exit Questionnaire, with the aim of analyzing levels of student satisfaction regarding the didactic sequence experienced. The data collected in Diário de Campo were analyzed based on the categorical content analysis supported by Bardin (2011) and presented together in a fluid way through two general categories. In the first Behavioral Category, we problematize “The roots of the social construction of gender” and “Male domination, fear and shame”. In the second category, called Pedagogical, questions were developed about “The role of the teacher against gender violence” and “Educational content and practice”. As for the data referring to both questionnaires, they were analyzed and presented in graphs and analytical tables, containing percentage and absolute or relative numerical frequency. The results of implementing the didactic sequence demonstrate that students not only understood, but also problematized the power relations present in society and in sports, developing attitudes to confront social injustices and demanding more equal and democratic access. Therefore, it is concluded that the pedagogical practices proposed and implemented here contributed to encouraging the participation of these students away from Physical Education classes, in addition to supporting them, providing a safe environment so that they could feel comfortable with their abilities, limitations and body exposures. Furthermore, this research points to the need for differentiated activities and content that are not managed through a binary gender perspective, demonstrating the importance of teachers providing meaningful experiences to their students, offering equal opportunities for both sexes and contributing , thus, to reduce the gap regarding socially constructed skills.

Keywords: Korfball. Gender. Physical Education School. Innovative Pedagogical Practices. Participation in Physical Education classes. Leaves.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sexo biológico dos participantes da pesquisa.....	61
Gráfico 2 – Prática de exercícios fora do período escolar	62
Gráfico 3 – Número de meninos e meninas que praticam ou não praticam exercícios físicos fora do horário escolar	62
Gráfico 4 – Participação dos alunos nas aulas de Educação Física.	63
Gráfico 5 – Número de meninos e meninas que participam ou não das atividades propostas nas aulas de Educação Física	64
Gráfico 6 – Motivos que levam a participação nas aulas de Educação Física separado por sexo	70
Gráfico 7 – Finalidade das aulas de Educação Física para aqueles alunos que NÃO participam das aulas	72
Gráfico 8 – Percepção dos estudantes sobre o projeto de pesquisa	90
Gráfico 9 – Percepção dos estudantes sobre a motivação nas aulas da intervenção pedagógica	91
Gráfico 10 – Percepção de prazer na realização das atividades pelos alunos	92
Gráfico 11 – Percepção dos alunos de capacidade na realização das atividades propostas	93
Gráfico 12 – Percepção dos alunos separada por sexo de capacidade na realização das atividades propostas	94



LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Unidades temáticas, objeto de conhecimento e habilidades a serem desenvolvidas no 9.º Ano do Ensino Fundamental	41
Quadro 2 – Quadro teórico com as dimensões que pretende-se investigar e os recursos que foram utilizados para a investigação	54
Quadro 3 – Organização das aulas da Sequência Didática.....	57
Quadro 4 – Categorias de análise e discussão	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Valores de referência (N – Número de alunos) e de porcentagens (%) dos fatores associados à não participação dos alunos nas atividades propostas nas aulas de Educação Física.....	65
Tabela 2 – Valores de referência (N – Número de alunos) e de porcentagens (%) dos motivos que incentivam os alunos que não participam das aulas de educação física a participar	67
Tabela 3 – Valores de referência (N – Número de alunos) e de porcentagens (%) dos motivos que levam todos os alunos a participar das aulas de Educação Física	69
Tabela 4 – Valores de referência (N – Número de alunos) e de porcentagens (%) da opinião dos alunos sobre a finalidade das aulas de Educação Física	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 Objetivo geral	19
1.2 Objetivo específico	19
1.3 Produto Educacional	20
2 REVISÃO DE LITERATURA	21
2.1 O gênero como objeto delineador do estudo	21
2.2 A apropriação genereficada dos ambientes escolares	26
2.3 A Igualdade de gênero nas aulas de Educação Física Escolar	28
2.4 O Corfebol como objeto integrador entre os gêneros	31
3 ANÁLISE DOCUMENTAL	36
3.1 A Base Nacional Comum Curricular e as questões de gênero	36
3.2 O Currículo do Estado de São Paulo e as questões de gênero no Ensino Fundamental Anos Finais	39
4 MATERIAL E MÉTODOS / PERCURSOS METODOLÓGICOS	47
4.1 Caracterização do estudo	47
4.2 Contexto da pesquisa / Participantes do estudo	49
4.3 Procedimentos de coleta de dados	51
4.4 Instrumentos de coleta de dados	53
4.5 Procedimentos de análise de dados	57
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	60
5.1 Percepções dos alunos e fatores associados a não participação nas aulas de Educação Física	60
5.2 Categoria Comportamental	73
5.2.1 O enraizamento da construção social de gênero	73
5.2.2 A dominação masculina, o medo e a vergonha	78
5.3 Categoria Pedagógica	82
5.3.1 O papel do professor contra a violência de gênero	82
5.3.2 Os conteúdos e a prática educativa	86
5.4 Desconstruir para transformar: novas perspectivas e possibilidades	88
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96



REFERÊNCIAS	99
APÊNDICE	109
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	109
APÊNDICE B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE	112
APÊNDICE C – Questionário de entrada	114
APÊNDICE D – Questionário de saída.....	117
APÊNDICE E – Sequências Didáticas / Plano de Intervenção	119
ANEXOS.....	139
ANEXO A – Parecer Consubstanciado Comitê de Ética e Pesquisa	139

1 INTRODUÇÃO

As questões de gênero permeiam diversas instâncias sociais, inclusive o contexto escolar (Meyer; Soares, 2004). Diariamente, situações, comentários, pré-conceitos expressados e disfarçados com piadas e humor consolidam as desigualdades historicamente construídas e propagadas.

Quando observamos as aulas de Educação Física, constatamos a reprodução dessas desigualdades socialmente construídas, reproduzindo em nossa prática pedagógica, muitas vezes, um padrão de comportamentos e atitudes excludentes e estereotipados, preconizando referenciais masculinizados da cultura patriarcal de desvalorização das mulheres que refletem diretamente nas aprendizagens motoras.

Para tanto, a realização deste estudo motivou-se a começar pela necessidade de tratar e promover reflexão acerca das questões de gênero, percebido que é de extrema importância no ambiente escolar para a construção de espaços mais acolhedores, proporcionar aos alunos experiências significativas da cultura corporal de movimento de maneira a superar os estereótipos criados a partir de práticas tradicionais e que perpetuam até os dias atuais, mesmo que nas entrelinhas, gerando diversas problemáticas envolvendo o componente curricular de Educação Física.

Diante disto, esta pesquisa permeou discussões a respeito das relações de gênero e como as relações de poder surgem, favorecendo a supremacia masculina pautadas no sexo biológicos. Como Goellner (2010) destaca, há, sim, a existência de diferenças de habilidade entre os sexos, porém ressalva que, tais diferenças são resultados de vivências e experiências proporcionadas desde o nascimento de maneiras diferenciadas para ambos, não estando assim relacionadas estritamente à anatomia distinta, ou seja, essas não são determinadas pelos componentes biológicos (Goellner, 2010).

Em nosso primeiro capítulo “O gênero como objeto delineador do estudo”, podemos encontrar um breve resumo de fatos importantes na história do feminismo e da luta das mulheres e como todo esse processo desencadeou a problematização das relações de gênero e da compreensão do termo em sua profundidade e história, além do seu reconhecimento como ferramenta importante na desconstrução das representações que foram naturalizadas de ser homem e mulher.

A apropriação da história é essencial para compreendermos os capítulos “A Apropriação generificada dos ambientes escolares” e “A Igualdade de gênero nas

aulas de Educação Física Escolar” desta pesquisa, que aborda, entre outras questões, como as relações pautadas no gênero se manifestam tanto nos ambiente escolares como durante as aulas de Educação Física, influenciando diretamente na participação dos estudantes na mesma, ainda como é fundamental o papel do professor na superação de algumas destas problemáticas.

No que tange às aulas de Educação Física, é importante ressaltar que, apesar de a legislação consolidar desde 1990 com a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei n.º 9.394/1996, a composição das turmas mistas para aula de Educação Física, “a segregação ainda é frequente, justificadas muitas vezes sobre concepções equivocadas pautadas apenas em diferenças biológicas” (Uchoga; Altmann, 2016, p. 164).

Ainda, segundo Tenório e Silva (2013), a falta de diversidade de conteúdos e a prevalência dos esportes, além da forma como ele é abordado, contribuem para a falta de interesse em participar de atividades práticas. Limitar as aulas de Educação Física a um único esporte é excluir as possibilidades e as outras tantas oportunidades de se desenvolver e se identificar dos estudantes, distorcendo para estes, o real objetivo do componente na grade curricular escolar.

Esses e outros tipos de “abordagens descontextualizadas, excludentes e de valorização da performance, fomentam o abandono das aulas de Educação Física, o que fica mais evidente especialmente com o passar dos ciclos de escolaridade” (Mezzetti, 2020, p. 28), que por sua vez é um grande problema, pois, quando elas ou eles deixam de participar das atividades, perdem a oportunidade de vivenciar e de adquirir competências e habilidades importantes para o seu desenvolvimento e no caso das meninas, acentuam-se defasagens construídas socialmente.

Para compreendermos melhor a dimensão de tal abismo, um estudo realizado por Oliveira *et al.* (2010), na rede pública e privada de ensino em São Luís, demonstra quantitativamente que meninas de níveis de escolaridade mais altos entre o 8.º e 9.º Ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental apresentam níveis de atividade física consideravelmente menores se comparados a meninos da mesma faixa etária. Hallal *et al.* (2006) observaram que entre 4.452 adolescentes participantes da pesquisa, a prevalência de sedentarismo foi maior entre as meninas, chegando a uma porcentagem de 67% se comparado a meninos com 49%.

Em dados mais recentes, a PeNSE (Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar) realizada em 2019 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), realizou o primeiro inquérito nacional que perguntou diretamente aos escolares diversos aspectos de sua vida, dentre eles investigou os níveis de atividade física entre estudantes do 7.º ao 9.º Ano do Ensino Fundamental, constatando assim que, 61,8% dos alunos estavam classificados como insuficientemente ativos, além de afirmar que este número é crescente com o passar dos anos de escolaridade e quando analisados em relação ao gênero (IBGE, 2019).

É perceptível tanto no decorrer da prática pedagógica como expressos em dados quantificáveis as diferenças significativas na não participação e envolvimento das meninas em atividade práticas, principalmente com o passar dos anos de escolaridade, para tanto, a Educação Física enquanto disciplina da área de conhecimento têm dentre seus objetivos, encontrar meios pedagógicos para minimizar tais problemáticas.

Na contramão da função social que integra o componente curricular de Educação Física, o Currículo Paulista, documento que orienta a proposta pedagógica das escolas pertencentes ao estado de São Paulo, deixa a desejar quanto à proposta de práticas pedagógicas que caminhem na superação da desigualdade de gênero. No capítulo de análise documental, com o tema “O Currículo do Estado de São Paulo e as questões de gênero no Ensino Fundamental - Uma análise documental”, pode-se compreender melhor como as relações de gênero estão presentes nas aulas de Educação Física e previstas tanto nos documentos norteadores da educação nacional como no currículo do estado de São Paulo.

A partir desses pressupostos, também cabe ao professor, buscar alternativas na tentativa de diminuir os abismos gerados entre os gêneros nos esportes e práticas corporais de maneira geral. Caminhando para colaboração da superação de tal problemática, este trabalho propõe uma sequência didática que utiliza como objeto de conhecimento central o esporte chamado Corfebol, discutido e compreendido em suas origens e propósito no capítulo “O Corfebol como objeto integrador entre os gêneros”.

O corfebol é um esporte holandês de quadra, obrigatoriamente misto, promovendo assim, a equidade entre os gêneros, visto que, trata-se de um dos poucos esportes no qual as equipes são compostas em igualdade de números entre homens

e mulheres, fazendo dele um esporte heterodoxo que contraria padrões normatizados. (Foucault, 2000).

O corfebol foi criado na Holanda em 1902, por Nico Broekhuysen, inspirado num jogo sueco denominado "Ringboll". Sendo um professor, interessou-se pelo desenvolvimento físico e social dos jovens, daí as regras darem importância à cooperação e à inclusão. A particularidade que o diferenciou e que o torna num excelente instrumento pedagógico, foi o facto de ser um desporto misto e com regras que garantem iguais oportunidades no jogo, obrigatoriedade em jogar em cooperação e onde as capacidades motoras como a velocidade e a agilidade sejam mais importantes que a estatura e a força [...] (Alves, 2015, p. 6).

Uma proposta que além de colocar o aluno no centro do processo de ensino aprendizagem, tornando-o protagonista, problematiza e constrói valores relacionados à equidade de gênero no mundo esportivo que, por sua vez, estende-se a vida em sociedade, uma vez que desde a sua origem, preconizando a participação de ambos os sexos, sua prática desordena as qualidades físicas, de força e superioridade.

Considerando assim, a importância das ações pedagógicas o presente estudo visa apresentar uma proposta inovadora, para estudantes do 9.º ano do Ensino Fundamental, como uma forma de intervenção que contribua para a desconstrução da normalização da superioridade masculina nas práticas esportivas dentro e fora da escola, através da prática esportiva do Corfebol.

1.1 Objetivo geral

A presente pesquisa tem como objetivo geral levantar discussões bem como problematizar as relações de poder organizadas a partir dos gêneros, além de compreender como elas influenciam na vida dos estudantes e na participação, principalmente das meninas, nas aulas de Educação Física, propondo práticas pedagógicas educativas, através de uma sequência didática para o ensino da modalidade esportiva chamada Corfebol.

1.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos são, a saber:

- Analisar como as relações de gênero são abordadas e problematizadas na Base Comum Curricular (BNCC) e no Currículo do Estado de São Paulo (Currículo em ação);
- Avaliar a prevalência e os fatores associados à participação ou não das alunas nas aulas de Educação Física;
- Implementar uma sequência didática para tematizar e problematizar as relações de gênero diminuindo os afastamentos das meninas das aulas de Educação Física.

1.3 Produto Educacional

Para o Produto Educacional, foi desenvolvido uma unidade didática sobre a prática esportiva do Corfebol para os estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais e sistematizar material de formação de professores sobre a inserção do Corfebol como ferramenta problematizadora das questões de gênero e o afastamento das meninas das aulas de Educação Física Escolar.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O gênero como objeto delineador do estudo

Com a intenção de compreendermos melhor o termo que configura esta pesquisa, é importante esclarecer de forma breve a historicidade e características que envolvem o termo “Gênero”, tal objeto de investigação, esteve relacionado aos estudos das mulheres e acompanhou o processo de evolução da militância feminista a partir dos anos 60 (Goellner, 2007).

No decorrer da história, constantemente houve registros de inúmeros episódios de resistência das mulheres, de fuga às opressões e de luta por liberdade e igualdade de direitos, no entanto, tratava-se de tentativas individuais e pontuais.

De acordo com Arruzza (2010), tanto a Revolução Inglesa (1640) como, posteriormente, a Revolução Francesa (1789), possibilitaram condições para que se começasse a refletir sobre a libertação das mulheres em termos coletivos.

Algumas autoras (Narvaz; Koller, 2006; Pinto 2010; Matos, 2008) identificam três fases do movimento feminista como movimento social organizado, essas fases conhecidas como “ondas” ou “geração”, que expõe as necessidades políticas e o contexto material e social de cada época.

Segundo Arruzza (2010), no final da década de XIX, durante a chamada “Primeira Onda” o movimento feminista, as mulheres brancas e de classe média reivindicavam direitos sociais e econômicos, ao acesso à educação e ao mundo do trabalho, à propriedade, à herança, além de direitos políticos, como votar e ser eleita.

Neste momento, ganha popularidade o chamado “sufragismo”. Os autores Sardenberg e Costa (1994) denominam esse movimento como feminismo sufragista ou burguês liberal, que se apresenta com conexão, unicamente aos interesses das mulheres brancas de classe média. Esse movimento restringiu-se a reivindicar reformas jurídicas baseada na concepção liberal, pois bastava apenas a igualdade de direitos jurídicos para solucionar as problemáticas de caráter discriminatório vivenciadas pelas mulheres, de todas as classes sociais até o momento.

Em uma “Segunda Onda”, assolados pelo clima político do regime militar, no bojo da contracultura, a partir da década de 60 e 70, simbolizado por um momento em que a organização das mulheres volta a ganhar força, é fomentado pela inquietação social e política que ressoava, também, segundo Arruzza (2010), entre os movimentos

estudantis e juvenis, o novo movimento operário, os movimentos antissegregacionistas, o movimento negro (Black Power), as lutas de libertação nacional, entre outros.

Neste período, o “novo” feminismo passa a questionar padrões, práticas e comportamentos. Reivindicam a sexualidade e autonomia da mulher no contexto familiar. Ou seja, questões igualitárias na vida, na cultura e na arte, em casa e no trabalho e contra opressões relacionadas ao corpo.

Surgem, neste momento, termos como, racismo e o sexismo, este último que se trata da discriminação pautados no sexo, que acontecem sobretudo como mulheres e meninas. “Passou-se então, a problematizar as raízes culturais das desigualdades, voltadas para a crença na inferioridade “natural” da mulher apoiadas em fatores biológicos” (Alves; Pitanguy, 1985, p. 54-55).

Já nos anos de 1980 e 1990, influenciadas pelo pensamento pós-estruturalista, as feministas passam a enfatizar a questão da diferença, da subjetividade e da singularidade, surgindo assim uma “Terceira Onda”.

Este terceiro momento, colocavam em xeque alguns preceitos, advindos da “Segunda Onda” e do feminismo liberal, denunciando o fato de que o próprio discurso feminista estaria impregnado “por um ponto de vista ocidental, branco e heterossexual, que deixaria de lado os interesses e desejos de muitas mulheres, como também de outros grupos subalternos” (Rabenhorst, 2010, p. 117).

Nesta “Terceira Onda”, então, ganha-se destaques vertentes do feminismo negro, com debates sobre discriminação racial, genocídio da população negra e a solidão da mulher negra. Começam a surgir os primeiros núcleos de estudos sobre a questão da mulher e a questão de gênero nos meios acadêmicos. Esses novos ideais abrangem uma maior diversidade ao movimento por meio do conceito de interseccionalidade entre gênero, raça e classe e diferentes mulheres passam a questionar o papel de reprodutoras, mães e donas de casa impostos pelo patriarcado.

O patriarcado, por sua vez, trata-se de um conceito importante para as discussões do feminismo, suas teorias se concentraram na subordinação e dominação da mulher pelo homem em função da reprodução e da própria sexualidade, ou seja, homens e mulheres devem desempenhar seus devidos papéis na reprodução da espécie, o que acaba determinando as relações sociais e a dominação que os

homens exercem sobre as mulheres. Além de tudo, o patriarcado ignora como as desigualdades de gênero estruturam tantas outras desigualdades.

Piscitelli (2002) demonstra que apesar de o patriarcado ser um conceito de fácil inclinação a críticas, esse não foi inteiramente abandonado, ainda assim, as hipóteses sobre as origens da opressão foram sendo gradualmente contestadas, levando a busca de materiais conceituais e teóricos mais apropriados para sua desnaturalização.

Oriundo do movimento feminista pós-estruturalista e de todo esse processo de transformação, é abrasado um novo olhar sobre o gênero, para perspectiva desse movimento o conceito de gênero engloba além do sexo biológico, problematizando as formas de construção social que estão impregnados em seu processo de diferenciação (Goellner, 2007). “Os estudos feministas, a partir daí, apostam na terminologia “Gênero” como uma forma de rejeição e protesto sobre o determinismo biológico contido em termos como o sexo e diferenças sexuais” (Goellner, 2007, p. 183).

Esses momentos da história foram muito importantes e determinantes no progresso e na conquista das mulheres e ainda se fazem imprescindíveis, pois muito há o que se avançar em direção ao reconhecimento da igualdade entre homens e mulheres.

Compreender a diversidade e o leque de possibilidades de ser homem ou mulher que a palavra gênero emprega, nos possibilita enxergar para além das fronteiras culturais tradicionais, gerando diversas interpretações e análises nos campos teóricos, segundo Louro (1996, p. 10):

[...] A ideia de pluralidade implicaria admitir não apenas que sociedades diferentes teriam diferentes concepções de homem e de mulher, como também que no interior de uma sociedade tais concepções seriam diversificadas, conforme a classe, a religião, a raça, a idade, etc.; além disso, implicaria admitir que os conceitos de masculino e feminino se transformam ao longo do tempo.

Para Louro (2014), o conceito de gênero refere-se ao modo como as características sexuais são compreendidas e também representadas confirmando a ideia de que “[...] as justificativas para as desigualdades precisam ser buscadas não nas diferenças biológicas [...], mas sim nos arranjos sociais (Louro, 2014, p. 26).

A conceituação do gênero como construção social nos permite também identificar desequilíbrios no campo das relações humanas de poder, possibilitando uma caminhada em direção a possíveis transformações.

Michel Foucault foi um filósofo, historiador das ideias e teórico social que influenciou vários pensamentos acerca do gênero e sua relação com o poder como em sua obra “Microfísica do Poder”, afirma categoricamente que “O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali” (Foucault, 2012, p. 183).

Para ele, não existe ‘o poder’ e, sim, relações de poder que podem ou não serem invertidas, podem existir momentos de resistências, como já percebemos ao longo da história, e essas regras podem ser invertidas ou reorganizadas, produzindo assim novos espaços e relações de poder.

Para Meyer (2004), gênero ainda foi utilizado por alguns pensadores como termo que contesta ou até complementava a noção de sexo, “pretendendo se referir aos comportamentos, atitudes e/ou traços de personalidade que a cultura atribuía sobre o corpo sexuado, sem ser acompanhado de problematização acerca de uma “natureza” biológica universalizável” (Meyer, 2004, p. 15), ou seja, em algumas dessas vertentes continuava-se como se o social fosse construído a partir da base biológica que os antecede.

Apesar de transitórios, as marcas culturais dos termos masculino e feminino, transcendem as décadas e é aprendida desde o nascimento “Ele é assim, porque é homem”, se consentimos que a palavra gênero está ligada a construção social a partir exclusivamente do sexo biológico, tudo que é designado ao feminino e masculino foi apenas atribuído a ele, sendo assim, construídas e naturalizadas por uma determinada sociedade como na afirmação inicial deste parágrafo.

Como ferramenta de análise, o termo “gênero” possibilita a desconstrução tanto das representações naturalizadas de que homens e mulheres constituem o seu feminino e masculino pelas diferenças biológicas, como a ideia de que essas diferenças fundamentam determinadas desigualdades (Goellner, 2001).

Segundo Goellner (2010, p. 76-77), a palavra “gênero” nos remete à condição social através da qual nos identificamos como masculinos e femininos. É diferente de “sexo”, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres, e vice-versa. Para a autora, o gênero envolve processos que

vão determinando os corpos, ou seja, o corpo é aqui entendido como local de construção de identidade. “Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno [...]. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas os significados culturais e sociais que a ele se atribuem” (Goellner, 2010, p. 72).

Vale ressaltar que a diferença entre sexos, não é algo acabado e sim construído a partir das relações sociais de acordo com o local e de como as pessoas reconhecem como ser feminino ou masculino, essas concepções conduzem as percepções sobre gênero do campo biológico para o campo social.

Para Altmann e Sousa (1999, p. 52), gênero é visto “[...] como construção social que uma dada cultura estabelece em relação a homens e mulheres” e enfatizam que a ênfase dada ao gênero com a construção social não se propõe a ignorar as diferenças biológicas, mas admitir que com base nestas diferenças novas formas de discriminação são construídas e estruturadas.

Além disso, gênero relaciona-se com outras categorias, pois não somos vistos (as) de acordo apenas com nosso sexo ou com o que a cultura fez dele, mas de uma maneira muito mais ampla: somos classificados (as) de acordo com nossa idade, raça, etnia, classe social, altura e peso corporal, habilidades motoras, dentre muitas outras. Isso ocorre nos diversos espaços sociais, incluindo a escola e as aulas de Educação Física, sejam ministradas para turmas do mesmo sexo ou não (ALTMANN; SOUSA 1999, p. 55).

A classificação de pessoas pelo gênero como “melhor” ou “pior” reflete consequências em todos os âmbitos da vida em sociedade, desde o trabalho onde ainda há diferenças salariais, com mulheres que ocupam o mesmo cargo que homens e recebendo salários menores, estando mais vulneráveis ao desemprego, até as relações afetivas, onde as mulheres são objetificadas, vítimas de assédio e importunação, resultando em altos índices de feminicídios.

No esporte não é diferente, desde a Roma e a Grécia antiga até os primeiros jogos olímpicos os esportes sempre estiveram vinculados aos comportamentos ditos masculinos, em contrapartida, as mulheres só tiveram acesso a este tipo de prática alguns anos depois. “Essa diferenciação dos corpos nas práticas esportivas e as relações de gênero são socialmente reproduzidos também dentro dos currículos escolares” (Altmann, 2015, p. 24).

Mesmo após o fim de decretos como o Decreto de Lei n.º 3.199 que inclui artigos que proibiam às mulheres a prática de qualquer tipo de luta, futebol de salão,

de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e beisebol, com a justificativa de serem incompatíveis com as condições da sua “natureza”, as mulheres que se tornaram atletas ainda enfrentavam todo tipo de preconceito (Rosemberg, 1995).

Dentre eles, a ideia de serem menos competentes que homens devido às suas características físicas e que a prática esportiva as masculiniza. Devido a isso, mulheres atletas profissionais eram induzidas a tomarem os cuidados necessários com intuito de mostrar ao público que sua prática no esporte não comprometeria sua feminilidade (Cabral; Garcia, 2001).

Como podemos perceber, os resultados das desigualdades de gênero são inúmeros e prejudicam a sociedade como um todo, apesar de afetar mais diretamente mulheres, os homens também sofrem com os impactos quando perdem a liberdade de seguir caminhos profissionais ou possuírem comportamentos classificados como femininos.

Para rompimento do pensamento binário, é necessário um novo olhar, pensar então que sujeitos constroem suas identidades em diferentes culturas e gerações e ao longo da sua vida não existindo assim um único conceito de feminilidades e masculinidades, no plural, negando a perspectiva de uma única maneira de ser masculino ou feminino.

Estudar gênero e as relações de poder presentes nas escolas pode ser um ótimo recurso utilizado para percepção de como essas relações acontecem nesse espaço e quais são esses desdobramentos na vida das pessoas que ali frequentam e se relacionam.

2.2 A apropriação genereficada dos ambientes escolares

Basta pequenos períodos na observação dos diferentes ambientes escolares em diferentes momentos como, por exemplo, nos intervalos, para notarmos a imensa discrepância da predominância masculina na ocupação dos espaços escolares, principalmente os destinados a práticas esportivas como a quadra.

Esse fenômeno foi relatado em escolas norte-americanas e inglesas, onde Thorne (1993) e Grugeon (1995) registraram que meninos dominavam a grande maioria dos espaços escolares nos momentos dos intervalos, principalmente os destinados a esportes coletivos. Além da dominação, os meninos atrapalhavam as

atividades das meninas com mais frequência do que as meninas interrompiam as atividades dos meninos.

Já no Brasil, Vago (1993) também observou que os meninos usufruíram mais dos espaços esportivos, principalmente para o jogo de futebol, mesmo que muitas vezes em locais e materiais improvisados.

A gramática esportiva se desenhou no Brasil e no mundo durante anos nas concepções hegemônicas masculinas e isso se reflete até os dias atuais em nossa sociedade, se reproduzindo conseqüentemente nos ambientes escolares, seja nas atividades propostas ou nos momentos destinados ao lazer.

De maneira geral, tanto dentro dos muros da escola como fora deles, segundo o Programa das Nações Unidas, no Brasil, homens têm 28,4% de chance de serem fisicamente mais ativos do que mulheres, ainda mulheres jovens e adultas tendem a preferir práticas não esportivas, como caminhadas e academia, por “Não gostarem”, evidenciando a ausência de valorização e incentivo dessa prática ao longo de sua vida (PNUD, 2017).

Isso se deve muito à herança cultural e estereotipada de uma rede discursiva em relação ao corpo feminino, pois mesmo após a extinção de decretos que proibiam a prática de atividades esportivas como lutas e futebol para as mulheres, esses impasses institucionais, indubitavelmente produziram e ainda produz efeitos de invisibilidade e marginalidade (Goellner, 2005). “Propagando e perpetuando, assim, discursos sobre comportamentos, hierarquias e normas, traçados a partir de perfis biológicos” (Louro, 1997, p. 24).

Dentro das instituições de ensino no século XIX, praticamente não existiam ações voltadas às práticas esportivas, se popularizando apenas a partir da intervenção de médicos higienistas, pois era através da Educação Física ditadas normas de comportamento, conduta das mulheres e homens, e para as mulheres restavam aprender sobre como se portar, serem boas mães e esposas, hoje às práticas esportivas se dá de uma maneira mais diversificada, todavia isso não quer dizer que mulheres e homens gozam de oportunidades igualitárias (Goellner, 2005).

Dentro dos muros da escola, observa-se que ainda há meninas que resistem à dominância e a supremacia dos meninos em relação a utilização dos espaços esportivos, porém são sucumbidas à pressão masculina por estes serem a grande e esmagadora maioria, sendo frequentemente colocadas em segundo plano, ou alheia

as escolhas em massa, muitas vezes excluídas e/ou impedidas de participarem juntos das práticas esportivas. Fato comprovado por Cruz e Palmeira (2009) ao afirmarem que historicamente as mulheres quase sempre exercem em diferentes setores da vida e sociedade, papéis secundários se comparado a homens.

Nesta mesma perspectiva de submissão feminina, Bourdieu (2012) afirma que quando os pensamentos dos dominados estão em conformidade com os pensamentos dos dominantes, seus atos de conhecimento tratam-se de atos de submissão.

Estes atos de submissão, segundo Hargreaves (1993), configura-se entre outros pontos, a partir da submissão econômica das mulheres em relação aos maridos, ou seja, elas deixam de ter acesso ao lazer, pois o direito ao lazer (socialmente legitimado) passa a ser dos principais responsáveis pela fonte de renda como uma recompensa pela dedicação ao trabalho.

Tal comportamento se dissemina dentro das casas e famílias e se repete com o passar das gerações que mesmo com todo esse processo de desconstrução e silenciamento de estereótipos e discursos fortemente construídos em relação ao corpo feminino, seus resquícios ainda ecoam na sociedade e consequentemente no chão das unidades escolares e se reafirmam muitas vezes onde o esporte tem grande espaço de reprodução que são as aulas de Educação Física.

Desconstruir o binarismo deve ser uma ação rotineira e de oportunidades igualitárias, pensando nisso e a partir de tais observações e constatações, partimos para uma análise mais profunda da igualdade de gêneros e as oportunidades geradas nas aulas de educação física desde a sua afirmação como componente curricular até os dias atuais.

2.3 A Igualdade de gênero nas aulas de Educação Física Escolar

As aulas de Educação Física, atualmente, como componente curricular é parte importante do processo de ensino aprendizagem, e assim como os demais componentes curriculares não pode se eximir da responsabilidade na formação integral do estudante e deve através do universo das práticas corporais, assumir seu papel na tematização e problematização da igualdade de gênero entre outras pautas urgentes da sociedade atual.

Para Jacó e Altmann (2011), às práticas pedagógicas na disciplina de Educação Física historicamente foram pautadas “em concepções médicas e biológicas, na qual se entendia, que seu papel fundamental eram contribuir para a formação de homens saudáveis e fortes e cuidar para que as mulheres não tivessem sua função da maternidade comprometida”. É fato que no decorrer de sua jornada a disciplina de Educação Física, influenciada pelos pensamentos e valores de cada época, passou muitos anos supervalorizando concepções médicas e pautadas na biologia no desenvolvimento do corpo, na supervalorização esportiva, consequentemente excluiu os menos aptos.

Essas e outras concepções errôneas acabavam por justificar as aulas de Educação Física separadas por sexo. Ainda de acordo com Jacó e Altmann (2011):

[...] A separação de turmas se dava tanto pelas diferenças biológicas que explicavam e justificavam as diferenças nas capacidades físicas e habilidades corporais, como pelo aparato legal que, baseado nestas diferenças, legitimava a ideia de quais atividades eram possíveis para as mulheres e quais deveriam ser estimuladas para cada gênero (Jacó; Altmann, 2011, p. 2).

Com a mudanças de concepção ao longo dos anos, a partir da década de 1980, colocou-se em xeque as concepções pautadas nas aptidões físicas, o que proporcionou à disciplina a oportunidade de refletir seu papel dentro da escola enquanto disciplina.

Assim, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, “a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, se torna um componente curricular obrigatório da educação básica” (Brasil, 1996, p. 27833). O que foi o pontapé inicial para legitimar a Educação Física como espaço de ensino e aprendizagem contribuindo para que o processo educacional seja o princípio primordial e estruturador de sua prática (Vago, 2009).

No que se refere ao gênero, desde a promulgação desta lei, que as aulas de Educação Física devem ocorrer de forma mista, ou seja, meninos e meninas devem frequentar o mesmo horário destinado ao componente curricular. Mesmo assim, muitos docentes optaram por propor atividades diferenciadas para meninos e meninas. Procedimentos esses que transparecem a dificuldade encontrada pelos professores para um trabalho pautado na coeducação (Souza Júnior; Darido, 2004).

A separação por gênero, como já citado, muitas vezes tem como paradigmas questões relacionadas a individualidade biológica relacionada aos sexos e de fato, embora existam tais diferenças, este, não deve ser um fator determinante para fomentar tal segregação, ou subjugar fisicamente as meninas (Souza Júnior, 2019).

Essas associações biológicas remetem a ideia de que as aulas de Educação Física devido a especificidade do componente devem estar exclusivamente ligadas ao corpo e suas possibilidades físicas, pois como relata Daolio (1996, p. 41), “uma vez que a Educação Física se destaca pela apropriação sob o conhecimento do corpo humano, tem-se a tendência de considerar o homem um ser exclusivamente biológico”.

Todavia, vale destacar que essas diferenças entre meninos e meninas, muito além de biológicas, são construídas pela sociedade na medida que deixa ofertar experiências e diferentes oportunidades para ambos os sexos. Sousa e Altmann (1999) destacam que:

Os estudantes são seres com uma bagagem prévia de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos fora da escola. A televisão, os quadrinhos, a fala e as atitudes cotidianas dos adultos e dos grupos de amigos estão cheios de estereótipos de gênero, de crenças sobre o que é ser homem ou mulher em nossa cultura (Sousa; Altmann, 1999, p. 64).

Portanto, mais que diferenças biológicas as diferenças nas habilidades motoras, devem-se principalmente ao desempenho de diferentes papéis que ambos os sexos têm diante da sociedade, oportunizando assim, consequentemente diferentes conjunturas de se movimentar e desenvolver diversas práticas corporais.

Daolio (1995, p. 102) aborda a influência da família como fator relevante nesse processo e que o comportamento e o incentivo dos pais contribuem de forma significativa nas aprendizagens tanto dos meninos quanto das meninas.

Sobre um menino, mesmo antes de nascer, já recai toda uma expectativa de segurança e altivez de um macho que vai dar sequência à linhagem [...] pouco tempo depois, dão-lhe uma bola e estimulam-no aos primeiros chutes [...] em torno de uma menina, quando nasce, paira toda uma névoa de delicadeza e cuidados. Basta observar as formas diferenciais de se carregar meninos e meninas, e as maneiras de os pais vestirem uns e outros. As meninas ganham de presente, em vez de bola, bonecas e utensílios de casa em miniatura. Além disso, são estimuladas o tempo todo a agir com delicadeza e bons modos, a não se sujar, não suar (Daolio, 1995, p. 102).

Os estudantes como produto de uma sociedade que se compõe de religião, família, influências culturais, reproduz dentro das unidades escolares aquilo que lhe é ensinado a ser, sentir e viver. Em alguns estudos desenvolvidos por Altman (1998) a autora demonstra em suas observações realizadas nos momentos dos intervalos que o gênero em si não é único fator de exclusão e que essas exclusões aconteciam indiferente as aulas serem mistas ou não, além disso observa que esses “emaranhados de exclusões” acontecia mais nas atividades esportivas do que em atividades como jogos e brincadeiras, por exemplo (Altman, 1998).

Criar situações de aprendizagens nas aulas de Educação Física, nada mais é do que criar situações em que o movimento tenha significância, por isso a participação se faz tão necessária nesse contexto, em situações em que um aluno não participar das atividades propostas em aula, não as vivenciando, não ocorrem situações de aprendizado eficazes daquele conteúdo, ou seja, um aprendizado que possibilita que esses alunos sejam capazes de ter autonomia em suas práticas, tendo compreensão sobre estas de maneira geral.

Nesse sentido, é de extrema importância que o professor seja capaz de proporcionar experiências significativas e ofertar oportunidades igualitárias para ambos os sexos, contribuindo para a diminuição do abismo, socialmente construídos, bem como contribuindo para a afirmação de um ambiente de respeito às diferenças e favorável a construção de valores voltados para equidade dos gêneros.

2.4 O Corfebol como objeto integrador entre os gêneros

O corfebol surgiu segundo a Federação Portuguesa de Corfebol (International Korfball Federation, 2011), na Holanda, no ano de 1902, inventado por um professor de Educação Física chamado Nico Broekhuysen e foi inspirado por um jogo que conhecera na Suécia chamado “Ringball”. A intenção foi de criar um jogo misto e atrativo, que não fosse muito dispendioso, e requeresse um nível considerável de atividade física. Nomeou-o então de corfebol, que em holandês deriva-se do uso de cesta: “Korf”, onde a bola devia ser introduzida para conseguir marcar o ponto.

Trata-se de um dos únicos esportes de quadra, que colocam mulheres e homens em condições de igualdade, nele os times são obrigatoriamente mistos, ou seja, as equipes do corfebol são compostas por números iguais entre homens e mulheres, além do mais, suas regras garantem iguais oportunidades no jogo,

assegurando que as habilidades exigidas sejam a velocidade e a agilidade e não a estrutura física e a força, a propósito, sua alternância de funções e o dinamismo de não violência, pressionam, assim, para uma prática cooperativa (International Korfball Federation, 2011).

O corfebol é um esporte jogado com as mãos, em uma quadra de 40 por 20 metros de largura, o objetivo principal dessa modalidade é lançar a bola dentro de uma cesta adversária para marcar pontos, para isso, a quadra é composta por dois postes de corfebol com altura de 3,5 metros com duas cestas, bem parecidos com a modalidade de basquete, porém nesta modalidade, os atletas não podem contar com o auxílio da tabela.

Seus times são mistos e compostos por 8 jogadores para cada lado, ou seja, 4 homens e 4 mulheres em cada equipe, também diferente do basquete, neste esporte não é permitido progredir com a bola, andando, correndo ou driblando. Vale ressaltar que o corfebol não é um esporte integrador apenas por conter equipes mistas, existem regras que auxiliam na equidade entre os gêneros, como por exemplo a proibição das marcações entre sexos, ou seja, homens só podem marcar homens e mulheres só podem marcar mulheres, neste esporte, também não é permitido contato físico, visto que o marcador deve se manter a um braço de distância de seu adversário (International Korfball Federation, 2011).

É importante ressaltar também que a cada duas cestas, os times trocam de zonas, isso quer dizer que os defensores viram atacantes e os atacantes viram defensores, o que abre a possibilidade de que todos, inclusive as mulheres, experimentem diferentes funções no decorrer da partida. Esse tipo de dinâmica acima citado, ajuda no fortalecimento do papel da mulher no jogo, pois assim, ela adquire espaço para assumir responsabilidades iguais às dos atletas masculinos.

Essa nova modalidade vem quebrando tabus e normas desde a sua criação e refutando os princípios do Barão de Coubertin, que não considerava a presença das mulheres no mundo olímpico quando resgatou as Olimpíadas na Era Moderna, pois segundo Tubino, (2001, p.38) a discriminação contra a mulher no esporte é remota à época dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, em que nem sequer assistir às competições era permitido às mulheres.

De acordo com Goellner *et al.* (2017), o esporte de maneira geral foi pensado pelos homens para os homens, patenteando assim, desde seu início a generificação

do seu acontecer, tais padrões estabelecidos socialmente e culturalmente em relação às práticas esportivas podem e já estão gerando um prejuízo motor irreversível para as meninas. Dentro dos espaços escolares não é diferente, os padrões culturalmente construídos ali se solidificam, principalmente na quadra, e muitas vezes durante as aulas de Educação Física, revelando imposições, valores e poderes machistas fortemente associados à cultura patriarcal.

O esporte de maneira geral é considerado um instrumento dinamizador de mudanças atitudinais positivas para todos, inclusive e em especial para o público feminino, graças à possibilidade de promoção da melhoria da autoestima, da confiança, da auto superação e da autonomia, esses elementos importantes, os quais contribuem positivamente para o empoderamento da mulher, todavia, esses impactos podem variar, e não serem tão positivos dependendo da forma que se propõe a prática, induzindo a efeitos contrários (Lim; Dixon, 2018).

São importantes a tematização e a problematização na abordagem dos esportes, seja ele misto ou não, para que seu potencial seja extraído estimulando a prática inclusiva e categórica. As ações contra as desigualdades entre gêneros, tiveram e ainda tem, que passar por um processo de reflexão profunda, surgindo novas concepções de abordagens em vários âmbitos da vida, inclusive no contexto esportivo (Singh; Naidoo, 2017).

Um exemplo disso em escala mundial é a idealização da ONU-Mulheres, que aliada a uma Organização Não Governamental nomeada *ONG Women Win*, cria projetos importantes com o objetivo de desenvolver o empoderamento de mulheres, inclusive por intermédio do esporte. Esta organização, contou com a parceria do Comitê Olímpico Internacional (COI) e do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), em que juntos lançaram o programa – “Uma Vitória Leva à Outra” que visa à promoção da igualdade de gênero, empoderamento e liderança para mulheres com a ajuda das práticas esportivas (Onu-Mulheres, 2019).

O fato é que ainda que já existem programas voltados para a equidade de gênero nos diversos esferas da vida, inclusive no âmbito da educacional, é de extrema importância a contextualização e abordagem crítica cada vez mais cedo e com mais frequência que já ocorrem, a fim de fomentar que tais problemáticas transcendam os muros escolares, invadam a casa dos adolescentes e crianças e transformem, mesmo

que na contramão, o pensamentos dos adultos, pais e responsáveis, para um verdadeiro, legítimo e efetivo impacto social.

Como alternativa, o esporte corfebol contraria os padrões socialmente e culturalmente construídos, motivando a participação, a igualdade entre os gêneros no meio esportivo, proporcionando um ambiente propício à convivência, resgate da autoestima e oportunidades igualitárias de vivências, desestabilizando assim o sistema permanente e constante de identidades e performance de gêneros (Brito, 2017).

As possibilidades de transformações que o corfebol, como prática esportiva dentro da escola pode proporcionar, vai ao encontro com as considerações ligado às práticas esportivas e o pensar da professora Helena Altmann:

Ao praticar esportes, atletas abrem novos espaços para a experiência feminina, desafiam legislações e normas, iniciam novos ramos profissionais, desconstróem discursos científicos, negam a fragilidade do feminino para construir um corpo forte e habilidoso. Enfim, pode-se pensá-la como uma prática libertária, pois, no esporte, mulheres experimentam novas possibilidades de existir (Altmann, 2015, p. 2271).

Autores como Crum (2014) e Gubby (2015) certificam ao esporte corfebol a liquidação de um espaço onde as relações de gênero podem ser refinadas de maneira igualitária, auxiliando através de seu sistema tático e regras, a incorporação de valores relativos à não violência entre os gêneros e cooperação mútua, reconstruindo espaços e desconstruindo concepções socioculturais atreladas ao gênero, minimizando de fato a segregação sexual no esporte, a qual ainda prevalece nos esportes tradicionais.

Em seu estudo, Acker *et al.* (2010) constatou que além de jogos de invasão adaptados, o corfebol se apresenta como uma proposta de atividade coeducativas que ajudam na estimulação da participação e no aumento dos níveis de atividade física de intensidade moderada à vigorosa (AFMV) em crianças e adolescentes de 13 anos, além de possibilitar a igualdade de oportunidades entre os sexos.

Em um outro estudo acerca dos esportes mistos, Paixão (2017) relata as experiências positivas de uma proposta prática pedagógica com o corfebol, realizadas por acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Viçosa onde foi contatado que o Corfebol como proposta de trabalho, bem elaborada e planejada intencionalmente promoveu inúmeros desafios aos alunos e professores, mas também experiências de aprendizagens significativas, no tocante às

questões de gênero pode-se notar durante as reuniões de grupos e durante todo o processo de intervenção, que a superioridade masculina não se concretizou.

O corfebol não se apresenta também neste estudo apenas como um esporte alternativo às práticas tradicionais, mas como um movimento de resistência às relações de poder do bojo social e reproduzidos dentro dos muros escolares, ainda mais no ressuscitar de um contexto conservador recente o qual vivemos em nosso país nos últimos anos. Por isso é necessário lutar por políticas curriculares de inclusão, a partir de uma visão ampliada e profunda do termo.

3 ANÁLISE DOCUMENTAL

3.1 A Base Nacional Comum Curricular e as questões de gênero

A proposta desta etapa inicial é compreender como as relações de gênero estão presentes nas aulas de Educação Física e previstas tanto nos documentos norteadores da educação nacional como no Currículo do Estado de São Paulo.

A vista disso, é de extrema importância compreendermos a reconstrução e as transformações ocorridas pela Educação Física ao longo dos anos, mais especificamente, se tratando da Educação Física como disciplina, está se estabelece no Brasil, entre o fim do século XIX e o no início do século XX, atrelada a fortes influências tradicionais e assim permanecendo por diversas fases da nossa história (Soares, 1994).

Com o retorno do Brasil à democracia, na década de 1980, as liberdades civis emergentes promoveram novas ideias, gerando um movimento renovador que levaram ao renascimento de abordagens pedagógicas críticas e significativas não só para educação como um todo, mas também para a Educação Física Escolar (Kunz, 1994).

A entrada mais decisiva das ciências sociais e humanas na área da EF, processo que tem vários determinantes, permitiu ou fez surgir uma análise crítica do paradigma da aptidão física. Mas esse viés encontra-se num movimento mais amplo que tem sido chamado de movimento renovador da EF brasileira na década de 1980 (Bracht, 1999, p.77).

Até o presente momento da história, todas as propostas se amparam em uma visão descontextualizada, monocultural e excludente da Educação Física, servidas, de fato, às demandas da sociedade de cada época, como esperado pelos governantes, entretanto completamente distante das demandas sociais vigentes, sobretudo no que diz respeito às demandas pedagógicas da contemporaneidade (Silva, 2011).

As teorias críticas e posteriormente as teorias pós-críticas, segundo Pinheiro (2009), centram, de maneira geral suas ideias nas lutas de classes, colocando em xeque metanarrativas e ideias dominantes, abrindo espaço para reflexões sobre a seleção de conteúdos a serem abordados no currículo da Educação Física Escolar (Soares *et al.*, 1992).

Atualmente, o currículo cultural da Educação Física, em seu discurso, busca estratégias mais democráticas, rompendo preconceitos e ordenações de classes, incentivando a construção de posturas críticas. Passa-se a pensar o corpo para além de suas bases biológicas tornando-se também um produto de relações entre natureza e cultura, marcado pelas diversas estruturas sociais, temporais, econômicas e étnicas. E se os corpos se diferenciam, é necessário compreender que os gêneros e as identidades também (Goellner, 2010).

É neste prisma que nascem, dão os primeiros passos e se reformulam os principais documentos que regem a educação nacional atual, como os PCN's, do qual Darido (2003) destacam a inclusão como o principal avanço na área da Educação Física a LDB Lei das Diretrizes de Bases n.º 4.024 de 1961, reformulada em 1971 e, posteriormente, em 1996, tal como a criação da BNCC, um documento normativo do MEC, Ministério da Educação, com objetivo de nortear propostas curriculares de menores esferas de ensino de todo o Brasil (Brasil, 2018).

Mas, como são previstas e apresentadas temáticas e questões relacionadas a gênero neste nesses documentos?

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), segundo o próprio documento, tem caráter normativo e define “O conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica”, assegurando assim, os direitos de aprendizagem, alinhados ao PNE - Plano Nacional de Educação (Brasil, 2018).

Legalmente, a BNCC se faz presente no artigo 210, da Constituição da República de 1988, que diz: “Serão fixados conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”. Este documento não é imposto como um currículo, porém apresenta concepções relativas às finalidades e objetivos de cada componente curricular, propondo uma distribuição ao longo dos ciclos de ensino (Betti, 1998).

Na BNCC, a Educação Física e os demais componentes curriculares se apresentam com a finalidade de assegurar a formação integral do aluno e, para tanto, define direitos relativos à aprendizagem e ao desenvolvimento e baseiam-se em princípios éticos, políticos e estéticos. Em específico, para a Educação Física, as práticas corporais são utilizadas como referência para a configuração dos seus

conhecimentos, destacando-se: As brincadeiras e jogos, danças, esportes, ginásticas, lutas e práticas corporais de aventura (Neira; Souza Junior, 2016).

A Base Nacional Comum Curricular caracteriza a Educação Física como área de linguagens e apresenta como objetivo compreender o enraizamento sociocultural das linguagens, ampliando a possibilidade de utilização das mesmas (Martineli *et al.*, 2016).

Para os Anos Finais do Ensino Fundamental, o documento sugere práticas corporais como danças, esportes, ginásticas (condicionamento físico), lutas e práticas corporais de aventura. Além disso, todos os objetos de conhecimento do componente estão articulados a 8 dimensões do conhecimento ligadas à experimentação, fruição, reflexão sobre a ação, construção de valores, análise e compreensão crítica das práticas corporais e protagonismo comunitário (Brasil, 2018).

Em seu texto introdutório, com subtítulo “Competências Gerais da BNCC”, especificamente na competência 9, podemos identificar uma janela para desenvolvimento de um currículo sobre a igualdade entre os sexos.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2018, p. 8).

Subsequente, nas orientações destinadas ao componente curricular de Educação Física, entre as 10 competências específicas de Educação Física para o Ensino Fundamental, podemos destacar 3 competências que contemplem o desenvolvimento de habilidades voltadas ao desenvolvimento socioemocional o combate a atitudes de discriminação, preconceito e princípios de igualdade, são elas:

4. Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas.

5. Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes.

6. Interpretar e recriar os valores, os sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam (Brasil, 2018, p. 7).

É evidente, em diversas passagens do referido documento, a preocupação no “desenvolvimento integral do estudante pautados em princípios éticos, políticos e estéticos e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (Brasil, 2018, p. 7). Porém vale ressaltar, como já previsto por Neira (2011a), que o reconhecimento e a celebração de tais habilidades não garantem a contemplação pelos grupos minoritários da escola, sobretudo, a problematização de estereótipos e preconceitos é de suma importância na criação de recursos com os quais os membros dos grupos minoritários e marginalizados sejam contemplados.

Sendo a BNCC, um instrumento que orienta os currículos elaborados para as escolas estaduais e municipais, vale destacar que a mesma não contempla de forma clara e específica temáticas e questões relacionadas a gênero no componente de Educação Física, apesar das competências e habilidades se agregarem, há uma grande incompatibilidade entre o que se anuncia e o que efetivamente propõe.

Portanto, há uma deficiência visível em se oferecer subsídios que auxiliem na caminhada em direção a uma profunda compreensão de temáticas de cunho social, como as problemáticas relacionadas ao gênero, o que corrobora para que a BNCC seja mais um documento que apenas defender um discurso vago, que se perde ao chegar no chão das unidades escolares e nas quadras de todo Brasil, não oferecendo o suporte efetivo para uma real construção de sujeitos integralmente formados.

3.2 O Currículo do Estado de São Paulo e as questões de gênero no Ensino Fundamental Anos Finais

Contemplando as competências gerais discriminadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e homologada em 20 de dezembro de 2017, é gerado o currículo Paulista o qual orienta a proposta pedagógica de cada escola pertencente ao estado de São Paulo.

O Currículo Paulista define e explicita, a todos os profissionais da educação que atuam no estado, as competências e as habilidades essenciais para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos estudantes paulistas considerando sempre sua formação integral, pretende estimular a construção do projeto de vida dos estudantes, além de estabelecer compromissos pedagógicos de alfabetização, letramento, a ampliação e ressignificação do uso das tecnologias e a do processo

avaliativo como ferramenta para garantia da igualdade de aprendizagens (São Paulo, 2019).

Constituído de um volume para cada bimestre e mais recentemente em 2022, um volume para cada semestre, o material é composto por um caderno do aluno, com textos, imagens explicativas e exercícios, um caderno do professor no qual discorre sobre os conteúdos, habilidades e competências a serem desenvolvidas e trabalhadas durante cada bimestre além de orientações quanto às formas de avaliação, gestão de sala de aula e recuperação.

Segundo a perspectiva defendida pelo Currículo Paulista, a equidade abrange a inclusão de todos os estudantes nas escolas e a garantia de seu direito à educação pública de qualidade, ainda dispõe da necessidade de respeitar a diversidade cultural, a socioeconômica, a étnico-racial, a de gênero bem como as manifestações socioculturais presentes no território estadual (São Paulo, 2019).

O enfoque crítico da proposta curricular do estado de São Paulo é facilmente constatado na leitura do material fornecido pela SEE/SP, ao analisar as habilidades e competências para o componente curricular de Educação Física, mesmo que de maneira pontual, há a menção de questões relacionadas ao combate ao preconceito e a discriminação de qualquer via como podemos notar na habilidade EF06EF09, para o 6.º ano do Ensino Fundamental, que propõe a construção de procedimentos e normas de convívio que viabilizem a participação de todos na prática de exercícios físicos (São Paulo, 2019).

Habilidades voltadas para a desconstrução de preconceitos e estereótipos e que propõem alternativas para superá-los, com base na solidariedade, na justiça, na equidade e no respeito, voltam a surgir durante o 7.º e 8.º Ano do Ensino Fundamental, mais especificamente nas habilidades, EF07EF17 e EF08EF14, durante o desenvolvimento das unidades temáticas de Lutas do Brasil e danças de salão (São Paulo, 2019).

Além disso, percebe-se em outros momentos, a preocupação e situações de aprendizagem que procuram reconhecer e problematizar padrões de beleza e estética vinculados ao meios de comunicação, mas porém, sem enfoque nas relações de gênero e poder entre homens e mulheres, entretanto, em absoluta maioria, o que prevalece são habilidade e situações de aprendizagens voltadas para o ensino técnico e táticos de modalidades esportivas e lutas, identificação de capacidades físicas e

desenvolvimento de estilo de vida saudável, através da unidade temática corpo movimento e saúde (São Paulo, 2019).

O documento Currículo Paulista apresenta para todas as etapas de ensino habilidades a serem desenvolvidas no decorrer do ano letivo, a seguir segue o quadro das habilidades destinadas ao 9.º Ano do Ensino Fundamental onde essa presente pesquisa foi desenvolvida.

Quadro 1 – Unidades temáticas, objeto de conhecimento e habilidades a serem desenvolvidas no 9.º Ano do Ensino Fundamental

(continua)

UNIDADES TEMÁTICAS	ANO	HABILIDADES CURRÍCULO PAULISTA	OBJETO DE CONHECIMENTO
ESPORTES	9.º	(EF09EF02) Praticar um ou mais esportes de invasão e combate oferecidos pela escola, usando habilidades técnico-táticas básicas.	Esportes: de invasão, de combate
ESPORTES	9.º	(EF09EF03) Formular e utilizar estratégias para solucionar os desafios técnicos e táticos, tanto nos esportes de invasão e de combate como nas modalidades esportivas escolhidas para praticar.	Esportes: de invasão, de combate
ESPORTES	9.º	(EF09EF04) Identificar os elementos técnicos ou técnico-táticos individuais, combinações táticas, sistemas de jogo e regras das modalidades esportivas praticadas, bem como diferenciar as modalidades esportivas com base nos critérios da lógica interna das categorias de esporte: invasão e combate.	Esportes: de invasão, de combate

Quadro 1 – Unidades temáticas, objeto de conhecimento e habilidades a serem desenvolvidas no 9.º Ano do Ensino Fundamental

(continua)

UNIDADES TEMÁTICAS	ANO	HABILIDADES CURRÍCULO PAULISTA	OBJETO DE CONHECIMENTO
ESPORTES	9.º	(EF09EF05) Identificar as transformações históricas do fenômeno esportivo e discutir alguns de seus problemas (corrupção, violência etc.) e a forma como as mídias os apresentam.	Esportes: de invasão, de combate
ESPORTES	9.º	(EF09EF06) Verificar locais disponíveis na comunidade para a prática de esportes e das demais práticas corporais tematizadas na escola, propondo e produzindo alternativas para utilizá-los no tempo livre.	Esportes: de invasão, de combate
ESPORTES	9.º	(EF09EF22*) Discutir as transformações históricas dos esportes Paralímpicos considerando as políticas públicas de inclusão.	Esporte Paralímpicos
GINÁSTICA	9.º	(EF09EF07) Experimentar e fruir um ou mais programas de exercícios físicos, identificando as exigências de consciência corporal, condicionamento físico e discutir como a prática de cada uma dessas manifestações pode contribuir para a melhoria das condições de vida, saúde, bem-estar e cuidado consigo mesmo.	Ginástica de condicionamento físico e consciência corporal

Quadro 1 – Unidades temáticas, objeto de conhecimento e habilidades a serem desenvolvidas no 9.º Ano do Ensino Fundamental

(continua)

UNIDADES TEMÁTICAS	ANO	HABILIDADES CURRÍCULO PAULISTA	OBJETO DE CONHECIMENTO
GINÁSTICA	9.º	(EF09EF08) Discutir as transformações históricas dos padrões de desempenho, saúde e beleza, considerando a forma como são apresentados nos diferentes meios (científico, midiático etc.).	Ginástica de condicionamento físico e consciência corporal
GINÁSTICA	9.º	(EF09EF11) Identificar as diferenças e semelhanças entre a ginástica de conscientização corporal e as de condicionamento físico, e discutir como a prática de cada uma dessas manifestações pode contribuir para a melhoria das condições de vida, saúde, bem-estar e cuidado consigo mesmo.	Ginástica de condicionamento físico e consciência corporal
DANÇA	9.º	(EF09EF12) Experimentar, fruir e recriar, danças de salão, valorizando a diversidade cultural e respeitando a tradição dessas culturas.	Dança de Salão
DANÇA	9.º	(EF09EF14) Identificar e discutir os estereótipos e preconceitos relativos às danças propondo alternativas para superá-los.	Dança de Salão

Quadro 1 – Unidades temáticas, objeto de conhecimento e habilidades a serem desenvolvidas no 9.º Ano do Ensino Fundamental

(continua)

UNIDADES TEMÁTICAS	ANO	HABILIDADES CURRÍCULO PAULISTA	OBJETO DE CONHECIMENTO
LUTAS	9.º	(EF09EF16) Experimentar e fruir a execução dos movimentos pertencentes às lutas do mundo, adotando procedimentos de segurança e respeitando o oponente	Lutas do Mundo
LUTAS	9.º	(EF09EF18) Discutir as transformações históricas, o processo de esportivização e a midiaticização de uma ou mais lutas, valorizando e respeitando suas culturas de origem.	Lutas do Mundo
PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA	9.º	(EF09EF19) Explorar diferentes práticas corporais de aventura na natureza, respeitando o patrimônio natural e minimizando os impactos de degradação ambiental.	Práticas Corporais de Aventura na Natureza
PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA	9.º	(EF09EF21) Identificar as características (equipamentos de segurança, instrumentos, indumentária, organização) das práticas corporais de aventura na natureza, bem como suas transformações históricas.	Práticas Corporais de Aventura na Natureza
CORPO, MOVIMENTO E SAÚDE	9.º	(EF09EF23*) Discutir as implicações dos hábitos alimentares na incidência de obesidade, na saúde e qualidade de vida.	Hábitos Alimentares

Quadro 1 – Unidades temáticas, objeto de conhecimento e habilidades a serem desenvolvidas no 9.º Ano do Ensino Fundamental

(conclusão)

UNIDADES TEMÁTICAS	ANO	HABILIDADES CURRÍCULO PAULISTA	OBJETO DE CONHECIMENTO
CORPO, MOVIMENTO E SAÚDE	9.º	(EF09EF24) Identificar a relação entre exercício físico e composição corporal.	Exercício Físico e Composição Corporal
CORPO, MOVIMENTO E SAÚDE	9.º	(EF09EF25) Identificar os princípios do treinamento físico.	Treinamento Físico

Fonte: São Paulo (2019, p. 277).

Ao analisarmos o quadro de habilidades propostas para o 9.º Ano, podemos notar que algumas das habilidades propostas estão destinadas, sim, para o desenvolvimento de competências socioemocionais, assim como nos demais níveis de ensino, porém, apenas a habilidade 14 do objeto de conhecimento dança “Identificar e discutir os estereótipos e preconceitos relativos às danças de salão propondo alternativas para superá-los” (São Paulo, 2019, p. 278), em tese proporciona uma abertura maior e um maior direcionamento para um possível problematização das questões de gênero.

Ainda no 9.º Ano, porém na unidade temática Ginástica, em sua 8.ª habilidade: “Discutir as transformações históricas dos padrões de desempenho, saúde e beleza, considerando a forma como são apresentados nos diferentes meios (científico, midiático, etc.)” (São Paulo, 2019, p. 761). Podemos encontrar novas oportunidades de abordar temas como padrões de desempenho relacionados aos gêneros.

Na 5.ª habilidade, por exemplo, alocada para o objeto de conhecimento esportes, “Identificar as transformações históricas do fenômeno esportivo e discutir alguns de seus problemas (doping, corrupção, violência etc.) e a forma como as mídias os apresentam” (São Paulo, 2019, p. 760), sugere-se ao professor, “Propor a discussão de como o *doping*, a violência e a corrupção influenciam as transformações históricas do esporte, analisando como essas transformações são apresentadas pela mídia”, o que também oferece uma lacuna importante para discussões relacionadas

ao gênero no meio esportivo, bem como o esporte feminino na mídia (São Paulo, 2019, p. 760).

Apesar destas habilidades em específico proporcionarem tal abertura, quando analisamos as situações de aprendizagens propostos para esta ou qualquer outra habilidade, no Caderno do Aluno que acompanha o currículo, podemos notar que não há qualquer menção a problematização dos preconceitos pautadas pelo gênero.

Assim como a BNCC, é como se os objetivos do componente não se harmonizassem com a competências e habilidades que se pretendem desenvolver e não fazem qualquer menção a palavra “gênero” e como alerta Neira (2011b), os conteúdos ainda apresentam fortes ligações com grupos dominantes o que reduz o espaço para manifestações de outras concepções, anulando a diversidade local vigente e pouca probabilidade ou tempo hábil para modificações curriculares pelos professores, colocando-o como mero transmissor do conhecimento.

Além disso, a elucidação da soberania do objeto de conhecimento Esporte perante as demais unidades temáticas e a excessiva esportivização com resquícios de propostas tradicionais manifestam-se inclusive nas sequências didáticas nas quais apesar das habilidades estarem voltadas para a superação de padrões segregadores, estão sempre relacionadas à unidade temática como o esporte paraolímpico.

Nota-se que pensar de todo processo de transformação da área que ocorreu e ainda transcorre, denotando melhorias significativas e avanços promissores no reconhecimento da diversidade e no desenvolvimento integral do aluno, é deficitário a problematização de temas importantes tal como a ordem hierárquica das relações sociais entre homens e mulheres.

Segundo Betti e Gomes-da-Silva (2019), para que ocorram mudanças significativas nos objetos de conhecimento que compõem o componente curricular de Educação Física, há a necessidade de esforços que transcendem a simples alteração da matriz curricular, são ações que envolvem desde a formação docente até o projeto político pedagógico da escola.

4 MATERIAL E MÉTODOS / PERCURSOS METODOLÓGICOS

4.1 Caracterização do estudo

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, considerando a realidade educacional de constante construção e reconstrução e com fortes influências do meio social e cultural (André, 2000).

O termo qualitativo implica uma extensa partilha entre pessoas, fatos e locais que se constituem como objetos de estudo e pesquisa, com a intenção de extrair dessas interações os seus significados palpáveis, sobre a análise de diferentes perspectivas e nas reflexões do próprio pesquisador sobre sua pesquisa como parte de todo o processo de construção do conhecimento. A opção pela pesquisa qualitativa para o ambiente escolar nos permite descrever a complexidade deste problema, além disso seus objetivos de estudo representam os sujeitos e as suas práticas no ambiente cotidiano (Chizzotti, 2003).

Dentre os diversos tipos de pesquisa qualitativas, a pesquisa participante, qualificada como adequada para este estudo, sugere a inserção do pesquisador no campo de investigação e esse formato de pesquisa é fundamentado e efetivado através de uma ação ou com uma resolução de uma problemática coletiva, o qual os pesquisadores e participantes se envolvem de modo participativo, atuando como sujeitos e concomitantemente objetos da produção do conhecimento (Thiollent, 2011).

A partir deste entendimento, este estudo foi realizado através da análise de discurso dos alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental relacionados a estereótipos ligados ao gênero nas aulas de Educação Física por meio de uma sequência de intervenções pedagógicas. Para tanto, esta pesquisa foi desenvolvida nas seguintes etapas: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo.

A primeira etapa iniciou-se a partir da produção de um referencial teórico através da pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2002), essa modalidade de pesquisa se finda no levantamento de material já produzidos sobre a temática, dentre eles livros e artigos científicos com a finalidade de realizar o resgate histórico, em nosso caso, sobre a temática de gênero no contexto escolar e fora dele.

O referencial teórico é de extrema importância para o pesquisador, já que possibilita uma compreensão aprofundada de tudo que já foi estudado e pensado na

área que se deseja pesquisar, auxiliando na construção e formação de opinião, garantindo assim, uma qualidade científica ao trabalho que venha a ser desenvolvido.

A segunda etapa trata-se de um estudo documental o qual diferencia-se da pesquisa bibliográfica pela identificação, verificação e apreciação de documentos com uma finalidade específica (Thomas; Nelson, 2012).

Segundo Gil (2002), esta modalidade de pesquisa assemelha-se com a de pesquisa bibliográfica diferenciando-se apenas na natureza de suas fontes, pois enquanto a pesquisa bibliográfica se constitui de diversos autores a pesquisa documental, por sua vez recorre a documentos e materiais os quais ainda não receberam o tratado analítico.

Esta etapa, em específico, foi realizada a partir de documentos orientadores e normativos de vigência nacional e estadual como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo Estadual Paulista (São Paulo, 2019) com intuito de identificar, analisar e levantar registros, tópicos, além de temas/ conteúdos relacionados a construção de valores e formação críticas ligados a questões de gênero, assim, procurar compreender o fenômeno em sua profundidade e complexidade fundamentada em documentos que norteiam e instruem, ou deveriam instruir o processo educativo.

Já na etapa 3, com a pesquisa de campo, por sua vez, foi desenvolvida no formato de pesquisa participante com intervenções e atividades diretamente relacionadas às temáticas de gênero nas aulas de Educação Física em uma turma de 9.º Ano, composta por aproximadamente 35 alunos de ambos os sexos de uma escola estadual do município de Teodoro Sampaio localizada no estado de São Paulo.

A pesquisa participante parte da análise da sociedade investigada, a partir da realidade cotidiana de quem está envolvido na pesquisa e sua interação com o ambiente. Esta modalidade de pesquisa é desenvolvida em 4 etapas, sendo elas: (1) Montagem metodológica, (2) Estudo preliminar da população investigada, (3) Análise crítica dos problemas que serão investigados e (4) Programa de ação e aplicação (Gil, 2002; Brandão; Borges, 2007).

Durante a primeira etapa, denominada “Montagem metodológica”, o pesquisador define qual técnica e métodos serão utilizados para realização da coleta de dados. A segunda etapa, refere-se à etapa de “Estudo preliminar da população investigada” esta está relacionada com a observação do pesquisador em relação às

principais características daquela comunidade investigada e se seus métodos de análise condizem com aquela realidade (Gil, 2002; Demo, 2004).

Já na terceira fase, intitulada “Análise crítica dos problemas que serão investigados”, o pesquisador tentará compreender até que ponto poderá se aprofundar e o quanto ele necessita e pode realizar sua intervenção, incentivada pelo quanto aquela comunidade necessita desta transformação. Na quarta e última etapa “Programa de ação e aplicação”, o pesquisador realizará a idealização e a construção para a aplicação das suas ações frente a comunidade (Gil, 2002; Demo, 2004).

4.2 Contexto da pesquisa / Participantes do estudo

A escola na qual a pesquisa foi realizada pertence à Diretoria de Ensino de Mirante do Paranapanema, portanto, trata-se de uma escola estadual que localiza-se na cidade de Teodoro Sampaio, no oeste do estado de São Paulo, próximo à cidade de Presidente Prudente, criada pela lei 9199 de 2; 12; de 1965 e em pleno funcionamento até os dias atuais.

No ano de 2019, a unidade passou a atender em período Integral, dedicando-se aos alunos do 6.º ao 9.º Ano do Ensino Fundamental Anos Finais e da 1.ª a 3.ª Série do Ensino Médio. Este projeto de ensino integral foi criado pela Secretaria Estadual de Educação – Programa de Ensino Integral, com objetivo de melhorar a qualidade de educação do Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio local. Seu horário de funcionamento, após adesão ao programa fica, portanto, das 07h às 16h, totalizando 09 horas.

Atualmente, a escola localiza-se no centro da cidade, porém existem bairros próximos onde residem uma população com características de classe média e média baixa, assim a unidade também atende alunos de escolas rurais e bairros mais distantes, sendo esses alunos auxiliados pelo transporte escolar fornecido pela prefeitura municipal. Sua equipe é formada por mais de 35 profissionais designados ao regime de dedicação plena e integral (RDPI) com carga horária de 40 horas semanais.

A escola tem capacidade para dois professores de Educação Física, apresentando uma quadra poliesportiva coberta onde ocorrem as aulas de Educação Física, uma extensa área de gramado extensa, porém pouco arborizada, estando muito exposta ao sol e chuva, e uma quadra descoberta e um pátio coberto.

De maneira geral, na prática esportiva se faz muito presente, reservadas assim para o momento das aulas de Educação Física, propriamente ditas, também aos momentos de clubes Juvenis (2 aulas de 45 minutos semanalmente) e os próprios alunos são responsáveis sem o auxílio presencial de professores. Por criarem as turmas e desse protagonismo, surgem diversos clubes esportivos, como vôlei, tênis de mesa, futsal e xadrez. As práticas esportivas também se fazem presentes nos momentos dos intervalos, sendo um deles o horário do almoço com duração de 1 hora e meia.

Entre prós e contras, a escola como período integral causam influências sob o desenvolver das aulas de Educação Física, muitas aulas acabam se chocando com o outro professor da unidade, o que gera uma necessidade de adaptação do local de prática muitas vezes, dentre outros fatores o fato da escola ser de período integral faz com que muitos alunos, principalmente dos Anos Finais do Ensino Fundamental e Médio, se afastem das aulas, pois não há tempo, nem lugar adequado para sua higienização após a prática esportivas.

Além disso, a escassez de materiais esportivos presentes em muitas escolas regulares se agrava no período integral, devido aos clubes esportivos funcionarem sem a supervisão de professores, muitos desses materiais se perdem, seja por falta de cuidado ou mal uso, dificultando de certa forma o zelo pelos mesmos, infelizmente.

Os alunos participantes da pesquisa foram estudantes da turma do 9.º Ano A do Ensino Fundamental Anos Finais, cuja idades variam entre 13 e 15 anos. A turma é composta por 32 alunos, sendo 19 meninas e 13 meninos.

Apesar da turma ser composta em sua maioria, pelo menos inicialmente, de meninas, este não foi o único fator para a escolha desta turma, dentre outros fatores, também a ocorrência de transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, ou seja, trata-se do último ano do ensino fundamental, e mais importante, por apresentar um grande número de afastamento, principalmente das meninas, das aulas de Educação Física, no decorrer dos meses e em relação às outras turmas de 9.º Anos as quais já havia lecionado em anos anteriores.

Portanto, a seleção dos(as) participantes deu-se a partir de uma amostragem por conveniência e de forma voluntária. Além da familiaridade da pesquisadora com a turma, o que facilita a análise e identificação das dificuldades encontradas no cotidiano dos estudantes.

4.3 Procedimentos de coleta de dados

Para a realização do estudo foi solicitada, previamente, à direção da escola, bem como à Diretoria de Ensino de Mirante do Paranapanema, a autorização para que o mesmo fosse efetuado. A solicitação foi realizada em reunião com a gestão escolar e formalizada com 2 termos de autorização, um fornecido e assinado pela diretora vigente e outro assinado pelo dirigente de ensino.

Após a autorização por parte da direção e da diretoria, e a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa, este que ocorreu na segunda quinzena de setembro do ano de 2023, os alunos foram convidados a participar do estudo, através de uma roda de conversa, realizada em uma de nossas aulas de Educação Física, quando foram explicados em detalhes os objetivos desta pesquisa e o que iria acontecer no decorrer dela. Neste momento de interação, os alunos tiveram a oportunidade de esclarecer dúvidas e sanar curiosidades, o que foi essencial para incentivá-los a contribuir e envolver-se.

Em um primeiro momento, todos os 32 alunos matriculados na turma se interessaram em participar, assim, na aula seguinte, receberam o termo de consentimento formal e esclarecido para assinatura dos pais ou responsáveis. Os jovens também receberam junto com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - (APÊNDICE A) o termo de Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) - (APÊNDICE B), este que deveria ser assinado pelo próprio participante, indicando que compreendeu os objetivos do estudo e que está disposto a desenvolvê-lo com responsabilidade.

O processo de regularização da pesquisa e dos documentos necessários para que a mesma pudesse iniciar-se estenderam-se por uma semana. Para agilizar o processo, foi estabelecido o contato com os pais por telefone para esclarecer possíveis dúvidas que surgissem e lembrá-los da importância do envio desta documentação. Os alunos entregaram a documentação durante o período escolar, não necessariamente nas aulas de Educação Física para agilizar o processo.

Após a assinatura dos termos, foi aplicado o questionário diagnóstico (questionário de entrada), durante a primeira semana de outubro de 2023, com o objetivo inicial de compreender as percepções dos alunos sobre a questão de gênero relacionadas às práticas esportivas e nortear a elaboração da sequência didática. Este questionário intitulado “Participação nas aulas de Educação Física” (APÊNDICE C)

conteve 7 questões de múltipla escolha, com opção para justificativa de tais escolhas, foi aplicado anteriormente a inicialização da intervenção pedagógica e também durante a aula de Educação Física pela própria pesquisadora.

As questões dos questionários foram previamente lidas em voz alta, para orientações pertinentes como, por exemplo, as questões de número 4 e 5 só poderiam ser respondidas pelos alunos que, na questão de número 3 selecionaram a opção “Não”, para tanto, a partir da questão de número 4 poderiam selecionar mais de uma única opção de resposta, para só então responderem individualmente. Ambas as aplicações dos questionários tiveram a duração de uma aula de 45 minutos cada.

No período de outubro a novembro, foi conduzida a aplicação da sequência didática, com duração prevista para 10 aulas (9 sequências didáticas) de 45 minutos. (6 Semanas), na grade curricular, as aulas de Educação Física destinadas a turma participante da pesquisa estavam dispostas em horários separados, uma ocorria às segundas-feiras e outra às quintas-feiras, ambas no período da manhã.

Todas as intervenções, sejam prévias à aplicação da sequência didática (questionário de entrada), ou às atividades propriamente ditas (sequência didática) bem como, o questionário de saída, ocorreram durante as aulas de Educação Física, que aconteciam de uma a duas vezes por semana, dependendo de como as aulas de Educação Física estavam organizadas, ou seja, levando em consideração feriados e demandas escolares, paralisação para avaliações externas e internas.

As informações, para além dos questionários propostos, também foram coletadas por meio de fotos, relatos fornecidos em meio às atividades propostas pela intervenção pedagógica, durante as rodas de conversa e anotações em diário de campo ao final de cada aula. As informações coletadas foram registradas de maneira detalhada e o mais completo possível, contendo datas, tema, conteúdo, atividades propostas e seus objetivos, alcançados ou não, bem como o nível de engajamento e participação dos alunos.

Pois como Bogdan e Biklen (1994) indicam-nos:

[...], as notas de campo consistem em dois tipos de materiais. O primeiro é descritivo, em que a preocupação é captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro é reflexivo – a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as ideias e preocupações. (Bogdan; Biklen, 1994, p. 152).

Ou seja, foi composto pelas observações pertinentes do pesquisador quanto ao desenvolvimento das temáticas, registrando não só aquilo que foi visto e ouvido, mas também os sentimentos experienciados durante o trabalho de campo.

As intervenções pedagógicas encerraram-se no dia 13 de novembro de 2023 e o segundo questionário, questionário final (APÊNDICE D), aplicado no dia 16 de novembro de 2023, intitulado “Percepção dos alunos sobre a sequência didática”, como o próprio nome indica, foi aplicado após finalização da intervenção, também pela própria pesquisadora, durante a aula de Educação Física, este desenvolvido especificamente para este estudo, antes da aplicação do mesmo, expliquei aos estudantes qual era o objetivo deste segundo questionário e fiz a leitura prévia em voz alta das questões para um melhor entendimento.

É importante reforçar que a presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista - FCT/UNESP, câmpus de Presidente Prudente - SP, cujo parecer de aprovação foi de número: 6.312.563 datado de 20 de setembro de 2023 (ANEXO A).

Após finalização e possível aprovação desta pesquisa pela banca examinadora, a equipe pedagógica da unidade escolar, com autorização da direção escolar, foi convidada a conhecer os resultados oriundos deste estudo, essa apresentação será programada para ocorrer em horário de ATPCG (Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo Geral). Os alunos foram também convidados a participar deste *feedback*, tanto os que permanecerem na unidade escolar, quanto os alunos que porventura venham a ser transferidos.

4.4 Instrumentos de coleta de dados

Foram utilizados para esta pesquisa um roteiro de aulas e intervenções, um questionário diagnóstico de entrada, um questionário de saída e um diário de campo.

Abaixo, podemos visualizar um quadro teórico elaborado para uma melhor compreensão, tanto dos instrumentos que foram utilizados nesta pesquisa como seus respectivos objetivos.

Quadro 2 – Quadro teórico com as dimensões que pretende-se investigar e os recursos que foram utilizados para a investigação

QUADRO TEÓRICO COM AS DIMENSÕES QUE PRETENDE- SE INVESTIGAR E OS RECURSOS QUE FORAM UTILIZADOS PARA INVESTIGAR ESTAS DIMENSÕES	
Pesquisa Qualitativa - Participante	
Recursos	Dimensões investigadas
Questionário de Entrada	Analisar discurso e estereótipos ligados às relações de poder criado a partir das relações entre os gêneros. Compreender os motivos que levam os afastamentos das aulas de Educação Física, principalmente das meninas, nos anos finais do ensino fundamental. Nortear a elaboração da sequência didática.
Diário de Campo	Descrever o processo de implementação, para posterior análise, de uma sequência didática para o ensino da modalidade corfebol com objetivo de combater as hierarquias criadas no esporte a partir das relações de gênero, além de superar e minimizar os motivos que levam aos afastamentos dos estudantes das aulas de Educação Física.
Questionário de Saída	Analisar níveis de satisfação dos estudantes referente a sequência didática vivenciada.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Quanto ao Questionário de Entrada intitulado “Participação nas aulas de Educação Física” (APÊNDICE C), utilizado para o levantamento de informações sobre os discursos idealizados pelos alunos antes as intervenções pedagógicas, foi idealizado a partir de uma adaptação para a realidade vigente do questionário utilizado no estudo “Fatores associados à participação das alunas nas aulas de Educação Física: uma questão de gênero?” (Oliveira; Macedo; Silva, 2014).

O questionário de saída intitulado “Percepção dos alunos sobre a sequência didática”, por sua vez, tinha como objetivo, como o próprio nome sugere, verificar os níveis de satisfação dos mesmos referente à sequência didática vivenciada. Este foi criado e idealizado pela pesquisadora.

Ambos os questionários foram compostos em sua maioria por questões fechadas de múltipla escolha, porém também dispôs de perguntas abertas a fim de proporcionar aos participantes a oportunidade de expressar-se através de suas próprias palavras. Responderam os questionários todos os que aceitaram participar desta pesquisa (Meninos e meninas).

Por sua vez, o diário de campo se evidencia pelo registro e observações do próprio pesquisador. Para Minayo, Deslandes e Gomes (2000), em um diário de campo podemos materializar, percepções e reações diversas, questionamento e angústias, além de informações relevantes sobre aquilo que se está vivenciando.

Nesta pesquisa, essa ferramenta foi utilizada como produção de dados que contribuam para a análise das aprendizagens dos alunos desenvolvidas pelas intervenções com os conteúdos voltados para a experimentação, fruição, reflexão sobre a ação, valorizando a construção de valores gerados através das práticas corporais, aqui transmitidas pelo esporte corfebol e suas relações com a temática de gênero.

No âmbito dos registros de fatos ocorridos no decorrer das aulas, em diário de campo contém transcrições importantes de rodas de conversa que foram ferramentas utilizadas de forma habitual e em momentos pré-determinados, como estratégias pedagógicas durante as aulas.

Para Silva e Bernardes (2007), a roda de conversa é um instrumento valioso na coleta de informações, esclarecimento de ideias e posicionamentos e discutir temas emergentes em um clima de informalidade.

Chioda (2004) acredita que as rodas de conversas proporcionam excelentes oportunidades de se desenvolver habilidades diretamente ligadas a competências socioemocionais, trilhando caminhos de decisões coletivas. Neste sentido, as rodas de conversa têm um papel fundamental no entendimento e problematização dos temas centrais desta pesquisa e no desenvolvimento das sequências didáticas.

Outro instrumento utilizado, foi o roteiro de intervenções, aqui chamados de sequências didáticas, que procuraram reconfigurar conceitos já estabelecidos pelos

alunos incentivando-os a se reconhecerem como parte importante e determinante na mudança de conceitos e estereótipos construídos socialmente para mulheres, principalmente a sua relação com as práticas corporais.

Todas as atividades propostas foram de cunho teóricos e/ou práticos, previamente incluídas no planejamento anual da disciplina de Educação Física para o ano de 2023, pois se trata de uma proposta de um objeto de conhecimento novo, não estando presente no currículo em ação, nome dado ao currículo do estado de São Paulo (2019). O planejamento do tempo, para tanto, levou em consideração a própria proposta curricular a fim de não prejudicar o desenvolvimento das habilidades e expectativas de aprendizagens do documento orientador oficial para aquele ano/série.

A elaboração do conteúdo das atividades propostas na sequência didática, também aconteceram, diante da identificação da problemática central, que para o presente estudo tratava-se do número excessivo de afastamentos, principalmente de estudante do sexo feminino. Posteriormente, foi realizada a estruturação da problemática, constatadas com auxílio do questionário inicial, no qual ficou perceptível a dificuldade dos alunos afastados em desenvolver as atividades por motivos de insegurança e medo da frustração, pela falta de abertura de alguns estudantes para acolhimento de todos, pautadas, muitas vezes em estereótipos ligados, principalmente às relações de gênero.

Apenas então foram traçados os caminhos e elaboradas as atividades propostas na sequência didática, com intuito de superar as dificuldades encontradas. Os planos de aulas contendo os objetivos, bem como, as atividades propostas constam no apêndice.

As aulas da sequência didática (APÊNDICE E) foram organizadas, em 3 importantes momentos, no primeiro momento intitulado “Sensibilização” ou roda de conversa inicial, os alunos tomam conhecimento das atividades propostas, seus objetivos e regras, retomam atividades realizadas em aulas anteriores, tiram dúvidas e contextualizam a aula que será executada posteriormente, através de atividades de sensibilização.

Em um segundo momento, oportuniza-se atividades que colabora para a aprendizagem do corfebol e vivenciam situações que os fazem refletir sobre a participação da mulher no esporte, além de proporcionar oportunidades igualitárias para a participação das meninas nas aulas de Educação Física, por último,

aconteciam a “Roda de conversa final” para orientações gerais, discussões e reflexão sobre fatos ocorridos durante a aula, como expresso no Quadro 3 a seguir.

Quadro 3 – Organização das aulas da Sequência Didática

ORGANIZAÇÃO DAS AULAS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA		
MOMENTO 1	MOMENTO 2	MOMENTO 3
“Roda de conversa Inicial ou/e Sensibilização”	“Desenvolvimento”	“Roda de Conversa Final”
Retomada das atividades realizadas em aulas anteriores, conhecimento das atividades propostas, seus objetivos e regras, momento para retirada de dúvidas e contextualizar a aula que será executada posteriormente com atividades de sensibilização.	Atividades que colaboram para a aprendizagem do corfebol e vivenciam situações que os façam refletir sobre a participação da mulher no esporte, além de proporcionar oportunidades igualitárias para a participação das meninas nas aulas de Educação Física.	Orientações gerais, discussões e reflexão sobre fatos ocorridos durante a aula

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

4.5 Procedimentos de análise de dados

A análise buscou compreender e confirmar ou não os pressupostos e hipóteses levantadas para esta pesquisa, ampliando a compreensão para além daquilo do que se é aparente (Bardin, 2011).

Os dados coletados foram analisados com base na análise de conteúdo categorial subsidiada em Bardin (2011). A “Análise de Conteúdo” é uma técnica de análise de dados qualitativos. No caso deste estudo, levamos em consideração a observação, dos questionários de entrada e saída, do diário de campo, das atividades produzidas no decorrer da aplicação da sequência didática e as rodas de conversa, estas registradas em diário de campo.

De acordo com Minayo (2012), as pesquisas de natureza qualitativas abrangem um universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Este tipo de análise de dados consiste no trato destes materiais coletados através das três etapas indicadas por Bardin (2011), sendo a primeira a *pré-análise*, na qual o pesquisador amadurece o objeto de estudo e delimitar a problemática a ser investigada, por conseguinte a *exploração do material*, que abrange-se as etapas de codificação e categorização do material para então sobrevir a etapa referente à análise de dados obtidos, bem como a inferências e interpretações.

Portanto, após análise e reanálise dos instrumentos utilizados para a coleta de dados, preocupou-se em interpretar e categorizar as informações para buscar uma maior proximidade nos significados dos comportamentos e discursos, bem como das reflexões apresentadas durante o todo processo de observação e coleta de dados.

Categorizar as falas dos estudantes e as observações do pesquisador ajudam a justificar e a compreender melhor o fenômeno pesquisado. Para Minayo, Gomes e Deslandes (1994, p. 70), “as categorias são empregadas para estabelecer classificações”. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, organizar ideias em torno de um conceito (Minayo; Gomes; Deslandes, 1994).

As categorizações produzidas, a partir da análise dos dados, foram apresentadas, interpretadas e desenvolvidas, dialogando com a literatura científica, a fim de produzir novas reflexões acerca do afastamento das estudantes, principalmente das meninas, das aulas de Educação Física e entender suas sensações e emoções.

As categorias e subcategorias aqui apresentadas (Quadro 4) auxiliaram na interpretação dos dados levantados e foram desenvolvidas através da análise do diário de campo, do questionário de entrada e saída, destes dois últimos principalmente a partir das questões abertas.

Quadro 4 – Categorias de análise e discussão

CATEGORIA GERAL 1 – COMPORTAMENTAL		CATEGORIA GERAL 2 – PEDAGÓGICA	
Subcategorias		Subcategorias	
O enraizamento da construção social de gênero.	A dominação masculina, o medo e a vergonha.	O papel do professor contra a violência de gênero.	Os conteúdos e a prática educativa.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para tanto, foram constituídas 2 categorias gerais: **Categoria Geral 1 - Comportamental** e a **Categoria Geral 2 - Pedagógica**, estas, divididas em subcategorias a fim de aprofundar e aprimorar a compreensão de cada categoria geral identificada. Ambas categorias e subcategorias auxiliaram na compreensão da problemática em sua essência e totalidade.

Em relação aos questionários aplicados, mesmo com objetivos distintos, tanto o questionário de entrada, como o questionário de saída foram analisados e seus dados apresentados em gráficos e tabelas analíticas, contendo porcentagem e frequência numérica absoluta ou relativa.

Com isso, pretendeu-se desvendar os significados e sentidos entranhados nas ações dos(as) alunos(as), que podem assim, revelar questões diversas relacionados à participação das meninas, e a igualdade de gênero e oportunidades nas aulas de Educação Física.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Compreender as necessidades dos alunos e suas demandas é essencial e um excelente ponto de partida para um bom planejamento, para tanto, nas próximas etapas dessa pesquisa foram analisados os resultados a partir das percepções e observações dos alunos sobre as relações de gênero geradas durante a intervenção pedagógica, esta que foi idealizada e planejada a começar pelo questionário de entrada, das falas e percepções dos estudantes expressos e transcritos em diário de campo e finalizada com o questionário de saída.

O intuito é que após análise e a finalização do estudo, o produto gerado possa contribuir de forma significativa para que os professores compreendam melhor os motivos que levam aos afastamentos dos alunos das aulas de Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental, além de propor novas formas de intervenção que contribua para desconstrução de estereótipos ligados ao gênero e superação de suas consequências.

Para tanto, além da apresentação dos resultados em gráficos e tabelas analíticas, as contribuições realizadas através das palavras dos estudantes transcritas em diário de campo e em ambos questionários, foram interpretadas e estruturadas em 2 categorias:

1- Categoria comportamental que compreende outras duas subcategorias: “*O enraizamento da construção social de gênero*” e “*A dominação masculina, o medo e a vergonha*”.

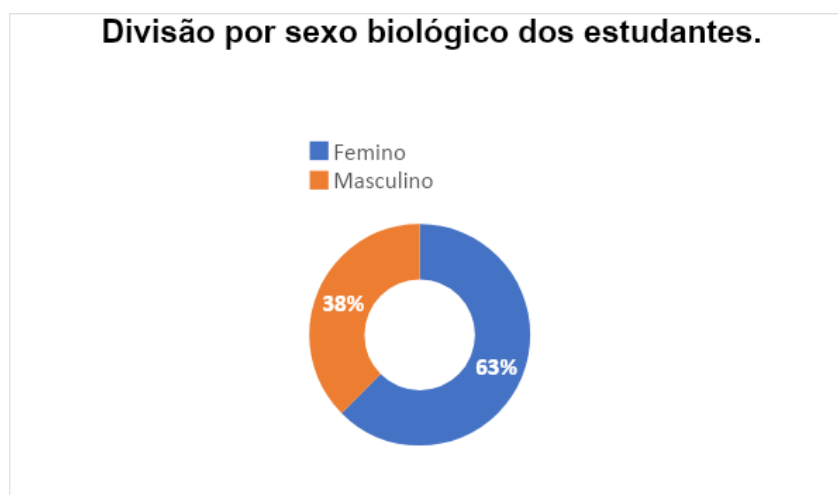
2- Categoria Pedagógica que subdivide-se em “*O papel do professor contra a violência de gênero*” e “*Os conteúdos e a prática educativa*”.

5.1 Percepções dos alunos e fatores associados a não participação nas aulas de Educação Física

Os resultados aqui apresentados referem-se ao questionário de entrada, aplicado com o objetivo inicial de compreender e avaliar as prevalências das percepções dos alunos sobre as questões de gênero, bem como os fatores associados à participação ou não, em especial das alunas, nas aulas de educação física e práticas esportivas de maneira geral.

A população participante, foi composta inicialmente, portanto, por uma amostra de 32 alunos, sendo 62 % (n=20) de alunos do sexo feminino e 38% (n=12) de alunos do sexo masculino como expressos no gráfico 1, referente inclusive a primeira questão do questionário.

Gráfico 1 – Sexo biológico dos participantes da pesquisa

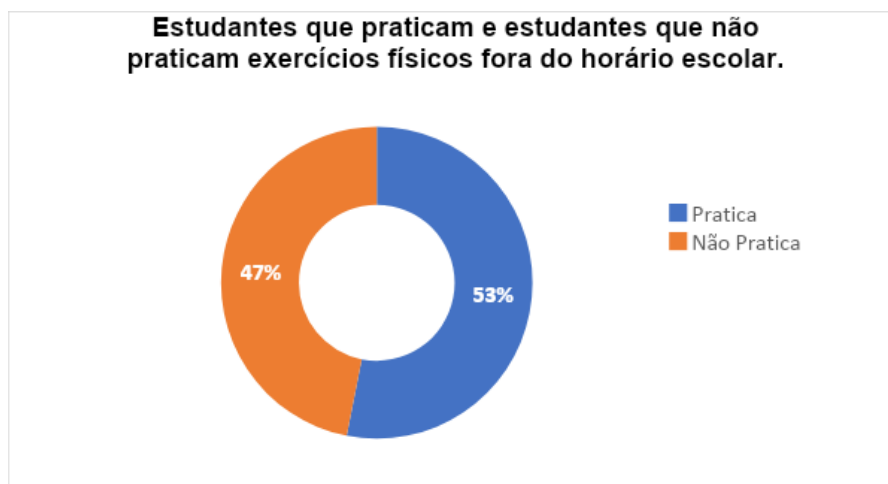


Fonte: Dados da Pesquisa.

A priori, a identificação dos questionários pelo sexo biológico se justifica na necessidade de associar a prevalência de fatores da participação ou não nas aulas de Educação Física associados a todos, mas principalmente as alunas do sexo feminino. A motivação para escolha da Turma A, se dá, justamente ao número elevado de matrículas de alunos do sexo feminino, como demonstra o gráfico da Figura 1 e principalmente pelo alto índice de evasão e afastamentos das aulas práticas de Educação Física.

Na questão número 2 do questionário de entrada “Você pratica exercícios físicos fora do horário escolar?”, podemos identificar que do total de alunos 100% (n=32) que responderam ao questionário, 47% (n=15) dos alunos não praticam atividade física extra escolar, enquanto a maioria 53% (n=17) afirma realizar atividades físicas fora do período escolar como expresso no gráfico ilustrado no Gráfico 2.

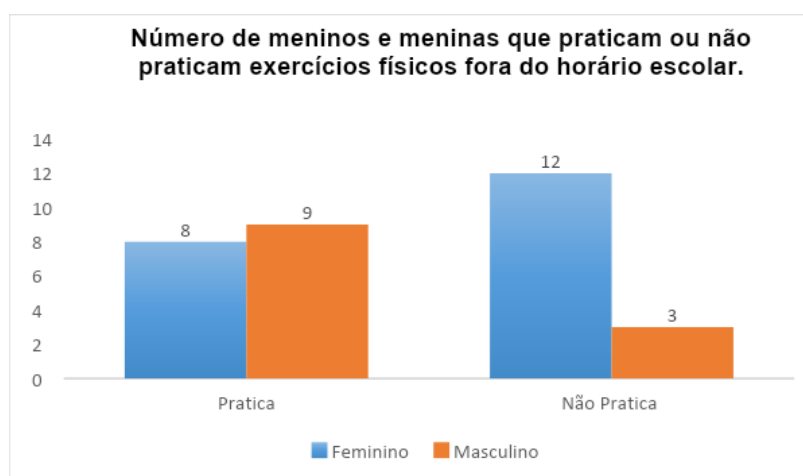
Gráfico 2 – Prática de exercícios fora do período escolar



Fonte: Dados da Pesquisa.

Além disso, vale ressaltar que do total de alunos ($n=15$) que alegam não praticar atividades físicas fora do período escolar, 80% ($n=12$) desses são alunas do sexo feminino. Expressando um grande desequilíbrio em relação aos meninos, que representam apenas 20% ($n=3$) dos alunos que não praticam atividades físicas fora do período escolar como expressos no gráfico da Gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3 – Número de meninos e meninas que praticam ou não praticam exercícios físicos fora do horário escolar



Fonte: Dados da Pesquisa.

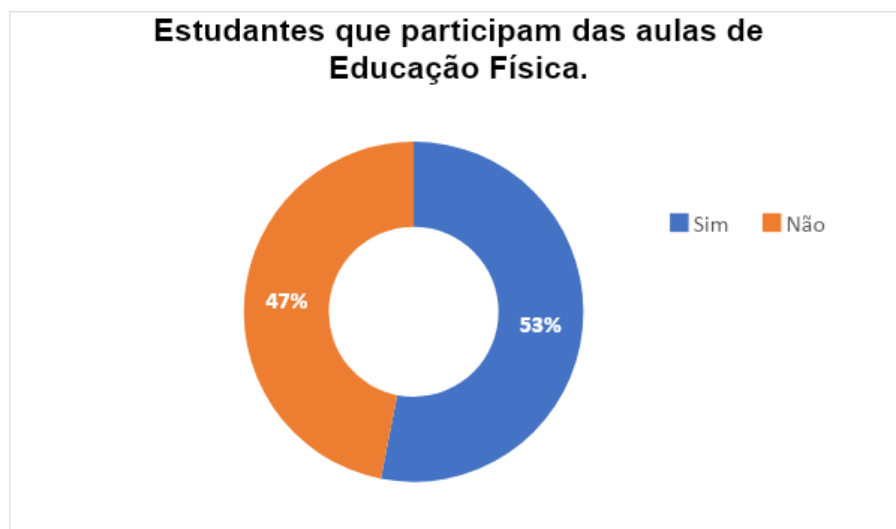
A análise acima corrobora com os dados nacionais e internacionais do impacto das desigualdades de gênero nos níveis de atividade física entre adolescentes. No Brasil, segundo o IBGE (2016), apenas 34,4% dos adolescentes acumulam 300

minutos ou mais de atividades físicas por semana, apresentando um percentual (25,4%) menor entre meninas (IBGE, 2016).

Em dados mais atuais, a PeNSE (Pesquisa Nacional de Saúde Escolar) demonstra que no Brasil, apenas 18,0% do total de estudantes avaliadas do sexo feminino foram classificadas como ativas em relação a 38,5% de escolares do sexo masculino. Esse perfil intensificou-se para o total de municípios das capitais, cuja variação por sexo atingiu 111%. demonstrando o nível de atividade física menor entre estudantes do sexo feminino (IBGE, 2019).

De acordo com a questão número 3 do questionário “Você participa das aulas de Educação Física?”, está com a finalidade de verificar a participação ou não de atividades físicas durante as aulas, constatamos que há uma maioria de 53% (n=17) de alunos que participam sim das aulas de Educação Física e uma minoria, mas não muito distante, de alunos que não participam das mesmas aulas, estes representando 47% (n=15) do total como expressos no gráfico 4 ilustrado a seguir.

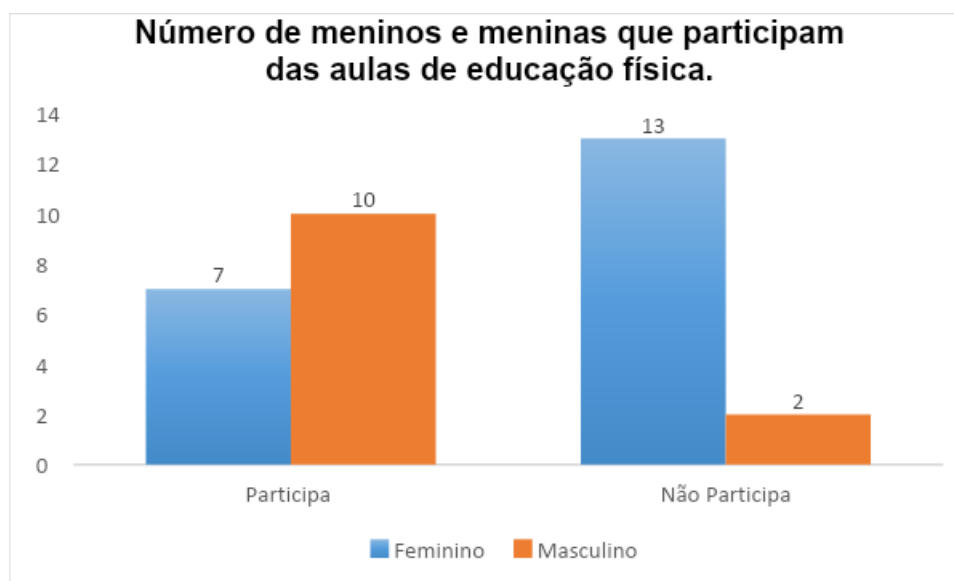
Gráfico 4 – Participação dos alunos nas aulas de Educação Física.



Fonte: Dados da Pesquisa.

Ainda, analisando os resultados associando-os ao sexo biológico, podemos notar que do total de alunos que diz não participar das atividades propostas nas aulas de Educação Física, 46,9% (n=15), 86,6% (n=13) deles são do sexo feminino como expressos no gráfico 5 a seguir, o que constatou as observações realizadas pela professora pesquisadora.

Gráfico 5 – Número de meninos e meninas que participam ou não das atividades propostas nas aulas de Educação Física



Fonte: Dados da Pesquisa.

Esta não é uma realidade exclusiva do oeste de estado de São Paulo, em pesquisa realizada com 82 estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, que não participavam das atividades propostas nas aulas de Educação Física de quatro escolas públicas de Campinas-SP, constatou-se que 83% dos não participantes eram do sexo feminino (Jacó, 2008).

As taxas elevadas de não participação das meninas em atividades esportivas, tanto fora do ambiente escolar como nas aulas de Educação Física, é uma realidade evidente de necessária atenção. Uchoga e Altmann (2016), na pesquisa de campo intitulada "Educação Física Escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula", chamam a atenção às diferenças no modo de participar e interagir de meninos e meninas ficando a cargo das meninas o maior nível de não participação ou de "participação não efetiva".

Torna-se imprescindível, dentro dos muros escolares, o reconhecimento e o combate a essas diferenças que foram e são produzidas culturalmente na sociedade e que infelizmente a Educação Física como parte da unidade escolar tem colaborado para esta distinção. De acordo com Cruz e Palmeira (2009):

Historicamente, as mulheres têm exercido papéis secundários em relação aos homens, em quaisquer setores da sociedade. Essa dita superioridade masculina foi construída culturalmente a partir das diferentes formas de educar homens e mulheres, o que conferiu competências e habilidades específicas para cada gênero (Cruz; Palmeira, 2009, p. 116).

Apoiados em tais pressupostos, buscamos compreender os motivos que levavam a não participação de todos nas aulas de Educação Física, principalmente das meninas. Vale ressaltar que as questões número 4 e 5 do questionário só deveriam ser respondidas pelos alunos que afirmaram não participar das aulas de Educação Física na questão de número 3.

A partir disso, a amostra referente a questão número 4 “Qual o motivo da não participação das aulas?”, do questionário de entrada, no qual os alunos que não participam das aulas de Educação Física (n=15) deveriam selecionar um ou mais motivos para justificar a sua não participação nas atividades propostas para as aulas, esta análise exhibe dados importantes para nortear a construção de ações de enfrentamento à problemática central desta pesquisa, como demonstra os dados da Tabela 1.

Tabela 1 – Valores de referência (N – Número de alunos) e de porcentagens (%) dos fatores associados à não participação dos alunos nas atividades propostas nas aulas de Educação Física

Questão 4 – Se assinalou NÃO na questão anterior, qual o motivo da não participação das aulas? Se assinalou SIM, pule para questão 6.	N (Total-15)	%
<i>Não sinto prazer ao realizar as atividades propostas</i>	12	80
<i>Não me sinto capaz de realizar bem as atividades</i>	12	80
<i>Exercito pouco meu corpo</i>	1	6,1
<i>Não me sinto integrado ao grupo</i>	7	46,6
<i>Quase não tenho oportunidade de jogar</i>	2	13,3
<i>Meus colegas zombam das minhas falhas</i>	5	33,3

Fonte: Dados da Pesquisa.

Podemos notar que os dois principais motivos apontados pelos alunos que não se engajam nas atividades das aulas de Educação Física 80% (n=12) estão associados a não sentir prazer nas atividades propostas, bem como na sua

insegurança, pois não se sentem capazes de realizar de maneira satisfatória as atividades propostas, seguido de 46,6% (n=7) e 33,3% (n=5), respectivamente para não se sentir integrado ao grupo e receio que os colegas ridicularizem suas falhas.

Muitas vezes, o prazer em realizar as atividades está intimamente ligado ao não se sentir capaz de realizá-lo, este fato é reforçado dado ao empate nas duas opções mais selecionadas pelos alunos que não participam das aulas. Tal situação foi constatada também por Daolio (1997), pois o autor descreve em sua pesquisa a atitude de uma de suas alunas em uma de suas aulas de Educação Física, que por se sentir incapaz na realização de um fundamento na modalidade de voleibol, denomina a si própria de “anta”. Segundo sua percepção, este fato ocorreu, a partir de uma reação dela contra sua inferioridade motora em comparação aos meninos.

A terceira justificativa mais selecionada foi “Não me sinto integrada ao grupo”. Salles (1998) e Rangel-Betti (1995) afirmam, em seus estudos, que o relacionamento entre os estudantes e seus colegas de classe é primordial nesta etapa da vida. É importante para o aluno, principalmente para as alunas, como demonstram os dados desta pesquisa, estarem entre amigos, talvez para que se sintam mais confortáveis em relação ao corpo e a possibilidade de erro.

Em sua pesquisa de mestrado realizada com alunos do 8.º Ano do Ensino Fundamental, Rogério Cruz Oliveira (2006, p. 9) constatou que dentre as justificativas para não envolvimento nas aulas de Educação Física estava a vergonha e o medo, segundo ele: “O fato da não participação na aula dava-se, principalmente, pela vergonha da exposição. Meninas e meninos tinham vergonha de praticar a aula, fosse por características físicas ou pela autoavaliação que não ‘levam jeito’ para o esporte” (Oliveira, 2006, p. 50).

O que fundamentaria a 4.ª justificativa mais selecionada “Meus colegas zombam das minhas falhas”. Apesar de não aparecer como fator principal, todas as justificativas estão relacionadas, a ausência de prazer na realização e a falta de confiança na sua capacidade são consequências também do medo e da vergonha em se expor aos colegas.

Em contrapartida, no que concerne à questão 5 sobre as possibilidade de ações que incentivaria a participação desses alunos nas aulas de Educação Física, 53,3% (n=8) deles afirmaram que as aulas diversificadas contribuiriam para diminuir os afastamentos, 46,6% (n=7) asseguraram que participariam das aulas se as atividades

propostas fossem menos cansativas, 40% (n=6) alegaram que se envolveriam nas atividades se os meninos fossem mais receptivos, seguido de 20% (n=3) e 13,3% (n=2), para materiais novos e aulas separadas por sexo respectivamente, como podemos verificar na tabela 2.

Tabela 2 – Valores de referência (N – Número de alunos) e de porcentagens (%) dos motivos que incentivam os alunos que não participam das aulas de educação física a participar

Questão 5 – O que incentiva ou faria você participar das aulas?	N (Total-15)	%
<i>Atividades menos cansativas</i>	7	46,6
<i>Aulas separadas por sexo</i>	2	13,3
<i>Os meninos fossem mais receptivos</i>	6	40
<i>Aulas diversificadas</i>	8	53,3
<i>Materiais novos</i>	3	20

Fonte: Dados da pesquisa.

Em outras palavras, estes dados demonstram que um dos fatores determinantes ao aumento do número de afastamentos é o conteúdo abordado nas aulas, Louzada, Votre e Devidé (2007) apresentaram como resultados de sua pesquisa, que dentre os fatores que fazem com que as meninas não participem das aulas está o desprezo com os esportes, despertando para a necessidade delas em vivenciar aulas mais diversificadas, ou seja, para além do conteúdo esportes.

A partir de tais pressupostos, necessita-se de uma problematização maior quanto ao conteúdo esporte na educação física escolar, principalmente quando considerado como único conteúdo a ser abordado, visto que não podemos negar a sua importância na promoção da inclusão, cooperação e da convivência, dentre outros, e especialmente quando se sabe que esta ferramenta vem sendo utilizada como meio de segregação e exclusão. Neste momento, o papel do professor é fundamental, como Darido (2004) acrescenta, o tratamento contextualizado propicia uma aprendizagem significativa para o aluno, demonstrando que o grande vilão não

é o esporte propriamente dito e, sim, o trato dado pelo professor ao conteúdo abordado.

Outro fator bastante apontado está relacionado à recepção dos meninos durante o desenvolvimento das aulas e a separação delas por sexo. Nossos dados corroboram com os dados de um trabalho realizado em Portugal pelas pesquisadoras Silva, Gomes e Goellner (2008) com estudantes de 15 a 17 anos, já que constatou-se que o machismo traz consequências à participação das alunas em aulas de Educação Física. Segundo as autoras, as alunas se queixavam de atitudes machistas por parte dos alunos, os quais justificavam suas atitudes preconceituosas contra as alunas, baseado na superioridade de um sexo em relação ao outro.

Também associado a diferenças de habilidade, Altmann (2015) verificou na sua pesquisa sobre exclusão nos esportes que, conforme meninos e meninas ficam mais velhos, as habilidades motoras se diferenciam, o que contribui para o desinteresse e a pouca participação de ambas as partes, demonstrando um contexto social que oprime e impede. Daí a necessidade de se planejar com intencionalidade, de contextualizar os conteúdos abordados e traçar objetivos pautados na inclusão.

Para Santos (2008), essa problemática poderia ser superada se a Educação Física escolar fosse pautada em outros princípios, o autor critica concepções que estimulam a competitividade, segundo ele, a força física não teria papel determinante de exclusão de alunas se o processo fosse ressignificado.

Observando os dados da tabela abaixo (Tabela 3), podemos compreender algumas das motivações para que os alunos se envolvam ativamente nas atividades que competem ao componente curricular de Educação Física. Segundo os estudantes 68,8% (n=22), o que mais os motivam a se envolver nas aulas é a necessidade de atingir boas notas, seguido da apreciação tanto da disciplina e seus conteúdos 50% (n=16), como o prazer de na presença de seus colegas e amigos 40,6% (n=13), adquirir novas habilidades 37,5% (n=12).

Ainda analisando a questão número 6, sobre os motivos que levam a todos os alunos (n=32) a se engajarem nas aulas de Educação Física, vale ressaltar que apenas 34,4% (n=11) consideram importante expandir seus conhecimentos sobre esportes e a cultura corporal de movimento, e apenas 9,4% (n=3) alunos de 32 alunos avaliados alegam não sentirem prazer ao participar das aulas de Educação Física (Tabela 3).

Tabela 3 – Valores de referência (N – Número de alunos) e de porcentagens (%) dos motivos que levam todos os alunos a participar das aulas de Educação Física

Questão 6 – Quais os motivos que os levam a PARTICIPAR das aulas de Educação Física?	N (Total-32)	%
<i>Gosto das aulas de Educação Física</i>	16	50
<i>Gosto de aprender novas habilidades</i>	12	37,5
<i>Faz parte do currículo da escola</i>	15	46,9
<i>Preciso tirar boas notas</i>	22	68,8
<i>As aulas me dão prazer</i>	3	9,4
<i>Estou com meus amigos</i>	13	40,6
<i>Meu rendimento é melhor que dos meus colegas</i>	0	0
<i>Importante para aumentar meus conhecimentos sobre esportes e outros</i>	11	34,4
<i>Sinto-me saudável nas aulas</i>	8	25

Fonte: Dados da pesquisa.

O gráfico 6 nos proporciona um melhor panorama dos motivos que levam a participação tanto dos meninos como das meninas nas aulas de Educação Física e os resultados demonstram que a motivação para participação das meninas nas aulas, se restringem em sua maioria nas obrigações escolares, quando boa parte delas selecionam as opções “Faz parte do currículo da escola” (n=10) e “Preciso tirar boas notas” (n=17).

Entretanto, verifica-se também que muitas dessas estudantes também consideram importante ampliar seus conhecimentos e questões relacionadas à saúde, quando a terceira e a quarta opção mais selecionadas por elas são “Importante para aumentar meus conhecimentos sobre esportes e outros” (n=9) e “Sinto-me saudável nas aulas” (n=6).

Gráfico 6 – Motivos que levam a participação nas aulas de Educação Física separado por sexo



Fonte: Dados da pesquisa.

Segundo Silva (2012) e Marzinek (2004), este fato pode ser justificado pelas meninas considerarem importantes a manutenção de seu bem-estar mesmo não gostando das aulas de Educação Física. Diferente dos dados obtidos em relação às meninas, os meninos têm como motivo para participação nas aulas de Educação Física, gostar das aulas ($n=11$), estar com os amigos ($n=10$), bem como a possibilidade de adquirir novas habilidades ($n=8$).

Ambas as opções “Gosto das aulas de Educação Física” como “Gosto de aprender novas habilidades” indicam que escolares apresentam motivações que pode originar-se de maneira interna, corroborando com Kobal (1996), onde a vontade e satisfação de aprender e participar parte de fatores internos do sujeito, e pode vir de maneira externa partindo da influência do ambiente no qual está envolvido. Além disso, alguns estudos realizados para compreensão dos motivos que levam jovens entre 10 a 21 anos a se envolverem em práticas esportivas demonstram que dentre os principais fatores motivacionais estão, a saber: melhorar as capacidades, estar em forma, fazer novas amizades e se divertir (Serpa, 1992; Dias, 1995; Fonseca, 1995).

Desse modo, Paim (2001) afirma que a motivação constitui-se como um dos elementos centrais para uma relação ensino-aprendizagem bem-sucedida. Para tanto,

o planejamento das aulas de Educação Física deve preocupar-se em atender as demandas e as potencialidades de todos os estudantes de tal forma que facilite a adesão de todos a aula, sem evadir aos objetivos e do desenvolvimento do estudante.

Procuramos também compreender a percepção dos alunos quanto a finalidades e o que justificaria, pra eles, a presença do componente de Educação Física na grade curricular das escolas, 75% (n=24) afirmam que a principal finalidade das aulas de educação física são as práticas esportivas, 53,1% (n=17) reconhecem como justificativa válida para a presença do componente, a sua contribuição para melhoria da saúde e 37,5% (n=12) associam as aulas com mero lazer, um momento para interagir e se divertir com os colegas de turma. Apenas 21,9% (n=7) dos alunos entendem o momento da aula de Educação Física como aula simplesmente para brincar como nos mostram os dados expressos na Tabela 4.

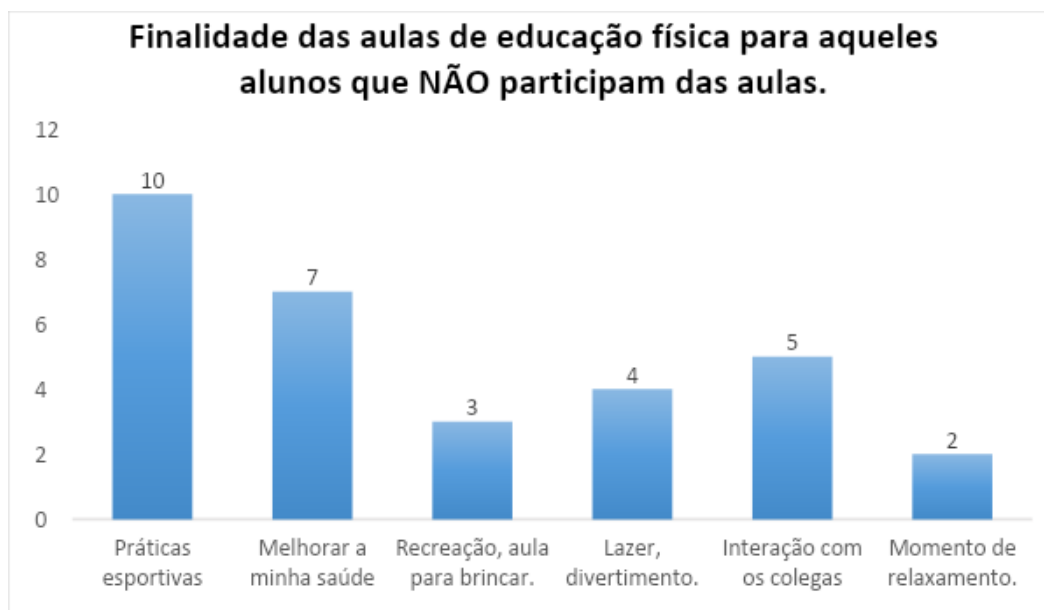
Tabela 4 – Valores de referência (N – Número de alunos) e de porcentagens (%) da opinião dos alunos sobre a finalidade das aulas de Educação Física

Questão 7 – Pra você, qual a finalidade das aulas de Educação Física?	N (Total-32)	%
<i>Práticas esportivas</i>	24	75
<i>Melhorar a minha saúde</i>	17	53,1
<i>Recreação e aula para brincar.</i>	7	21,9
<i>Lazer e divertimento.</i>	12	37,5
<i>Interação com os colegas</i>	12	37,5
<i>Momento de relaxamento.</i>	11	34,4

Fonte: Dados da Pesquisa.

Por fim, se direcionarmos o olhar, mais especificamente para aqueles alunos, que afirmaram na questão número 3, que não participam das aulas (n=15), sua opinião quanto à finalidade e os objetivos centrais atrelados às aulas de Educação Física (como expressos no gráfico 7) podemos observar que 66,6% (n=10) assim como os demais alunos atrelam a disciplina de Educação Física primeiramente às práticas esportivas e a melhoria da saúde representando este último 46,6% (n=7).

Gráfico 7 – Finalidade das aulas de Educação Física para aqueles alunos que NÃO participam das aulas



Fonte: Dados da Pesquisa.

Assim como nesta pesquisa segundo alunos investigados por Darido (2002), os conteúdos esportivos são predominantes e a principal finalidade das aulas. Tal predominância de conteúdo pode ser decorrente do amplo reforço oferecido pela mídia ao esporte, o qual acaba se refletindo nas opiniões assumidas pelos alunos quanto ao papel das aulas de Educação Física (Darido, 2002).

Fiorin (1997) também demonstrou em sua pesquisa que apesar de os alunos ainda associarem as aulas de Educação Física com as práticas esportivas, eles almejam outras práticas corporais. Sugere-se novamente que as aulas de Educação Física Escolar sejam revistas e reformuladas segundo as demandas de cada realidade e partam das necessidades dos escolares.

A Educação Física Escolar é entendida como uma área que abrange toda cultura corporal e tem como finalidade integrar o aluno nessa esfera, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e também transformá-la, nesse sentido o aluno deverá ser orientado e ensinado a fruir e usufruir dos benefícios com autonomia de diversas práticas corporais, não apenas as esportivas, proporcionando um leque de possibilidade de se reconhecer e se identificar.

5.2 Categoria Comportamental

A Categoria Comportamental foi estruturada a partir de uma reflexão do referencial teórico estruturado nesta pesquisa e da análise do discurso dos alunos presentes no questionário de entrada, durante a vivência da sequência didática proposta e os registros em diário de campo. Nela, apresentamos aspectos sócio comportamentais relatados por todos os alunos, mas principalmente pelas meninas e os alunos afastados, na procura da compreensão dos fatores que influenciam na decisão de não participar das aulas de Educação Física, para tanto, esta categoria subdivide-se em outras duas subcategorias: **“O enraizamento da construção social de gênero”** e **“A dominação masculina, o medo e a vergonha”**.

As falas dos estudantes demonstram indícios importantes na compreensão da profundidade da problemática que envolve os afastamentos, trata-se de uma gama complexa e profunda de causas e consequências, enraizadas nos valores e na construção da sociedade em que vivemos que, por sua vez, se reflete dentro do ambiente escolar e nas aulas de Educação Física expondo as relações de poder que favorecem os homens e colocam as mulheres em papéis secundários e de necessária e constante aprovação.

5.2.1 O enraizamento da construção social de gênero

O enraizamento da construção social gerada a partir do gênero, ainda geram consequências mesmo após tantos anos de luta pelos direitos das mulheres, muito se fala da necessidade de se problematizar tais questões, porém as relações de poder e de superioridade masculina continuam a gerar repercussão nas mais diversas esferas sociais, não apenas na vida das mulheres, mas também na vida de homens e meninas, que não se encaixam no conjunto de expectativas estabelecidas pela sociedade para seu sexo biológico.

Em uma atividade realizada durante a sequência didática 8, proposta para essa intervenção, os alunos vivenciaram atividades que os levaram a refletir sobre a participação das mulheres nos esportes. Nesta atividade propriamente dita, após uma aula sobre a história da participação das mulheres no esporte, os estudantes, em roda de conversa, deveriam expor suas opiniões quanto às mulheres e os homens participarem de esportes coletivos juntos. Neste momento, dentre relatos e opinião alguns chamaram a atenção.

Os meninos podem praticar todos os esportes, mas as meninas alguns (Aluna 15- Roda de conversa – Diário de campo, 09 de novembro de 2023).

Tal afirmação expressa como a construção social do que é ser homem e o que é ser mulher, influenciam dentro das escolas e nas escolhas, principalmente de meninas em relação às práticas esportivas. Meninas e meninos interiorizam essas expectativas sociais impostas e afirmadas a todo momento e se moldam diante delas, sobre isso, Sousa e Altmann (1999) ressalta que:

Os estudantes são seres com uma bagagem prévia de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos fora da escola. A televisão, os quadrinhos, a fala e as atitudes cotidianas dos adultos e dos grupos de amigos estão cheios de estereótipos de gênero, de crenças sobre o que é ser homem ou mulher em nossa cultura (Sousa; Altmann, 1999, p. 64).

As percepções dos estudantes quanto às feminilidades e a masculinidades vão se construindo desde o seu nascimento, em casa, na família, nas mídias, nas suas interações sociais e no momento em que são inseridos nas escolas já se apresentam com um bagagem solidificada, porém não imutável de valores e crenças. Daolio (2006) ainda ressalta que esses comportamentos corporais comuns caracterizam e padronizam um determinado povo. Segundo o autor: “O corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte. O homem, por meio do corpo, vai assimilando e se apropriando de valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação” (Daolio, 2006, p. 48).

Ou seja, as meninas já adentram as unidades escolares com percepções de estereótipos construídos e solidificados e em relação às práticas esportivas não seria diferente, a ideia de que não são capazes por serem mulheres perpetua a tantos anos e são reforçadas tantas vezes que a elas aparentam ser legítima, como aponta o comentário da aluna número 15 desta pesquisa.

Ainda durante a mesma sequência didática sobre história da participação das mulheres no esporte, durante a roda de conversa final, um estudante completou a fala da aluna anterior sobre a separação dos esportes de acordo com o gênero:

Professora, não é bem assim, nada é proibido, mas tem alguns jogos que os dois gêneros não podem se misturar, tipo o futebol, mas outros como o vôlei

podem sim (Aluno 1- Roda de conversa – Diário de campo, 09 de novembro de 2023).

Louro (1994, p. 36) afirma que “o masculino e o feminino são construídos através de práticas sociais masculinizantes e feminilizantes, em consonância com as concepções de cada sociedade”. É notório que, devido à popularidade da modalidade esportiva futebol em nossa sociedade brasileira, a associação com esta modalidade esportiva se manifesta em muitos relatos dos estudantes, porém quase sempre associadas a “práticas sociais masculinizantes”.

Em certos esportes as meninas e os meninos podem competir juntos, já nos esportes como o futebol, não pois quanto ao jogo de corpo ficaria um tanto quanto injusto o jogo (Aluno 23 – Atividade escrita – sequência didática 8 – 09 de novembro de 2023).

Talvez, existem estudos que comprovam a força masculina, então apenas em alguns esportes deveriam aderir, devido a diferença de força, no futebol não dá (Aluno 22 – Atividade escrita – sequência didática 8 – 09 de novembro de 2023).

Apesar dos esforços de rompimento social da agregação de tal modalidade exclusivamente ao gênero masculino, essa desconstrução se faz a passos lentos, visto que nas falas dos estudantes ainda se percebe uma forte associação entre o futebol e o gênero masculino, devido a valores sociais embutidos na prática desde a sua criação, as estudantes associam o sucesso na modalidade à força física e automaticamente se excluem como praticantes, por serem mulheres, não apenas desta modalidade em questão mas de qualquer outra que segundo elas exijam tais requisitos. Como o autor Fábio Franzini (2005) observa em seu artigo:

É notório que o universo do futebol se caracteriza por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino; como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural, os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, devem ser observados para a perfeita manutenção da ‘ordem’, ou da ‘lógica’, que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada (Franzini, 2005, p. 316).

Como podemos notar, existe uma forte influência em relação às expectativas sobre os corpos femininos, que podem intervir na participação dessas alunas nas aulas de educação física, a preocupação das meninas em relação aos seus corpos e a associação dos mesmos a características impostas para eles. No questionário de

entrada, que tinha objetivo de identificar os fatores associados a não participação das alunas, uma aluna justificou a sua não participação com a seguinte frase:

Tenho corpo de mulher e mulher não é aceita jogando (Aluna 14 – Questionário de entrada – Questão número 4).

Ao analisarmos bem as falas dos estudantes aqui transcritas, podemos notar que boa parte dos estudantes justificam a superioridade masculina a fatores biológicos quando os seguintes termos são utilizados, “corpo de mulher” “diferença de força” e “no jogo de corpo ficaria um tanto quanto injusto”. Nesse contexto, Souza e Altmann afirmam que “As diferenças socialmente construídas acabam sendo consideradas naturais, inscritas no biológico e legitimadoras de uma relação de dominação” (Souza; Altmann, 1999, p. 54).

Nota-se, portanto, que os estudantes não têm a percepção de que seus corpos assumem uma organização social, política, religiosa e culturais, assim, há uma constante impregnação tanto do social como do biológico, ambos compostos com atitudes e movimentos corporais socialmente construídos e interiorizados por alunos e muitas vezes até por professores, como naturais para cada sexo. Influenciando na sua percepção sobre si, sobre seu corpo e suas possibilidades.

Os desarranjos entre os fatores biológicos e o que é socialmente construído influenciam não só os alunos, mas também os professores em seus planejamentos e gestão de sala de aula. No estudo de Altmann, Ayoub e Amaral (2011), intitulado “Gênero na prática docente em Educação Física: meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos a habilidosos ao jogar?”, constatou-se que apesar de bastante professores compreenderem a importância de ações coeducativas muitos deles ainda defendem a separação por gênero alegando que trabalhar com grupos ‘homogêneos’ facilitaria o desenvolvimento das aulas, reduzindo conflitos e tensões oriundos da diversidade das relações. Demonstrando que a impregnação de papéis sociais não são prerrogativas exclusiva dos alunos.

Em contrapartida, foram identificados diversos relatos, os quais alguns alunos e alunas deixaram claro, não concordarem com práticas sexistas, principalmente as relacionadas às práticas corporais, que é o tema central abordado pelo componente curricular. Já inicialmente na finalização da 1.^a sequência didática, após uma dinâmica de sensibilização com um vídeo, os alunos deveriam assistir a jogadas esportivas e

adivinhar quem eram os atletas por trás de tal jogadas, uma aluna deixou claro a sua opinião quanto ao questionamento “Para vocês existem esportes de meninos e esportes de meninas?”

Não vejo problema em as mulheres e os homens participarem de esportes juntos, existem muitas mulheres mais fortes que homens, nada a ver esse negócio de coisa pra mulher e coisas para homens (Aluna 3 -Roda de conversa – Diário de campo, 05 de outubro de 2023).

Também durante a roda de conversa final, porém da vivência da sequência didática 7, do plano de intervenção, os alunos tiveram duas aulas para experimentar o esporte corfebol em sua totalidade e coletivamente, ressalta-se a fala da aluna número 12, sobre suas percepções quanto ao jogo vivenciado:

Por mim, professora, não precisava existir a regra de marcação por sexo, mulheres são capazes de jogar contra os homens de igual para igual, eu não tenho medo, mas as vezes fico com preguiça de ficar discutindo com os meninos (Aluna 10 - Roda de conversa – Diário de campo, 06 de novembro de 2023).

Constata-se que algumas alunas e alunos compreendem a discriminação existente nas práticas esportivas e discordam dessas classificações de superioridade, bem como das adaptações realizadas, porém durante a prática se deparam com a exclusão constante, o que as desmotivam a persistirem na participação fazendo com que as mesmas apesar de compreenderem a sua força e capacidade, entendem que muitos meninos não pensam da mesma maneira, dificultando a sua participação e consequentemente seu desenvolvimento.

Apesar do presente estudo apresentar enfoque nos afastamentos das meninas, por se tratar da maioria nesta situação, vale ressaltar o conjunto de expectativas gerados a partir da construção social do que é ser homem e o que é ser mulher, não afeta apenas as meninas, mas também os meninos, que por algum motivo não desenvolveram suas habilidades como gostariam, como o caso do estudante abaixo, que apesar de achar a prática esportiva legal, não se envolve por não se sentir capaz.

Esporte é para todos, professora, eu acho legal, mas não faço porque não sou bom, não sou menina, mas também não gosto de participar de aulas práticas e de jogar (Aluno 16 - Roda de conversa – Diário de campo, 09 de novembro de 2023).

São afirmações como esta que nos faz refletir sobre a generalização do motivo dessas exclusões e auto exclusão nas aulas de Educação Física, como constata Altmann (1999) em seu estudo, estudantes são excluídos e se autoexcluem não apenas por serem mulheres, mas também a fatores relacionados à habilidade motoras. O que não deixa de ser uma consequência de um fator socialmente construído e instituído a partir de um conjunto de expectativas de papéis de gênero ofertado para ambos de diferentes maneiras no decorrer da sua infância e vida adulta.

Assim, as relações pautadas em gêneros e estabelecidas entre meninos e meninas pela sociedade se ecoam nas escolas, muitas vezes não se mantêm nítidas, porém presentes, o que reflete, por conseguinte nas aulas de Educação Física, e isso nem sempre ocorre sem muitos conflitos. Problematicar tais questões em sala de aula pode auxiliar os alunos na compreensão de situações problemas em diferentes perspectivas e na desconstrução dos limites que são estabelecidos equivocadamente para cada um, auxiliando-os assim no enfrentamento de suas consequências.

5.2.2 A dominação masculina, o medo e a vergonha

Diante do desafio de tornar a Educação Física Escolar inclusiva, não podemos fechar os olhos para o fator importante de geração de exclusões que são as questões de gênero. No decorrer desta pesquisa, em diversos momentos, podemos notar na fala dos estudantes indícios importantes para a compreensão dos motivos que levam aos afastamentos, em sua maioria das meninas, das aulas de Educação Física.

Em roda de conversa final, após a sequência didática 2, os alunos vivenciaram diversos jogos lúdicos para obtenção de habilidades referente a modalidade esportiva corfebol, quando lhes foi perguntado o que acharam da atividade proposta entre as opiniões, destaca-se a fala de uma aluna:

Eu não gosto de jogar com os meninos, eles ignoram a gente, não passam a bola, e ficam nos xingando e tirando sarro quando erramos (Aluna 19 - Roda de conversa – Diário de campo, 09 de outubro de 2023).

Podemos notar que os meninos da equipe da aluna 19 não a incluem e não a considerarem uma jogadora habilidosa. Neste sentido, Abreu (1995) em sua pesquisa realizada no Rio de Janeiro constatou que ao considerarem as meninas menos habilidosas, meninos têm uma predisposição em não aceitar sua participação nos

jogos. A dominação masculina se expõe no momento em que os meninos determinam quem sabe jogar, ou não, e na maioria das vezes as excluídas são as meninas.

Nesta aula, a autora do relato acima, a aluna número 19 participou, porém deixou claro que não conseguiu desenvolver, ou se quer participar efetivamente devido a exclusão realizada pelos meninos, os quais a ignoravam como companheira de equipe. Nesse momento, perguntei aos meninos que eram de sua equipe o motivo de não envolverem a colega nos passes e na atividade e um deles respondeu:

Ela não sabe jogar, a gente passa a bola e ela perde, ela também fica parada, falei para ela se movimentar (Aluno 11 - Roda de conversa – Diário de campo, 09 de outubro de 2023)

De acordo com Louro (2014), a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas teve como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito. Essa invisibilidade se faz também nas práticas esportivas e lúdicas realizadas dentro da escola e nas aulas de Educação Física. Percebe-se que por terem mais afinidade com atividades físicas e se considerarem mais fortes, alguns meninos excluem meninas, ou até mesmo alguns meninos que consideram menos habilidosos ou mais fracos.

Essa dominação de força e habilidades não transparecem apenas na fala dos meninos que participam ativamente das aulas, mas também estão interiorizadas nas justificativas para a não participação nas aulas de algumas meninas.

Na maioria das vezes quando uma mulher está jogando contra um homem, as pessoas acham que o homem vai ganhar, porque a mulher é mais fraca (Aluna 2 - Roda de conversa – Diário de campo, 06 de novembro de 2023).

Mulheres não podem jogar com os homens porque os homens são mais fortes que as mulheres (Aluno 5 – Atividade escrita – sequência didática 8 – 09 de novembro de 2023).

É importante ressaltar que na composição da turma participante desta pesquisa, existe um número excessivo de meninas afastadas das aulas, mas também existem meninas que estão envolvidas nas práticas propostas nas aulas de Educação Física e práticas esportivas fora da unidade escolar. Uma dessas meninas, durante a realização da sequência didática 5, após a vivência de um jogo que já adotavam algumas regras de inclusão do corfebol, durante a roda de conversa final, cuja

temática central era “As dificuldades dentro do jogo foram iguais para meninos e meninas?”, disse:

Não acho que eles as excluíram por serem mulheres, eu sempre jogo com eles e eles tocam a bola pra mim, quase nunca sinto dificuldade em jogar com os meninos, só no futebol (Aluna 24 – Roda de Conversa – 23 de outubro de 2023)

Segundo a fala da estudante, as exclusões não se devem apenas, por se tratarem de meninas, mas apontam também a sua falta de habilidade como um dos motivos principais. O abismo de habilidades que é gerado entre os gêneros, dentre outros motivos, acontece devido a experiências vividas pelos alunos desde a sua infância. Segundo Jocimar Daolio (2002), em nossa sociedade, desde o nascimento o menino já é incentivado às práticas esportivas (principalmente o futebol), ganha chuteiras, bola e é incentivado a brincar livremente na rua. Já as meninas, são ofertadas experiências diferentes, sempre ligadas à delicadeza e incentivadas a ficarem em casa ajudando nos afazeres domésticos. E tais diferenças acabam proporcionando experiências corporais limitadas para as meninas.

As exclusões determinadas a partir do sexo biológico que acontecem desde o nascimento, e a dominação masculina, principalmente nos esportes, são reforçadas a todo momento em nossa sociedade também através das mídias. Durante a sequência didática 1, após a exibição do comercial *EspnW Brasil - Invisible Players*, os alunos deveriam adivinhar os atletas por trás das jogadas exibidas, de todos os alunos apenas 1 citou uma mulher como a jogadora por trás da jogada de futebol. Então perguntei aos alunos o porquê deles não consideraram atletas do sexo feminino como protagonista das jogadas exibidas, e um aluno relatou não ter citado pela sua falta de conhecimento e nomes de atletas do sexo feminino.

Eu não citei porque não sabia nenhum nome, só o da Marta, na TV não passa muito jogos de mulher, e quando passa eu não assisto (Aluno 7 - Roda de conversa – Diário de campo, 05 de outubro de 2023).

As mídias têm um papel fundamental na sociedade atual e constantemente reforçam estereótipos ligados à dominação masculina relacionada aos esportes, como o próprio aluno relata, ainda o espaço destinado a visibilidade das mulheres no esporte é escasso, limitando o acesso cultural desses estudantes. Meninas e meninos não veem com frequência mulheres envolvidas em esportes de alto rendimento nas

mídias, consequentemente subentende-se que esportes não são para mulheres, ou pelo menos nem todos eles.

Dentre os danos causados pelo estabelecimento da dominação masculina estão o medo e a vergonha, esses que na maioria das vezes são consequências da ridicularização do estudante que erra, o medo e a vergonha aparecem ligados a significados distintos, como por exemplo, o medo de cair e se machucar, vergonha do corpo e de errar. A possibilidade do erro, mediante a falta de habilidade para realizar atividades com êxito, faz com que essas alunas evitem situações as quais vão ser expostas a episódios vexatórios, como expresso por uma das alunas que dispõe como justificativa para seu não envolvimento nas atividades práticas.

Não me sinto confortável em participar das aulas, por medo dos colegas zombarem das minhas falhas (Aluna 13 – Questionário de entrada – Questão número 4).

Não sou boa em fazer exercício, aí prefiro não fazer, para não passar vergonha (Aluna 28 – Questionário de entrada – Questão número 4).

Em relação à autoestima desses estudantes, Loeffler (1997) faz uma distinção de importante reflexão entre competência e sensação de competência para afirmar que estas nem sempre coincidem e que muitas mulheres se consideram menos competentes do que de fato o são para algumas atividades. O medo da ridicularização e a insegurança mediante as suas capacidades físicas também aparecem como fator de exclusão recorrente e fazem com que essas estudantes se desmotivam a tentar por medo de errar.

Entender a relação que os estudantes e principalmente os adolescentes apresentam em relação ao seu corpo é essencial para entender suas limitações criadas diante de expectativas impostas pela sociedade, principalmente quando falamos de padrões impostos a mulheres e meninas. A vergonha do corpo traz grandes empecilhos para o envolvimento de meninas nas aulas de educação física.

Tenho Vergonha do meu corpo (Aluna 6 – Questionário de entrada – Questão número 4).

Tenho Vergonha de as pessoas ficarem olhando e do meu corpo (Aluna 17 – Questionário de entrada – Questão número 4).

Não gosto do meu corpo, se eu fizer vou ficar com vergonha (Aluno 21 – Questionário de entrada – Questão número 4).

Muitos dos alunos, meninas e também meninos, associam a sua não participação e/ou a sua falta de empenho durante a participação pela vergonha do seu corpo, o padrão de beleza imposto socialmente, massacra diariamente a auto estima de adolescentes, adultos, mulheres e homens e estes devem ser motivo de problematização frequente, não apenas nas escolas, mas principalmente nas aulas de Educação Física, para que exclusões e auto exclusões não sejam frequentes principalmente em um ambiente destinado a aprendizagens e inclusão.

Para tanto, é necessário que o professor esteja atento às intervenções necessárias e ao diálogo com os adolescentes, além de elaborar e planejar atividade que minimizem o abismo gerado pelas habilidades física, transformando a quadra e a sala de aula em ambientes em que os estudantes se sintam confortáveis em participar, errar e tentar novamente.

5.3 Categoria Pedagógica

A Categoria Pedagógica também foi estruturada a partir de uma reflexão do referencial teórico estruturado nesta pesquisa e da análise do discurso dos alunos presentes no questionário de entrada, durante a vivência da sequência didática proposta e os registros em diário de campo. Através de fatos presentes nas falas dos estudantes, como fatores que influenciam a sua efetiva participação nas aulas de educação física, infere fatores associados com o trabalho que é desenvolvido pelo professor, à sua didática, bem como a metodologia utilizada para apresentar e propor os conteúdos.

Para uma melhor compreensão, esta categoria subdividiu-se em mais duas categorias: **“O papel do professor contra a violência de gênero”** e **“Os conteúdos e a prática educativa”**. Essas duas categorias salientam temáticas importantes na compreensão do papel da escola e do professor na desconstrução de fatores internos e externos, que influenciam a participação nas aulas de Educação Física.

5.3.1 O papel do professor contra a violência de gênero

Foi na década de 1990, com a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), que vivemos mudanças significativas no Brasil referentes à educação, dentre elas à organização das turmas nas aulas de Educação Física. Neste momento, ficou determinado que a composição das turmas ocorreria de forma mistas, ou seja,

meninos e meninas deveriam participar das aulas de Educação Física no mesmo horário. Mesmo com tal determinação, a possibilidade de separá-los posteriormente, para a realização das atividades, não deixou de existir, porém se tornou prerrogativa docente. Assim, de agora em diante, professores de Educação Física passaram a ministrar aulas para meninos e meninas, enfrentando dilemas com essa nova organização escolar (Sousa, 1994).

Apesar da união física dos gêneros nos horários destinados às aulas de Educação Física, percebe-se nas falas das alunas que, as hierarquias e os privilégios masculinos, principalmente ligados às práticas corporais e esportivas continuaram a governar. Muitas meninas argumentam não se envolverem efetivamente nas atividades esportivas na escola devido a dominação masculina a esses espaços (físico e temporal) destinados a práticas esportivas, como demonstra o relato de uma das alunas durante uma roda de conversa.

Na aula de Educação Física dá para participar porque a senhora defende as meninas dos meninos, mas no intervalo eles não deixam a gente jogar e ficam brigando com quem não sabe jogar (Aluna 2 - Roda de conversa – Diário de campo, 30 de outubro de 2023).

A aluna, em sua fala, associa a presença do professor como fundamental para que as práticas inclusivas ocorram e expõe a exclusão a qual é vítima durante os horários de intervalos, associando a esse acontecimento a falta de habilidade que os meninos determinaram que a mesma possui. Na escola de período integral, além das aulas de Educação Física, os alunos dispõem de um extenso horário de almoço, onde boa parte deles se concentram na prática de esportes variados e é nesse momento, segundo relato da aluna, onde ocorrem muitas das exclusões.

As diferenças de habilidade entre meninos e meninas como causa de conflitos e dificuldades pedagógicas nas aulas de Educação Física e fora dela têm sido analisadas em diversos estudos (Altmann, 1998; Daolio, 1995.). Segundo Mariano (2010), as diferentes formas de educar os corpos de acordo com o sexo biológico estão presentes desde a infância, ocasionando efeitos significativos sobre as habilidades e os envolvimento desses sujeitos com as práticas corporais e, conseqüentemente, afetando seu comprometimento com as aulas de Educação Física.

Durante este estudo, muitos alunos demonstraram não só terem conhecimento das suas próprias defasagens como transparecem através do medo e da insegurança, fomentados a começar pela violência a qual sofrem diante do erro. Para Priotto e Boneti (2009), a violência pode ser identificada de diversas formas, dentre elas, a violência simbólica e a violência verbal. Para o autor, a violência simbólica, que também é verbal, está associada ao abuso de poder, ou seja, existe uma relação, mas ela é estabelecida através da autoridade. A violência verbal é a utilização de palavras grosseiras e de desrespeito, que podem gerar humilhações e intimidações.

Estas duas formas de violência são as que mais estão presentes nas falas dos estudantes que não participam das aulas de educação física sejam eles do sexo feminino, ou do sexo masculino. A exemplo do aluno número 26, como descrito no diário de bordo, no dia 26 de outubro de 2023, ao iniciarmos a sequência didática número 6 onde os alunos realizaram um jogo reduzido e adaptado do corfebol para que a maioria pudesse participar simultaneamente:

Durante o caminho para a sala de Educação Física conversei com o aluno número 26 (que quase sempre se recusa a participar de atividades práticas a não ser quando a aula é de tênis de mesa) e neste trajeto perguntei se hoje ele iria participar da aulas e o mesmo me disse que não iria com a justificativa que estava com preguiça, então continuei nossa conversa perguntando a ele se não gostava de se exercitar ou se pratica algum esporte fora da escola, e o mesmo respondeu que participava quando criança o futebol, não era bom, então tiravam sarro dele, aí ele resolveu parar. Então pedi a ele que tentasse participar um pouco da aula garantindo que o mesmo iria gostar da atividade e caso ele não gostasse poderia sair [...] No momento de divisão das equipes o aluno número 26 pediu para participar da atividade (Observações da pesquisadora – diário de campo – 26 de outubro de 2023).

Durante este diálogo descrito acima, nota-se como as preocupações e inseguranças dos adolescentes gerados pela violência interferem no seu envolvimento e conseqüentemente no seu desenvolvimento, bem como demonstram como as intervenções do professor podem proporcionar a segurança necessária para essa desconstrução como o caso do aluno número 26 que após um breve conversa com a professora, adquiriu a confiança e o incentivo necessária para tentar. O aluno não só tentou como permaneceu na atividade até o final da aula.

Após a intervenção pedagógica 7, onde os alunos praticaram o esporte corfebol em sua totalidade e sem adaptações, no momento destinado a roda de conversa final perguntei para todos o que acharam da atividade, seus pontos positivos e pontos de

melhoria, caso houvessem e algumas meninas contribuíram com suas sugestões e opiniões, dentre elas destaco a opinião da aluna número 18.

Hoje a aula foi muito boa professora, os meninos não excluíram a gente do jogo, mas só quando a senhora estava olhando (Aluna 18 - Roda de conversa – Diário de campo, 30 de outubro de 2023).

O desconforto e a recusa em participar sem as prerrogativas das intervenções docentes novamente são evidentes, assim como tais intervenções contribuem para incentivá-las e participarem das aulas. Estes relatos nos ajudam a refletir sobre a profundidade do incômodo que essas estudantes sentem nos momentos de aula e muitas vezes esses relatos acabam por não chegarem aos ouvidos dos professores, talvez devido ao grande número de ocorrências de tal natureza, fazendo elas acreditarem que trata-se de uma atitude comum e/ou natural.

Sobre tal questão, Thorne (1993) afirma que a presença de adultos entre adolescentes pode diminuir a segregação entre os gêneros, pois, ao incentivarem e propor práticas conjuntas, os comentários pejorativos provenientes dessa interação são desencorajados. O papel do professor, para tanto, torna-se fundamental não apenas nas intervenções durante a aula, mas também na escolha dos conteúdos e metodologias.

Durante muitas das intervenções pedagógicas realizadas em quadra, tive que realizar antes em roda de conversa inicial um trabalho de convencimento, na tentativa de promover um ambiente acolhedor e seguro para que as meninas e meninos afastados tivessem a intenção de participar, às vezes tais intervenções surtiam efeitos no início da aula, e muitas vezes, apenas após as alunas notarem que realmente poderiam participar sem intercorrências elas se envolviam, como explícito no relato da aluna em uma das rodas de conversa final.

Eu mesma só participo das aulas de educação física, não gosto de jogar com os meninos no almoço, e sobre hoje até que não foi tão ruim, no começo eu não queria, mas depois achei a atividade legal (Aluna 3 em Roda de conversa – Diário de campo, 30 de outubro de 2023).

Para Soares (1996), o lugar da “performance” não é a escola, nela deve prevalecer a organização e aplicação do conhecimento direcionada para a apreensão intencional do aluno e desconstruir um estereótipo com bases tão profundas não é uma tarefa pronta. Essa construção produzida pela sociedade, reforçada na escola e

por muitos anos nas concepções que regiam as aulas de educação física, devem ser repensadas por professores e alunos, não apenas compreendida, mas problematizada e desconstruída.

Para tanto, a metodologia a ser utilizada e as intervenções dos professores são de suma importância para minimizar os efeitos devastadores que a violência de gênero ocasiona nas práticas esportivas. Cabe ao professor, repensar sua prática pedagógica, e planejar suas aulas e os conteúdos para práticas coeducativas oportunizando aos alunos e a comunidade momentos de questionamento que vão desde a transmissão de valores até a renovação dos modelos, desmistificando e/ou proporcionando uma simples compreensão do fazer juntos.

5.3.2 Os conteúdos e a prática educativa

Quanto aos conteúdos propostos pela Educação Física durante a sua trajetória, destaco em especial a sua história a partir da década de 1940, quando a Educação Física sofreu um processo de esportivização que influenciou as aulas de Educação Física na escola, onde alguns esportes (futebol, basquetebol, voleibol e handebol) tornaram-se praticamente seus únicos conteúdos (Bracht, 1999; Soares, 1996).

Desde a introdução das práticas esportivas nas aulas de Educação Física escolar brasileira, as meninas sempre foram tidas como frágeis e os meninos como seres dotados de força e poder. Segundo Sousa (1994), nesses momentos aos homens era permitido a prática de qualquer esporte, porém para as meninas destinava-se apenas as práticas de danças e a ginástica devido a sua compatibilidade com o corpo feminino.

À medida que os anos transcorreram, as perspectivas sob as quais se objetivava o esporte foram se alterando, foi então apenas a partir da década de 1980 que a dominação esportiva começa a ser problematizada e algumas novas propostas passam a defender entre outras questões a diversificação dos conteúdos além da forma como abordá-los. O objetivo não era a exclusão dos esportes como objeto de conhecimento, mas a tentativa de ressignificá-los no ambiente escolar para que alunas(os) possam compreendê-los tanto como espectadores(as) quanto como praticantes, não estando à mercê do esporte espetáculo de alto rendimento (Daolio, 2006; Paes, 2002; Kunz, 1994; Soares *et al.*, 1992).

Neste estudo, é perceptível que apesar da problematização teórica e a sugestão de novas propostas de ensino, tais questões e práticas não se desenvolvem com a frequência que deveriam no “chão” das unidades escolares. No curso da pesquisa, identifica-se em diversos momentos a sinalização por parte dos alunos para necessidade da diversificação de conteúdos:

Não me interessa pelo conteúdo, e acho um pouco chato e cansativo (Aluna 10 – Questionário de entrada – Questão número 5).

Poderia ter mais vezes, tipo, atividades diferentes, que a gente ainda não conhece (Aluna 13 – Questionário de saída).

Talvez eu participaria se as aulas tivessem mais conteúdos diferentes, e materiais legais, algo que não conhecemos ou queimada e brincadeiras (Aluna 15 – Questionário de entrada – Questão número 5).

Transportando a fala dos alunos para as questões relacionadas à diversificação de conteúdos, é preciso superar o estereótipo das aulas de Educação Física referente a sua associação, única e exclusivamente com momentos de “jogar a bola”, construídos e reforçados justamente pela limitação de conteúdos ao futebol. Isso se dá muitas vezes, segundo Soares (1996) devido a utilização de critérios aleatórios pelos professores para escolha de conteúdos elegendo muitas vezes aqueles os quais o mesmo apresenta mais familiaridade, fazendo com que os alunos passem toda a sua vida na escola básica vivenciando um único esporte.

Podemos verificar também que a falta de materiais é um dos fatores que aparecem como desmotivantes não só para os alunos, mas também para os professores que muitas vezes, desassistido não tem o material e espaço necessário para a propostas de algumas práticas, condicionando-o a vivência apenas de algumas atividades como demonstra a colocação da aluna a seguir quando solicitado a sua opinião na finalização da intervenção:

Eu gostei do projeto, tinha a cesta nova, coletes, a escola antes só tinha bola de futebol e vôlei, poderia ter essas atividades mais vezes, foi diferente (Aluna 24 – Questionário de saída).

Aqui, também durante o questionário sobre as percepções dos estudantes quanto à intervenção pedagógica elaborada para esta pesquisa, a aluna expressa em sua opinião reconhecendo os conflitos existentes nas práticas esportivas e a necessidade, mais uma vez dá propostas de novos conteúdos.

Eu gostei por ser um conteúdo novo e porque ninguém sabia jogar, e todos aprendemos juntos, então não tinha ninguém melhor do que ninguém (Aluna 6 – Questionário de saída).

Se para os alunos, como demonstrado na análise do questionário de entrada deste estudo onde 75% totalizando 24 alunos de 32 estudantes, a aula de Educação Física é destinada apenas às práticas esportivas, constata-se a necessidade de repensar novas formas de vivenciar tais práticas, ressignificadas para melhor atender tanto aos alunos e suas necessidades, como os espaços e recursos disponíveis.

Sendo assim, a seleção de conteúdos deve obedecer a alguns princípios metodológicos gerais, dentre os quais Betti e Zuliani (2002) destacam: princípio da inclusão, princípio da diversidade, princípio da complexidade e princípio da adequação ao aluno. Então, para a seleção e diversificação dos conteúdos esses elementos também foram levados em consideração para elaboração das atividades sugeridas no produto educacional deste estudo. Sem desconsiderar a realidade escolar, criou-se uma sequência de atividades que possibilitam a vivência através do respeito e também dentro das possibilidades de implementação prática.

5.4 Desconstruir para transformar: novas perspectivas e possibilidades

A Educação Física ao longo de sua trajetória sofreu mudanças de concepções importantes para a reafirmação da disciplina enquanto componente curricular e para que o processo de transformação continue a ocorrer de maneira mais efetiva, a atuação do professor nesta direção é fundamental.

Diante dos inúmeros afastamentos, principalmente das meninas, observados no campo de pesquisa e após a análise documental da Base Comum Curricular e do Currículo Paulista e do discurso dos estudantes, notou-se a necessidade de repensar práticas pedagógicas e propor novas perspectivas e possibilidades de problematização das questões relacionadas ao gênero e suas consequências nas aulas de educação física, almejando assim, uma mudança de olhar dos estudantes mas também dos professores que ministram essas aulas.

Em um primeiro momento foi interessante compreender em que circunstâncias esses afastamentos aconteceram, para isso foi importante ouvi-las buscando assimilar suas desmotivações, então, só após encarar o grande desafio de pensar e

propor alternativas para intervir neste contexto, e esta pesquisa aponta algumas dessas possibilidades.

Para tanto, foi sugerido uma intervenção através de sequências didáticas (APÊNDICE E) com intuito de desconstruir para transformar. Estas sugestões foram elaboradas para professores a partir de propostas coeducativas e diversificadas, pois meninas e meninos realizam as aulas juntos. Nessas atividades, buscou-se problematizar as diferenças, além de auxiliar na promoção da igualdade de oportunidade entre os gêneros, sem esquecer da realidade de muitas escolas, tanto em relação à quantidade de alunos por turma, como em relação a materiais utilizados.

Para Saraiva (2002), a coeducação como abordagem metodológica para nas aulas de Educação Física Escolar pode contribuir para ressignificar os esportes e as atividades físicas numa perspectiva relacional de gênero, combatendo o sexismo, e demonstrando para os alunos as diferentes possibilidades para além dos papéis de gênero impostos socialmente (Saraiva, 2002).

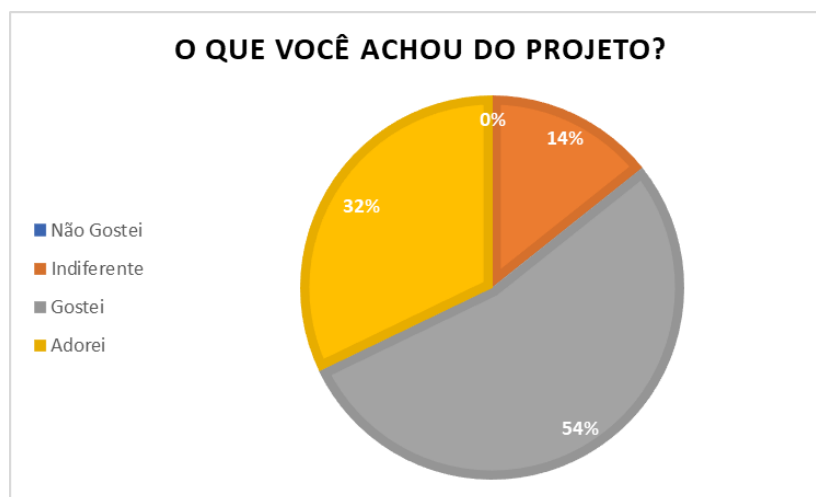
A partir daí, as atividades que aqui foram sugeridas, possuíam o intuito de diminuir os afastamentos, elas se preocuparam em incluir todos os estudantes de maneira confortável, com segurança em relação a possíveis exposições vexatórias e a violência entre os gêneros, dando preferência para algumas atividades lúdicas e trabalhos em grupos, durante a sequência didática inclusive conservou-se momentos destinados a reflexões em grupos com intuito de fornecer suporte emocional e contextualizar as práticas propostas.

Após a vivência de toda intervenção pedagógica, é importante considerarmos além das observações do professor, a opinião dos estudantes para compreender pontos de melhoria e garantir efetividade da proposta, para isso foi aplicado, como já mencionado em outros momentos, um questionário final a fim de levantar dados referente a opinião dos alunos sobre a sequência didática, este foi respondido apenas por 28 estudantes dos 32 participantes da pesquisa, devido a 2 ausências médicas e 2 transferências de unidade escolar.

Neste questionário, ficou constatado que do número total 100% (n=28) de estudantes que responderam ao questionário, a maioria sendo 54% (n=15) alegam terem gostado do projeto de maneira geral, 32% (n=9) desses estudantes dizem ter adorado participar do projeto proposto, enquanto apenas 14% (n=4) conceituaram a relevância do projeto como indiferente, vale ressaltar ainda que, nenhum dos

estudantes diz não ter gostado de participar das atividades ou da proposta geral da pesquisa.

Gráfico 8 – Percepção dos estudantes sobre o projeto de pesquisa

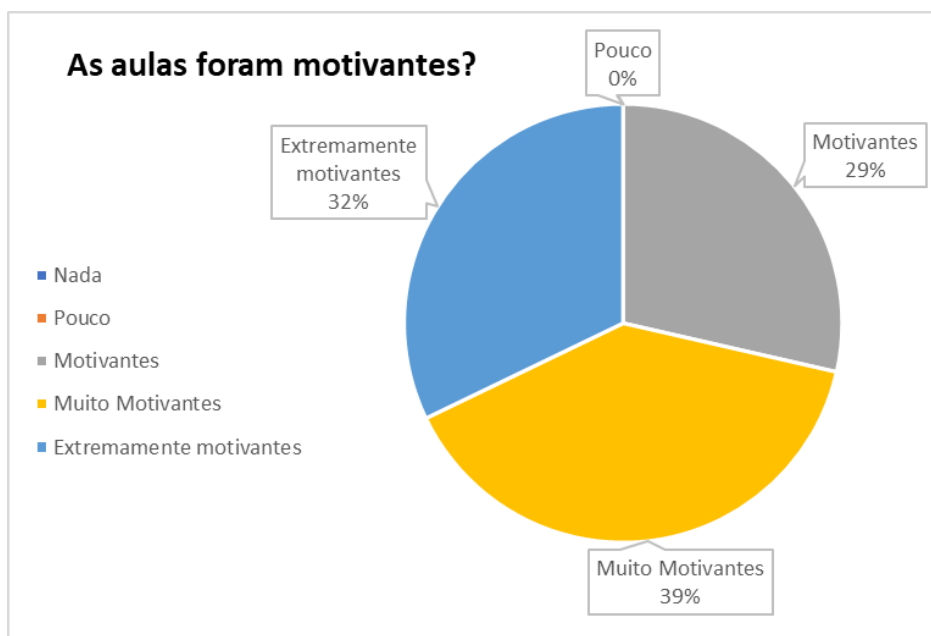


Fonte: dados da pesquisa.

Torna-se evidente que a nova proposta aqui apresentada foi aprovada pela maioria dos alunos que atestam terem gostado ou adorado a realização do projeto. Sobre isso, o autor Fiorin (1997) investigou a opinião dos estudantes ao final de um programa de atividade física, seus resultados demonstraram que apesar dos alunos ainda vincularem as aulas de Educação Física com a prática de esportes eles aprovam e aderem com mais entusiasmo as práticas corporais diversificadas. Como foi o caso do corfebol, que apesar de ser um esporte, a proposta era desconhecida pelos estudantes, o que os motivou a participar e vivenciar.

Nesta pesquisa, toda a proposta pedagógica foi pensada e estruturada na intenção de motivar todos os alunos, principalmente os alunos afastados, a participarem das aulas de educação física proporcionando prazer na realização das atividades enquanto aprendem e se desenvolvem. Quanto a essas questões, o objetivo do projeto foi alcançado pois, mesmo que entre oscilações nas participações, ou seja, ora esses alunos afastados participavam, ora não. Ficou constatado que 32% (n=9) dos estudantes consideraram as aulas extremamente motivantes, 39% (n=11) muito motivantes e 29% (n=8) motivantes, de todos os alunos, nenhum, considerou a proposta pouco ou nada motivante.

Gráfico 9 – Percepção dos estudantes sobre a motivação nas aulas da intervenção pedagógica



Fonte: dados da pesquisa.

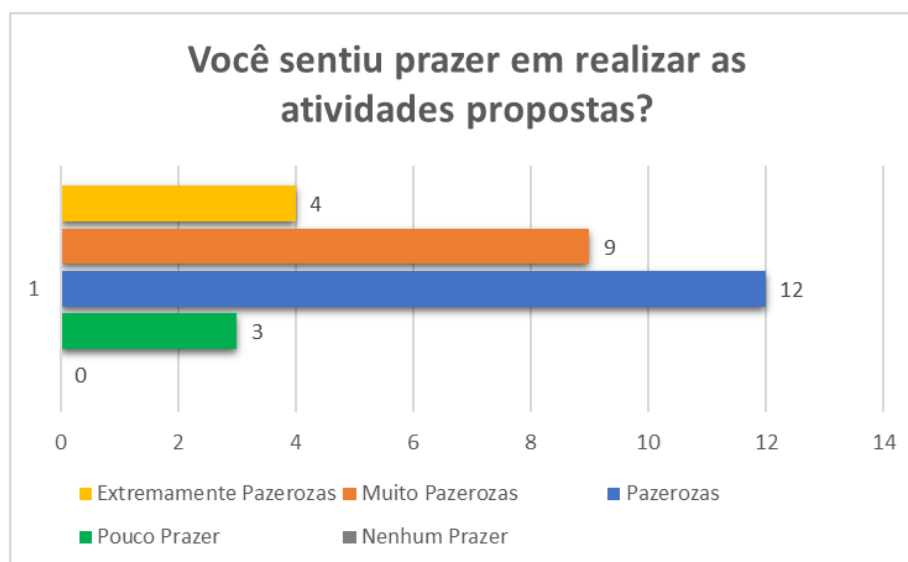
Em seu estudo, Rangel-Betti (1992) procurou analisar em sua pesquisa as expectativas dos alunos em relação às aulas de Educação Física e durante a discussão dos resultados destacou que é mais simples incentivar as crianças menores a praticar atividade física do que aos adultos e por isso o professor deveria estar atento para fazer de suas aulas um momento saudável, prazeroso e motivante para os alunos, enquanto aprendem e se desenvolvem.

Para que esses alunos participem com entusiasmo e sintam prazer na sua realização, é essencial que a elaboração das atividades propostas leve em consideração o nível de desenvolvimento motor dos estudantes. Segundo Darido (2004), uma das possíveis hipóteses para o número excessivo de afastamentos das práticas da atividade física pode residir nas más experiências anteriores vivenciadas nas aulas de Educação Física e/ou fora dela. Muitos alunos acabam não encontrando prazer e conhecimento nas aulas e se afastam da prática.

Para tanto, os alunos estarem seguros e motivados a participar foi de extrema importância para o projeto pois este fator influenciou consequentemente no prazer durante a participação das atividades como podemos notar na figura abaixo (Gráfico 10), onde um total de 25 alunos (89%) de 28 estudantes que responderam ao questionário final, alegaram sentirem entre extremo prazer, muito prazer ou apenas

prazer na realização das atividades propostas e apenas 3 estudantes (11%) relataram sentirem pouco prazer durante a vivência.

Gráfico 10 – Percepção de prazer na realização das atividades pelos alunos



Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com Caviglioli (1976), os alunos têm tendência a apreciar disciplinas relacionadas à liberdade, alegria, interesse, beleza e prazer. Fazer com que esses estudantes sintam prazer na realização das atividades propostas ao mesmo tempo que aprendem e se desenvolvem é ressignificar as experiências, principalmente das meninas, diante das práticas esportivas, além de ser o grande desafio das aulas de educação física diante dos conflitos gerados da interação entre os gêneros.

Não só a participação, mas a participação com disposição é importante. Em sua pesquisa, as autoras Jacó e Altmann (2011) relatam que ao observarem as diferentes formas de participação nas aulas de Educação Física, mesmo com o envolvimento de todos os estudantes presentes, algumas meninas adotam uma postura passiva diante das atividades propostas, participando da aula, mas apenas como “figurantes” e por isso, mesmo participando não tem as mesmas oportunidades de aprendizagem que os meninos.

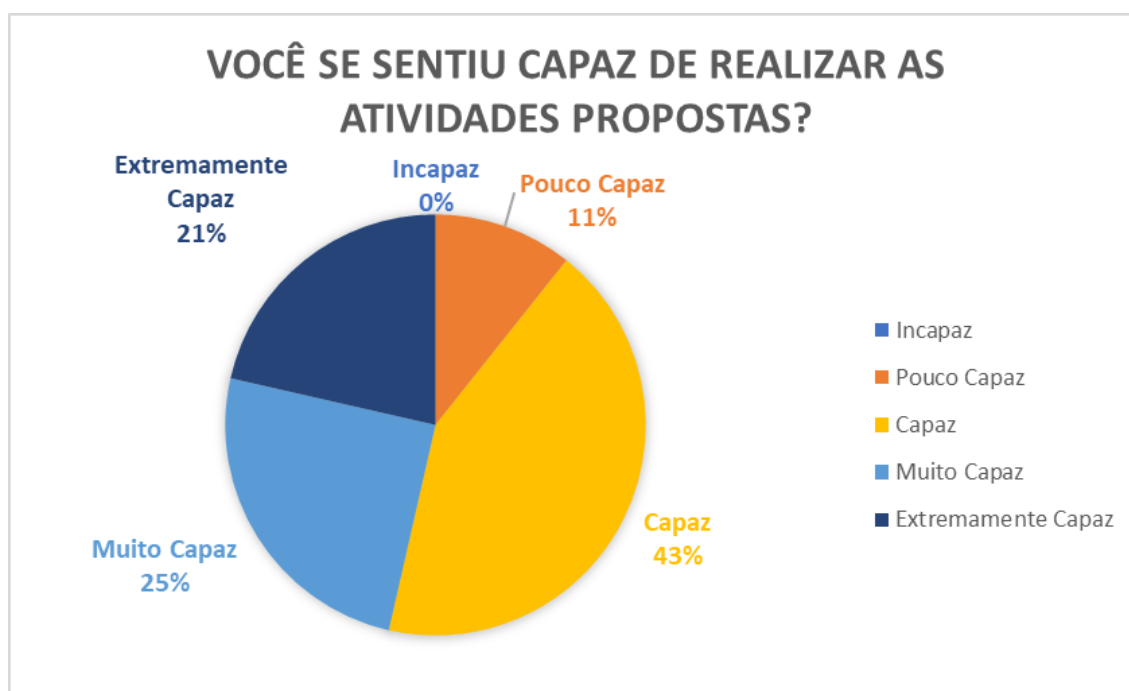
Diante disto, a elaboração do projeto atentou-se também para o nível de exigência nas atividades propostas, na premissa de mostrar para os alunos que todos são capazes de participar como iguais independentemente das suas habilidades, além de deixarem os estudantes confortáveis e o mais seguro possível para uma

participação efetiva, ou seja, não estar apenas em quadra mas participar com entusiasmo.

Para Darido (2004), algumas características que podem contribuir com a aderência desses adolescentes as práticas de atividades físicas deveriam ser de conhecimento por todos os profissionais da área da Educação Física, dentre essas características cita, proporcionar desafios adequados às capacidades motoras e individuais, promovendo assim condições favoráveis ao desenvolvimento e possibilidade de sucesso em sua prática.

Sobre isso, o relato dos estudantes demonstra que a proposta foi atingida de forma parcial quando, 11% (n=3) ainda alegam se sentirem pouco capazes diante das atividades propostas. Neste caso, é interessante que o professor sempre procure atingir a todos os alunos, preocupando-se em entender e realizando as adaptações necessárias. Em contrapartida, a partir da realidade vivenciada diante de um número excessivo de afastamentos e desinteresse na participação, 89% (n=25) dos alunos que responderam ao questionário (n=28), consideraram as atividades propostas de níveis adequados quando alegam se sentirem capazes, muito capaz ou extremamente capaz de realizá-las.

Gráfico 11 – Percepção dos alunos de capacidade na realização das atividades propostas

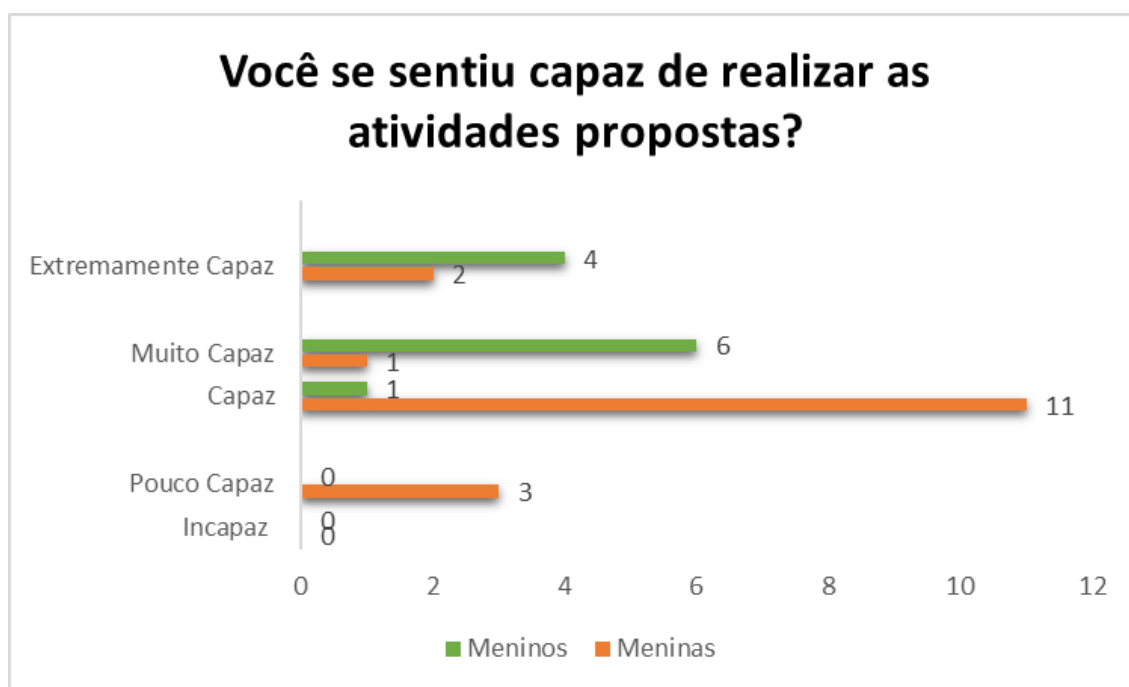


Fonte: dados da pesquisa.

É importante ressaltar que a sequência didática proposta para esta pesquisa, visto que a mesma tratou-se de uma ação isolada, contribuiu significativamente para motivar as alunas a participarem das aulas, mas apesar do aumento no engajamento das atividades, algumas alunas ainda oscilavam em sua participação, ou seja, hora se envolviam, hora não se envolviam.

Analisando os dados voltados para as meninas (que neste estudo representam o maior número de afastamentos, dos 28 estudantes que responderam ao questionário final 17 eram do sexo feminino), percebemos que os 11% (n=3) dos estudantes que se consideraram pouco capaz na realização das atividades são exclusivamente do sexo feminino, já dos estudantes que se consideram capazes 43% (n=12), a maioria deles, totalizando 11 estudantes, são do sexo feminino, agora, referente aos 25% (n=7) dos estudantes que se consideraram muito capaz, apenas 1 deles eram do sexo feminino e por fim, dos estudantes 21% (n=6) que se qualificaram como extremamente capazes, 2 deles são do sexo feminino.

Gráfico 12 – Percepção dos alunos separada por sexo de capacidade na realização das atividades propostas



Fonte: dados da pesquisa.

Esses dados demonstram que apesar da maioria delas se sentirem capazes ainda assim, algumas meninas apresentam autoestima baixa em relação às suas

habilidades motoras, não se sentindo capazes diante os desafios presentes nas atividades propostas, o que pode interferir na motivação gerando ao afastamento ou a participação de maneira não efetiva nas aulas de educação física, para tanto é importante que as ações voltadas para o aumento do engajamento dessas alunas continuem, para que as mesmas estejam abertas a vivenciar atividades que contribuam para o seu desenvolvimento, diminuindo o abismo gerado nas diferenças de habilidade e consequentemente aumentando suas auto estima.

Vale lembrar que as desigualdades geradas a partir dos estereótipos de gênero, tem em seu problema raízes profundas, que são reafirmados diariamente, inclusive no contexto escolar, caminhar na contramão para a construção de relações não hierarquizadas entre homens e mulheres é um trabalho que exige esforços diários, sendo dever não apenas da escola, mas da comunidade como um todo, só assim, observamos mudanças concretas, enquanto isso, continuaremos a plantar as sementes necessárias na esperança de um sociedade mais justa, pautadas e construídas em valores de equidades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizarmos esta pesquisa, retomaremos pontos importantes para sua compreensão. Em síntese, este estudo surgiu a partir da necessidade da pesquisadora em compreender os motivos que levam aos afastamentos de alunos, principalmente das meninas, das aulas de Educação Física, crescente e mais perceptível nos anos finais do ensino fundamental.

Para compreender e responder tal questionamento, foi necessário recorrer aos estudos e percursos históricos, do feminismo, da construção de estereótipos e dos significados atribuídos ao gênero, bem como as relações de poder presentes na sociedade e dentro das aulas de Educação Física, para tanto, a análise dos documentos que norteia este componente curricular foi imprescindível no sentido de identificar como as questões de gênero são tratadas nesses documentos.

Dentre os documentos analisados, está a BNCC e o Currículo Paulista e constatou-se que as questões e problemáticas relacionadas a estereótipos de gênero são negligenciadas e silenciadas nesses documentos, demonstrando fragilidades no principal documento norteador educacional e, por consequência, da Educação Física Escolar, que são onde as problemáticas de gênero mais geram implicações.

A partir de então, o objetivo geral desta pesquisa concentrou-se em levantar discussões e problematizar as relações de poder organizadas a partir dos gêneros, além de compreender como elas influenciam na vida dos estudantes, na escola, nos esportes e na participação, principalmente das meninas, nas aulas de Educação Física para caminharmos em direção a superação do sexismo.

Mais especificamente em relação à ausência de tal temática nos documentos norteadores nacionais (BNCC) e estaduais (Currículo paulista) e a problemática identificada, esse estudo ressalta a relevância de se elaborar intervenções na temática de gênero, para isso admitiu como seu objetivo em específico propor práticas pedagógicas educativas e implementá-las nas aulas de Educação Física, através de uma sequência didática para o ensino da modalidade esportiva chamada corfebol.

Esta prática foi destinada a sistematização de um material de formação para professores sobre a inserção do corfebol como ferramenta problematizadora das questões de gênero e a contribuição para a diminuição dos afastamentos das meninas das aulas de Educação Física Escolar.

Para que a sistematização desse material seja genuína e surta efeitos significativos, as percepções e contribuição dos estudantes, surgiram a partir de dois questionários importantes que proporcionam mais espaço de voz aos estudantes, somadas às observações da pesquisadora que foram registrados em diário de campo, se tornaram um material riquíssimo para a superação dos desafios encontrados e gerados das relações hierarquizadas de gênero.

A análise dos resultados dos questionários de entrada e dos elementos discursivos apresentados pelos dos estudantes durante a vivência da sequência didática denunciam práticas e discursos sociais constituídos nas relações preeminentes de poder. A supremacia dos meninos e a subalternidade das meninas ficam mais evidentes e melhor descritas na primeira categoria geral 1 e suas subcategorias, todas destinadas à análise comportamental dos estudantes.

Foi possível perceber que muitos desses sentimentos e comportamentos são determinados por fatores externos àquelas aulas como a as circunstâncias da dominação masculina e a invisibilidade feminina evidente no meio esporte “respinga” seus efeitos durante as aulas de educação física, onde as meninas são violentadas e oprimidas, gerando vergonha e medo que as impedem de se envolverem nas atividades propostas.

Inclusive, os resultados demonstram as responsabilidades dos professores em propor ações de urgência no enfrentamento de tal problemática, visto que não é uma realidade singular deste campo de pesquisa, a Categoria Geral 2 e suas subcategorias apontaram a necessidade de se repensar não apenas as ações pedagógicas, mas também a importância das intervenções docente e da diversificação dos conteúdos.

Sobre fatores internos às aulas, cabe ao professor repensar suas práticas e aprofundar seus estudos e a responsabilidade de problematizar aquilo que não se pode extinguir como os fatores externos e de construção social impregnados no imaginário dos sujeitos deste estudo.

Por fim, após a sequência didática os alunos demonstraram compreender as relações de poder presentes na sociedade e nos esportes, apontando para a necessidade de atividades e conteúdos diferenciados e não geridos através de uma perspectiva binária de gênero, essas novas percepções contribuíram por sua vez para o incentivo da participação desses estudantes afastados das aulas de educação física,

além de ampará-las, proporcionando um ambiente seguro para que possam se sentirem confortáveis com suas habilidades, limitações e exposição corporais.

Subitamente, aqui está a importância de se incluir a problematização das relações de gênero nas aulas de Educação Física, proporcionando aos alunos oportunidades de se compreender, refletir, desconstruir e reconstruir novas perspectivas de compreensão do mundo, da sociedade e de suas relações, aproximando os conhecimentos empíricos dos conhecimentos científicos.

A realização desta pesquisa e a participação dos alunos no projeto demonstram que muito do que se vivencia dentro das unidades escolares pode ser ressignificado. Mesmo que essas mudanças a priori pareçam ficarem restritas a alguns alunos e apenas dentro dos muros escolares, trazer os estudantes para a reflexão sobre a sociedade a qual eles mesmos integram é fazê-los se entender como sujeitos sociais, portanto há a esperança de que possa se alcançar proporções maiores à medida que esses estudantes crescem e se desenvolvem, aumentando a sua participação social, reconhecendo a si mesmo como sujeito ativo e capaz de transformações.

Não podemos negar que ainda há um longo caminho a ser percorrido e ainda que essa intervenção venha ter ocorrido de maneira pontual, certamente proporcionou mudanças significativas, tanto na vida dos estudantes como para a professora pesquisadora, assim, essa experiência (re)define novos rumos da minha trajetória pessoal e profissional. Que as contribuições aqui apresentadas também possam contribuir para outros profissionais que enfrentam as mesmas problemáticas em suas salas de aula, para que juntos caminhemos em direção ao rompimento com pensamentos binários, não apenas em relação aos gêneros, mas dialogando cada vez mais com os grupos que são comumente excluídos e de pouca visibilidade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, N. G. Análise das percepções de docentes e discentes sobre turmas mistas e separadas por sexo nas aulas de Educação Física Escolar. *In*: ROMERO, E. (org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papirus, 1995. p. 157-176.
- ACKER, R. V.; COSTA, F. C.; BOURDEAUDHUIJ, I. D.; CARDON, G.; HAERENS, L. Sex equity and physical activity levels in coeducational physical education: exploring the potential of modified game forms. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 15, n. 2, p. 159-173, 2010.
- ALTMANN, H.; AYOUB, E.; AMARAL, S. C. F. Gênero na prática docente em Educação Física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"? **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 491-501, 2011.
- ALTMANN, H. **Educação Física Escolar**: Relações de gênero em jogo. São Paulo: Cortez, 2015. Coleção Educação e Saúde.
- ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero**: Marias (e) homens na Educação Física. Orientadora: Eustaquia Salvadora de Sousa. 1998. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- ALTMANN, H.; SOUSA, E. S. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na Educação Física Escolar. **Cadernos CEDES**, v. 19, n. 48, p. 52-68, Campinas, 1999.
- ALVES, J. **O ensino do corfebol nas escolas**: como abordar a modalidade. Lisboa: Federação Portuguesa de Corfebol, 2015.
- ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985. 78 p. il. (Coleção primeiros passos, 20).
- ANDRÉ, M. E. D. A. A pesquisa no cotidiano escolar. *In*: FAZENDA, I. (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 35-45.
- ARRUZZA, C. **Feminismo e Marxismo**: entre casamentos e divórcios. Portugal: Edições Combate, 2010. Tradução de Isabel Lacerda.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BETTI, M. Mídia e educação: análise da relação dos meios de comunicação de massa com a Educação Física e os esportes. **Seminário Brasileiro em Pedagogia do Esporte**, p. 80-87, set. 1998.
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Rev. Mackenzie de Ed. Fís. e Esp.** v. 1, n. 1, p. 73-81, ago. 2002.
- BETTI, M.; GOMES-DA-SILVA, P. N. **Corporeidade, jogo, linguagem**: a educação física nos anos iniciais do ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2019.

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. Dados Qualitativos. *In*: BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teorias e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994. p.147- 202.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Caderno Cedes**, Campinas, ano 19, n. 48, p. 69-88, 1999.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 134, n. 248, p. 27833, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 13 maio 2023.

BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C. A pesquisa participante: Um momento da educação popular. **Revista Edição Popular**, Uberlândia, v. 6, p. 51-62, jan./dez. 2007.

BRITO, L. T. “Afeminada! Afeminada!” Queerizando as masculinidades no contexto do Voleibol. *In*: DORNELES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. **Educação Física e Sexualidade**: Desafios Educacionais. Ijuí, RS: Unijuí, 2017.

CAVIGLIOLI, B. **Esporte e adolescentes**. Paris: J. Vrin, 1976.

CABRAL, B. E.; GARCIA, T. C. R. Deshaciendo el Nudo del Género y la Violencia. **Otras Miradas**, v. 1, n. 1, p. 60-73, 2001.

CHIODA, R. A. **A roda de conversa e o processo civilizador**. 2004. 84f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2004.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.

CRUM, B. **Conceitos de Corfebol**. Holanda: KNKV, 2014.

CRUZ, M. M. S; PALMEIRA, F. C. C. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Motriz**, v. 15, n. 1 p. 116-131, 2009.

DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em “antas”. In: ROMERO, E. (org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papirus, 1995. p. 99-108.

DAOLIO, J. Educação Física Escolar: em busca da Pluralidade. **Rev. paul. Educ. Fís.**, São Paulo, supl. 2, p.40-42, 1996.

DAOLIO, J. **Cultura, Educação Física e Futebol**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

DAOLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos - modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 10, n. 4, p. 99-103, 2002.

DAOLIO, J. **Cultura: Educação Física e futebol**. São Paulo: UNICAMP, 2006.

DARIDO, S.; GONZÁLEZ, F.; GINCIENE, G. **O afastamento e a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física Escolar**. 2018. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, Disciplina Problemáticas da Educação Física, p. 26, 2018.

DARIDO, S. C. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2002.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S. C. A Educação Física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 18, n. 1 p. 61-80, jan./mar., 2004

DEMO, P. **Pesquisa participante: Saber pensar e intervir juntos**. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

DIAS, I. **Estrutura de Motivos da Prática da Actividade Física**: Estudo em jovens dos dois sexos, dos 10 aos 14 anos de idade, do Concelho do Porto. Porto: FCDEF, 1995

FIORIN, G. S. **Uma proposta para além do esporte na Educação Física Escolar**: as expectativas dos alunos. 1997. 224 f. Monografia (Especialização em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1997.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 8. ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005

FONSECA, A. "Motivos para a prática desportiva: Investigação desenvolvida em Portugal". **Revista Crítica de Desporto e Educação Física**, Universidade de Coimbra, n. 1, p. 49-62, 1995.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, Editora Atlas, 2002.

GOELLNER, S. V. Gênero, Educação Física e esporte. *In*: VOTRE, Sebastião (org.). **Imaginário e representações sociais em Educação Física, esporte e lazer**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2001. p. 215-227.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a pratica**, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2005.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 2, p. 71-83, mar. 2010. Disponível em:
<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/984>. Acesso em: 19 jun. 2023.

GOELLNER, S. V.; DOS ANJOS, L. A. Esporte e Transgeneridade: Corpos, Gêneros, e Sexualidades Plurais. *In*: DORNELES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. **Educação Física e Sexualidade**: Desafios Educacionais. Ijuí, RS: Unijuí, 2017. p. 51-72.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GOELLNER, S. V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, p. 171-196, 2007.

GRUGEON, E. Implicaciones del género en la cultura del patio de recreo. *In*: WOODS, P.; HAMMERLEY, M. (ed.). **Gênero, cultura y etnia en la escuela**: Informes etnográficos. Barcelona, Espanha: Ministério de Educación y Ciencia, 1995. p. 23-47.

GUBBY, L. 8 Embodied practices in korfbal. *In*: I. Wellard (eds). **Researching Embodied Sport**: Exploring Movement Cultures. Routledge: Abingdon, 2015. p. 86-99.

HALLAL, P. C.; BERTOLDI, A. D.; GONÇALVES, H.; VICTORA, C. G. Prevalência de sedentarismo e fatores associados em adolescentes de 10-12 anos de idade. **Cad Saude Publica**, v. 22, n. 6, p. 177-187, 2006. DOI:10.1590/S0102-311X2006000600017.

HARGREAVES, J. Promesa y problemas em el ocio y los deportes femininos. *In*: BROHM, J. M. *et al.* **Materiales de sociologia del deporte**. Madrid: La Piqueta, 1993. p. 109-132.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

INTERNATIONAL KORFBALL FEDERATION. **Statutes 2011**. 2011. Disponível em: <https://korfball.sport/wp-content/uploads/2015/10/IKF-Statutes-2011-final-revised-version.pdf>. Acesso em: 15 maio 2018.

JACÓ, J. F. **Educação Física e Adolescência**: “Professor, não vou participar da aula!”. Orientador: Elaine Prodocimo. 2008. 50 f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

JACÓ, J. F.; ALTMANN, H. Educação Física Escolar e gênero: as diferenças entre meninos e meninas nas maneiras de participar das aulas. *In*: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL, 2., 2011, Maringá, Paraná. **Anais [...]**. Maringá: UEM, 2011.

KOBAL, M. C. **Motivação intrínseca e extrínseca nas aulas de educação física**. Orientador: José Manuel Montanha da Silveira Soares. 1996. 52 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 1. ed. Ijuí: Unijuí, 1994.

LIM, S. Y.; DIXON, M. A. A conceptual framework of sport participation and women’s empowerment. **Managing Sport and Leisure**, Abingdon, v. 1, p. 1-15, 2018.

LOURO, G. Uma leitura da História da Educação na perspectiva do gênero. **Projeto História**, São Paulo, v. 11, p. 31-46, nov. 1994.

LOURO, G. L. Nas redes do conceito de gênero. *In*: LOPES, M. J. M.; MEYER, D. E.; WALDON, V. R. (org.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 7-18.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, vozes, 1997.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOUZADA, M.; VOTRE, S.; DEVIDE, F. Representações de docentes acerca da distribuição dos alunos por sexo nas aulas de Educação Física. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, v. 28, n. 2, p. 55-68, 2007.

LOEFFLER, T. A. Assisting women in developing a sense of competence in outdoor programs. **The Journal of Experiential Education**, v. 20, n. 3, p. 119-123, dez. 1997

MARTINELLI, T. A. P.; MAGALHÃES, C. H.; MILESKI, K. G.; ALMEIDA, E. M. de. A Educação Física na BNCC: concepções e fundamentos políticos e pedagógicos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 76-95, set. 2016.

MARZINEK, A. **A motivação de adolescentes nas aulas de Educação Física**. Orientador: Alfredo Feres Neto. 2004. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação Física, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2004.

MARIANO, M. **Educação Física na Educação Infantil e as relações de gênero: educando crianças ou meninos e meninas?**. Orientadora: Helena Altmann. 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Unicamp, Campinas, 2010.

MATOS, M. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se é como os estudos de gênero e feministas se transformam em um campo novo para as ciências. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 333-357, maio/ago. 2008.

MEYER, D. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (org.) **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na Educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27.

MEYER, D. Teorias e políticas de gênero: fragmentos de histórias e desafios atuais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 57, n. 1, p. 13-18, 2004.

MEYER, D. E.; SOARES, R. de F. R. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: MEYER, D. E.; SOARES, R. de F. R. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 5-16.

MEZZETTI, C. de F. R. **O fenômeno arquibancada**: análise do afastamento das meninas nas aulas de Educação Física do Ensino Médio em uma escola na rede estadual de Minas Gerais. 2020. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física Escolar) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

MINAYO, M. C. S.; GOMES, R.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, 2006, p. 647-654.

NEIRA, M. G. A proposta curricular do Estado de São Paulo na perspectiva dos saberes docentes. XI Seminário de Educação Física Escolar: Saberes Docentes. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 25, supl. n. 6, p. 23-27, nov. 2011a.

NEIRA, M. G. **O currículo cultural da Educação Física em ação**: a perspectiva dos seus autores. 2011. 332 f. Tese (Livre docência) – Metodologia de ensino de Educação Física, USP, São Paulo. 2011b.

NEIRA, M. G. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Rev Bras Ciênc Esporte**, v. 40, n. 3, p. 215-223, 2018.

NEIRA, M. G.; SOUZA JÚNIOR, M. A educação física na BNCC: procedimentos, concepções e efeitos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 188-206, set. 2016.

OLIVEIRA, R. C. **Educação física, escola e cultura**: O enredo das diferenças. 2006. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2006.

OLIVEIRA, T. C.; SILVA, A. A. M. da; SANTOS, C. de J. N. dos; SILVA, J. S. e; CONCEIÇÃO, S. I. O. da. Atividade física e sedentarismo em escolares da rede pública e privada de ensino em São Luís. **Revista Saúde Pública**, v. 44, n. 6, p. 996-1004, 2010.

OLIVEIRA, F., MACEDO, R., SILVA, A. Fatores associados à participação das alunas nas aulas de Educação Física: Uma questão de gênero?. **ACTA Brasileira do Movimento Humano**, v. 4, n. 5, p. 73-86, 2014.

ONU. Mulheres. **ONU Mulheres e parceiros impulsionam empoderamento de meninas por meio do esporte**. 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-mulheres-e-parceiros-impulsionamempoderamento-de-meninas-por-meio-do-esporte/>. Acesso em: 03 out. 2019.

PAES, R. R. **A pedagogia do esporte e os jogos coletivos**. In: ROSE JR., D. et al. Esporte e atividade física na infância e na adolescência. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 89-98.

PAIXÃO, J. A. Corfebol na escola: uma proposta extracurricular de práticas pedagógicas por acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física. **Scientific Electronic Archives**, v. 10, n. 5, p. 96-103, 2017.

PINHEIRO, G. C. G. Teoria curricular crítica e pós-crítica: Uma perspectiva para a formação inicial de professores para a educação básica. **ANALECTA**, Guarapuava-PR, v. 10, n.2, jul/dez, 2009, p 11.-25.

PINTO, C. R. J. Feminismo, História e Poder. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

PAIM, M. C. C. Fatores motivacionais e desempenho no futebol. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 73-79, 2001.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento “Movimento é vida”**. Brasília, 2017.

PISCITELLI, A. “Recriando a (categoria) mulher?”. In: ALGRANTI, L. (org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. Campinas: IFCH-Unicamp, 2002. p. 7-42.

PRIOTTO, E. P.; BONETTI L. W. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. **Revista Diálogo Educ.** Curitiba, v. 9, n. 26, p. 161-79, jan./abr., 2009.

RANGEL-BETTI, I. C. Educação Física escolar: a preparação discente. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 158-167, maio 1995.

RANGEL-BETTI, I.C.R. **O prazer em aulas de Educação Física Escolar**: a perspectiva discente. Orientador: Wagner Wey Moreira. 1992. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas, 1992.

RABENHORST, E. R. Feminismo e Direito. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Direito**, João Pessoa: UFPB, v. 1, n. 1, p. 113-131, 2010.

ROSEMBERG, F. “A educação física, os esportes e as mulheres: balanço da bibliografia brasileira”. In: ROMERO, E (org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papirus, 1995. p. 271-308.

SALLES, L. M. F. **Adolescência, escola e cotidiano**: contradições entre o genérico e o particular. Piracicaba: UNIMEP, 1998.

SALLIS, J. F.; BUONO, M. J.; ROBY, J. J. Seven-day recall and other physical activity self-reports in children and adolescents. **Med Sci Sports Exerc.**, v. 25, n. 1, p. 99-108, 1993. DOI:10.1249/00005768-199301000-00014.

SANTOS, J. M. **O gênero na escola**: a Educação Física em questão. Orientador: Luiz Mello. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Pós-graduação em Ciências Humanas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. **Currículo Paulista**. São Paulo: SEDUC/SP, 2019.

SARAIVA, M. do C. Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, Esporte e Lazer? **Motrivivência**, v. 13, n. 19, p. 79-85, 2002

SARDENBERG, C. M. B.; COSTA, A. A. A. Feminismos, feministas e movimentos sociais. *In*: BRANDÃO, M. L. R.; BINGERMER, M. C. L. **Mulher e Relações de Gênero**. São Paulo: Edições Loyola, 1994. p. 81-113.

SERPA, S. Motivação para a prática desportiva: Validação preliminar do questionário de motivação para as atividades desportivas (QMAD). *In*: F SOBRAL, F; MARQUES, A. (coord.) **FACDEX: Desenvolvimento somato-motor e factores de excelência desportiva na população escolar portuguesa**. Lisboa, 1992. p. 89-97. v. 2

SILVA, F. R. da. **Níveis de motivação de escolares nas aulas de Educação Física na cidade de Candeias do Jamari**. 2012. Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Rondônia, Rondônia, 2012.

SILVA, P. B. G. e; BERNARDES, N. M. G. Roda de conversas – Excelência acadêmica é a diversidade. **Educação**, Porto Alegre, v. 61, n. 1, p. 53-92, jan./abr. 2007.

SILVA, P.; GOMES, P. B.; GOELLNER, S. As relações de gênero no espaço da Educação Física: A percepção de alunos e alunas. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 8, n. 3, p. 396-405, versão online, 2008.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SINGH, T. L.; NAIDOO, L. D. Assessing gender inequality in South Africa: a case study of women in sports management. **Journal of Research in Business, Economics and Management**, Lausanne, v. 8, p. 1407-1428, 2017.

SOARES, C. L. **Educação Física**: Raízes européias e Brasil. São Paulo: Autores Associados, 1994.

SOARES, C. L. Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, supl. 2, p. 6-12, 1996.

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; VARJAL, E. CASTELLANI FILHO, L.; ESCOBAR, M. O.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, C. L. **Educação Física**: raízes europeias e Brasil. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 1994.

SOUSA, E. S. de. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994)**. Orientadora: Lucia Mercês Avelar. 1994. 265 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1994.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, Campinas, n. 48, p. 52-68, ago. 1999.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; DARIDO, Suraya Cristina. Influências da cultura escolar no desenvolvimento de propostas coeducativas em aulas de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 9, n. 3, p. 143-151, 2004.

SOUZA JUNIOR, O. M. **Educação Física Escolar e a questão de gênero**. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL- MASSO, Maria Candida Soares (Org.). *Desafios da Educação Física Escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. ISBN 978-65-86546-43-9 (Programa Publicações Digitais Unesp – IEP3).

TENÓRIO, J. G.; SILVA, C. L. **Educação Física Escolar e a não participação dos alunos nas aulas**. *Ciência em Movimento*, v. 15, n. 31, p. 71-80, 2013.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo. Cortez, 2011.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed; 2012

THORNE, Barrie. **Gender play**: girls and boys in school. New Jersey, USA: Rutgers University Press, 1993. 237 p.

TUBINO, Manoel Jose Gomes: *As dimensões sociais do esporte*. São Paulo; Cortez, Autores Associados, 2001. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo.)

UCHOGA, Liane, A. R.; ALTMANN, Helena. Educação Física Escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-e nos conteúdos de aula. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Brasília*, DF, v. 38, n. 2, p. 163-170, abr./jun. 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32892016000200163&script=sci_arttext. Acesso em: 5 mar. 2021.

VAGO, T. M. **Das escrituras à escola pública**: a Educação Física nas séries iniciais do 1.º grau., 1993. 252 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: UFMG, 1993.

VAGO, T. M. *Pensar a Educação Física na Escola: Para uma Formação Cultural da infância e da juventude*. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 1, p. 25-43, Campinas: CBCE e Autores Associados, 2009.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: **“CORFEBOL: Uma proposta para equidade de gênero nas aulas de Educação Física.”**

Nome do(a) Pesquisador(a): Natalha Mussi Jorge da Cunha Correa Nome do(a)

Orientador(a): Prof. Dr. Luiz Rogério Romero

1. **Natureza da pesquisa**: Esta pesquisa tem como finalidade, elaborar uma sequência didática para intervenção pedagógica e, a partir daí, analisar e compreender o desenvolvimento dos alunos dos anos finais do ensino fundamental, quanto às aprendizagens relacionadas às questões de gênero, bem como os motivos da não participação das meninas na aula de Educação Física.
2. **Participantes da pesquisa**: Poderão fazer parte da pesquisa alunos matriculados no 9.º Ano do Ensino Fundamental.
3. **Envolvimento na pesquisa**: A participação é voluntária, ao aceitá-la permitirá que seu(sua) filho(a) responda ao questionário referente ao engajamento e motivação dos alunos nas aulas de Educação Física e participe das sequências didáticas propostas. Você tem toda a liberdade de recusar ou permitir a participação de seu(sua) filho(a), sem qualquer prejuízo; sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa por meio do telefone ou e-mail do responsável pelo projeto.
4. **Sobre as coletas**: Para esta pesquisa, serão adotados os seguintes procedimentos: Aplicação de questionário referente ao engajamento e motivação dos alunos nas aulas de Educação Física, além de gravações de áudio, filmagens e

fotografias, as análises de tais documentos permitem elucidar da melhor forma o processo de escrita dos diários de bordo, não sendo publicadas nem divulgadas em quaisquer meio de comunicação. As avaliações e gravações serão efetuadas pelo próprio professor pesquisador e armazenadas pelo mesmo por 5 anos.

5. **Riscos e desconfortos:** Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Os procedimentos utilizados oferecem riscos mínimos, porém poderá em algum momento da realização seja na aplicação dos questionários ou durante a intervenção pedagógica, ocorrer constrangimento, desconforto, timidez e sentimento de exposição ao abordar as temáticas, para minimizar tais riscos, o responsável pelo participante da pesquisa poderá retirar seu consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.

6. **Sigilo sobre a Identidade dos Sujeitos da Pesquisa:** Sua identidade, bem como informações ou qualquer outro meio que porventura possa identifica-lo, serão mantidos em sigilo. Somente o(a) pesquisador(a) e seu (sua) orientador(a) (e/ou equipe de pesquisa) terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa.

7. **Confidencialidade dos Dados:** As informações coletadas neste estudo que não forem publicadas na pesquisa não serão divulgadas de qualquer outra forma e os documentos que contiverem tais informações serão destruídos de acordo com as Normas vigentes da CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa).

8. **Benefícios:** ao participar desta pesquisa, o(a) senhor(a) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre os motivos que levam ao afastamento, principalmente das meninas das aulas de Educação Física, nos Anos Finais do Ensino Fundamental, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa propor alternativas eficazes para tentativa de superação de tal problemática, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos, respeitando-se o sigilo das informações

coletadas, conforme previsto no item anterior.

9. **Pagamento:** o(a) senhor(a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

O(a) senhor(a) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do(a) pesquisador(a) do projeto e, se necessário, através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa bem como realizar gravações em vídeos das rodas de conversa e fotos durante as aulas. Portanto, preencha, por favor, os itens que se seguem: Confiro que recebi uma via deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento do(a) meu(minha) filho(a) participar da pesquisa.

Nome do Participante da Pesquisa

Nome e Assinatura do Pai ou Responsável

Pesquisador(a) Responsável: Prof.^a Natalha Mussi Jorge da Cunha Correa

Pesquisador Responsável: Profa. Natalha Mussi Jorge da Cunha Correa

Fone: 18 981239838 E-mail: natalha.mussi@unesp.br

Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa: Profa. Dra. Edna Maria do Carmo Vice-Coodenador: Prof. Dr. Luis Alberto Gobbo Telefone do Comitê: 3229-5315 ou 3229-5526 E-mail cep@fct.unesp.br



APÊNDICE B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE



TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: **“CORFEBOL: Uma proposta para equidade de gênero nas aulas de Educação Física.”**

1. Nesta pesquisa, pretendemos analisar e compreender o desenvolvimento dos alunos quanto às aprendizagens relacionadas às questões de gênero, bem como os motivos da não participação das meninas na aula de Educação Física.
2. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é **proporcionar experiências significativas e oferecer oportunidades igualitárias para ambos os sexos, contribuindo para a diminuição do abismo, socialmente construídos, colocar o aluno no centro do processo de ensino aprendizagem, promover a cooperação, o respeito, o protagonismo e a inclusão.** Ao participar desta pesquisa, não haverá nenhum benefício direto. Entretanto, espera-se que este estudo forneça informações importantes sobre os motivos que levam ao afastamento, principalmente das meninas das aulas de educação física, nos anos finais do ensino fundamental, propondo alternativas eficazes para tentativa de superação de tal problemática.

Para esta pesquisa serão adotados os seguintes procedimentos: Aplicação de questionário referente ao engajamento e motivação dos alunos nas aulas de Educação Física e sequências didáticas de ensino que serão registradas por meio de relatórios diários, fotos, vídeos e gravações de áudio.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pela pesquisadora que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Esta pesquisa apresenta **“RISCO MÍNIMO”**, porém poderá em algum momento da



realização seja na aplicação dos questionários ou durante a intervenção pedagógica, ocorrer constrangimento, desconforto, timidez e sentimento de exposição ao abordar as temáticas, para minimizar tais riscos, o responsável pelo participante da pesquisa poderá retirar seu consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.

Os resultados estarão à sua disposição quando a pesquisa for finalizada. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias: uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. O pesquisador tratará a sua identidade com padrão profissional de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), fui informado(a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome do Participante da Pesquisa

Pesquisador Responsável: Prof.^a
Natalha Mussi Jorge da Cunha Correa

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

Pesquisador Responsável: Prof.^a Natalha Mussi Jorge da Cunha Correa

Fone: 18 981239838 **E-mail:** natalha.mussi@unesp.br

Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa: Profa. Dra. Edna Maria do Carmo Vice-

Coordenadora: Prof. Dr. Luís Alberto Gobbo

Telefone do Comitê: 3229-5315 ou 3229-5526 **E-mail** cep@fct.unesp.br



APÊNDICE C – Questionário de entrada

QUESTIONÁRIO DE ENTRADA

Participação nas aulas de Educação Física.

1. Sexo.

() Masculino

() Feminino

2. Você pratica exercícios físicos fora do horário escolar?

() Pratica

() Não pratica

3. Você participa das aulas de Educação Física?

() Sim

() Não

4. Se assinalou NÃO na questão anterior, qual o motivo da não participação das aulas? Se assinalou SIM, pule para questão 6.

() Não sinto prazer ao realizar as atividades propostas.

() Não me sinto capaz de realizar bem as atividades.

() Exercito pouco meu corpo.

() Não me sinto integrado ao grupo.

() Quase não tenho oportunidade de jogar.

() Meus colegas zombam das minhas falhas.

() Outros _____

Explique _____



5. O que incentivaria ou faria você participar das aulas?

- () Atividades menos cansativas.
- () Aulas separadas por sexo.
- () Os meninos fossem mais receptivos.
- () Aulas diversificadas.
- () Materiais novos.
- () Outros _____

Justifique suas respostas

6. Quais os motivos que os levam a PARTICIPAR das aulas de Educação Física?

- () Gosto das aulas de Educação Física.
- () Gosto de aprender novas habilidades.
- () Faz parte do currículo da escola.
- () Preciso tirar boas notas.
- () As aulas me dão prazer.
- () Estou com meus amigos.
- () Meu rendimento é melhor que dos meus colegas.
- () Importante para aumentar meus conhecimentos sobre esportes e outros.
- () Sinto-me saudável nas aulas.
- () Outros _____

Justifique suas respostas

7. Pra você, qual a finalidade das aulas de Educação Física?

- () Práticas de esportes.
- () Melhorar minha saúde.
- () Recreação e aula para brincar.
- () Lazer e divertimento.



- () Interação com colegas.
- () Momento de relaxamento.
- () Outros _____.

Justifique suas respostas



APÊNDICE D – Questionário de saída

QUESTIONÁRIO FINAL

Percepção dos alunos sobre a Sequência Didática.

Sexo

() Masculino

() Feminino

O que você achou do Projeto?

() Não Gostei

() Indiferente

() Gostei

() Adorei

As aulas foram motivantes?

() Nada

() Pouco

() Motivantes

() Muito Motivante

() Extremamente motivante

Você sentiu prazer em realizar as atividades propostas?

() Nenhum prazer

() Pouco prazer

() Prazerosas

() Muito prazerosas

() Extremamente prazerosas

Você se sentiu capaz de realizar as atividades propostas?

() Incapaz

() Pouco Capaz

() Capaz

() Muito capaz

() Extremamente capaz



O que você acha que poderia ser melhorado neste projeto?



APÊNDICE E – Sequências Didáticas / Plano de Intervenção

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

ABERTURA DO PROJETO
Tema: Questionário Diagnóstico
Objetivos: - Apresentar a proposta; - Investigar os conhecimentos prévios dos(as) estudantes; - Compreender os motivos que levam aos afastamentos e a não participação dos estudantes em suas aulas.
Número de Aulas: 1 aula (45 minutos)
Local: Sala de Aula.
Estratégias e Atividades: Momento 1 <u>Apresentação do Projeto:</u> Iniciar um diálogo com os estudantes apresentando o projeto, seus objetivos e a proposta que será realizada nas próximas aulas. Momento 2 <u>Investigar os conhecimentos prévios dos estudantes:</u> Em roda de conversa, pergunte aos estudantes o que eles entendem sobre estereótipos e preconceitos ligados ao gênero, se eles já ouviram falar, ou já sofreram exclusões por serem meninas ou por serem meninos. Dê abertura para que os estudantes comentem e tirem suas dúvidas. Momento 3 <u>Aplicação do Questionário Diagnóstico (Anexo A):</u> Propor um questionário a fim de compreender os conhecimentos prévios dos(as) estudantes, bem como os motivos que levam aos afastamentos desses estudantes das aulas de Educação Física. Entregar para cada estudante um questionário impresso e as orientações para o preenchimento. Apesar desta atividade ter caráter avaliativo, sugerimos explicar aos(às) estudantes que se trata de um diagnóstico e que servirá como base para o desenvolvimento do planejamento. É importante que os(as) estudantes estejam confortáveis expressar suas opiniões quanto as aulas, então sugiro que o questionário seja realizado de forma anônima.



Dica:

Professor, você pode utilizar um gravador de voz para registrar as aulas e transcrever em um diário de campo suas percepções como forma de avaliação e reflexão sobre as mesmas. Esses registros são importantes para uma avaliação dos estudantes e autoavaliação pedagógica do trabalho desenvolvido.

Use e abuse da tecnologia! Se sua escola fornece tal suporte, o questionário pode ser aplicado via Formulário Google ou de maneira digital, como preferir.

Recursos Didáticos:

Folhas com os questionários impressos.
Gravador de voz do *smartphone*.

Instrumentos de Avaliação:

Roda de conversa, observação e registro em diário de campo.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Identificação e problematização de esportes socialmente reconhecidos como de homens e mulheres.

Objetivos:

- Promover uma discussão sobre construções sociais e preconceitos;
- Estimular a produção de relatos e externalização sobre o significado e a representatividade das mulheres nos esportes;
- Sensibilizar os alunos para as diferenças entre gêneros presente na sociedade.

Número de Aulas: 1 aula (45 minutos)

Local: Sala de Aula

Estratégias e Atividades:

Momento 1

Sensibilização: Exibição do vídeo: espnW Brasil - *Invisible Players*

Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPgio> . Acesso em: 26 jan. 2024

- Neste momento, explique aos alunos que eles vão participar de uma dinâmica, informe-os que este vídeo contém imagens de alguns atletas e eles terão que adivinhar quem são esses atletas por trás destas imagens.
- É importante que você, professor, assista ao vídeo antes para se familiarizar.
- Durante a apresentação para seus alunos, realize pequenas pausas após as jogadas para que os estudantes possam tentar adivinhar.
- Após essa dinâmica, passe o vídeo novamente, porém neste momento de maneira completa.

Momento 2



- Nesta atividade, sugiro a separação da turma em grupos mistos (compostos por meninos e meninas) – Com o máximo de quatro pessoas, a ideia é que os grupos não fiquem com número grande de integrantes para que todos consigam expressar sua opinião e facilitar a organização interna do grupo.

Atividade:

- Cada grupo receberá uma folha com questionamentos para discussão e deverão entregar as respostas escritas ao professor.

- 1- Você acha que existem atividades que são exclusivamente masculinas ou femininas? Explique sua resposta.
- 2- Esporte é para todos ou só para alguns? Explique.
- 3- Você compreende os preconceitos de gênero na sociedade? Em quais locais esses preconceitos são mais visíveis?
- 4- Pra vocês, existem esporte de meninos e esportes de meninas?

Momento 3

Roda de Conversa Final:

- Discussão sobre as percepções dos alunos sobre o vídeo exibido no início da aula.
- Roda de Conversa sobre as questões norteadoras do momento 2.
- Entrega das atividades pelo grupo.

- Neste momento, forneça abertura para os estudantes comentarem suas respostas e, logo após, recolha as atividades realizadas por eles e archive-as.

Recursos Didáticos:

- TV ou kit multimídia
- Computador
- Folha com questões impressas.

Instrumentos de Avaliação:

- Roda de conversa, atividades realizadas pelos estudantes, observação e registro em diário de campo.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Tema: Você conhece o CORFEBOL?

Objetivos:

- Aprender uma nova modalidade esportiva que possa promover uma maior integração entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física;
- Diminuir o preconceito entre meninos e meninas na realização de atividades esportivas;
- Incentivar a maior participação das meninas nas aulas de Educação Física;
- Contextualizar a modalidade esportiva do corfebol.

Número de Aulas: 1 aula (45 minutos)

Local: Sala de aula

Estratégias e Atividades:

Momento 1

Sensibilização:

- Em **Roda de Conversa Inicial**, levante os conhecimentos prévios dos alunos quanto a modalidade esportiva que será estudada, pergunte se eles já ouviram falar ou já praticaram esse esporte, deixe que os alunos expressem suas opiniões e tirem possíveis dúvidas.

Momento 2

Atividade 1:

- Aula expositiva com apresentação de slides sobre a história e regras do corfebol (ANEXO B)

- Monte uma aula expositiva sobre a modalidade esportiva corfebol, contendo um pouco da sua história e principais regras. A sugestão para esta atividade está no Anexo B deste documento.

Atividade 2:

- Apresentação de vídeos para aprofundamento sobre o corfebol:

Vídeo 1: Conheça o Corfebol?

Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oyTVlo5Ykb4> . Acesso em: 13/ 03/ 2023



Momento 3

Atividade de Fixação:

- Com intuito de reforçar as aprendizagens da aula, realize um *quiz* de perguntas e respostas. Nesta aula, foi realizado através da plataforma KAHOOT! (<https://kahoot.com/>)
- O *Quiz* era composto de perguntas de múltiplas escolhas e imagens para facilitar a associação do esporte às suas características.

- A sugestão de perguntas e respostas para a composição do quiz está ao final deste trabalho (ANEXO C) e no link a seguir: <https://create.kahoot.it/share/projeto-corfebol-na-escola/2c882d29-2b68-4c2f-8810-b7a935dd31d1>

- Caso não haja a possibilidade do uso da tecnologia e internet, o professor poderá realizar o quiz de maneira coletiva e analógica, apenas mostrando as perguntas para os alunos que poderão responder verbalmente.

Dica:

- **Quer utilizar KAHOOT! em suas aulas**, mas não sabe como? Sugiro a familiarização com a ferramenta pelo Tutorial de Utilização da plataforma:

Sugestão 1: <https://www.youtube.com/watch?v=6MWUMYmAlmo>

Sugestão 2: <https://www.youtube.com/watch?v=9T3vW-gYCX8>

Recursos Didáticos:

- TV ou kit multimídia
- Computador
- Aparelho *Smartfone*
- Internet

Instrumentos de Avaliação:

- Roda de conversa, atividades realizadas pelos estudantes, observação e registro em diário de campo.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

Tema: Iniciação ao CORFEBOL, passes e arremessos.

Objetivos:

- Aprender uma nova modalidade esportiva que possa promover uma maior integração entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física;
- Diminuir o preconceito entre meninos e meninas na realização de atividades esportivas;
- Iniciar a vivência do corfebol com atividades lúdicas;
- Aumentar o engajamento das meninas nas aulas práticas.

Número de Aulas: 1 aula (45 minutos)

Local: Quadra poliesportiva

Estratégias e Atividades:

Momento 1

Sensibilização:

- **Roda de Conversa Inicial:** Explicação das atividades lúdicas que serão realizadas elencando as regras que também fazem parte do corfebol.
- Alongamento

Momento 2

Atividades:

Atividade 1: Aquecimento "Bobinho"

- Divida a classe em 4 grupos mistos, 2 grupos realizarão a atividade em metade da quadra e os 2 outros grupos realizarão a atividade na outra metade.
- Uma equipe em círculo e a outra equipe no centro, a equipe em círculo deve trocar passes sem deixar a equipe do centro interceptar a bola, caso isso ocorra a equipe que estiver no centro irá trocar os passes enquanto a outra tenta interceptar a bola, alterando assim suas posições.

Atividade 2: "Defendendo o castelo"

- Inicialmente, a turma será dividida em 4 equipes mistas.
- Duas equipes jogaram em metade da quadra e as outras duas na outra metade.
- Dentro de um círculo de diâmetro 2 metros estarão 4 cones.
- Uma equipe irá se posicionar em volta do círculo e defender os cones, enquanto a outra equipe deverá trocar passes e arremessar bolas na tentativa de derrubar os cones.
- Vence a equipe que derrubar os cones em menos tempo.
- O tempo máximo de duração da tentativa é de 5 min, caso em 5 min a equipe atacante não consiga derrubar todos os cones, é contado apenas os cones já derrubados para pontuação e a mesma troca de posição com a equipe que estava na defesa.



Momento 3

Roda de conversa Final: Conversa sobre a percepção dos alunos e professor referente às atividades realizadas enfatizando a importância do passe para o jogo de corfebol.
- Associação das atividades lúdicas com o esporte corfebol.

Dica: É importante que você, professor, esteja sempre atento aos seus alunos, suas ações e falas, evitando exclusões, julgamentos de qualquer tipo e caso seja necessário realize as possíveis intervenções para realização da mediação. Este tipo de manifestação é significativo para manter o ambiente seguro e acolhedor para a participação de todos os alunos.

Recursos Didáticos:

- 2 bolas de Handebol
- Cones Coloridos
- Coletes

Instrumentos de Avaliação:

- Roda de conversa, observação e registro em diário de campo.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4

Tema: Iniciação ao CORFEBOL, passes e arremessos.

Objetivos:

- Aprender uma nova modalidade esportiva que possa promover uma maior integração entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física;
- Diminuir o preconceito entre meninos e meninas na realização de atividades esportivas;
- Iniciar a vivência do corfebol com atividades lúdicas;
- Aumentar o engajamento das meninas nas aulas práticas.

Número de Aulas: 1 aula (45 minutos)

Local: Quadra poliesportiva

Estratégias e Atividades:

Momento 1

Sensibilização:

- Recapitulando as regras básicas do corfebol – Neste momento, será realizada a recapitulação de algumas regras básicas do corfebol.
- Explicação das atividades lúdicas que serão realizadas elencando as regras que também fazem parte do corfebol.
- Alongamento.

Momento 2

Atividades: Passa 10 com arremesso na cesta.

- A turma deverá ser separada em 4 equipes (Duas equipes jogarão em um lado da quadra e as outras duas equipes do outro lado).
- O objetivo do jogo é realizar 10 passes entre a sua equipe, sem perder a posse de bola, o aluno que recebeu o último passe (passe 10) deve efetuar o arremesso para a cesta para converter o ponto.
- A cada nova posse de bola repete-se o processo. Não sendo permitido driblar, correr com a bola na mão, nem retirar a bola da mão do adversário, devendo apenas interceptar o passe.
- Caso o aluno não acerte a cesta no 10.º passo, a contagem deverá recomeçar.
- Os alunos devem contar os passes da sua equipe em voz alta.



- A cesta utilizada neste momento poderá ser a cesta de basquete na ausência da possível aquisição da cesta de corfebol.
- O professor pode determinar se a atividade se encerra por pontos ou por tempo, a depender da disponibilidade de tempo.
- Atentar-se para que a divisão das equipes ocorra de forma mista (incluído meninas e meninos).

Momento 3

Roda de Conversa Final: Conversa sobre a percepção dos(as) alunos(as) e professor referente às atividades realizadas, enfatizando a importância do trabalho em equipe e fazendo associação com as regras do corfebol.

Dica: É importante que você, professor, esteja sempre atento aos(às) alunos(as), ações e falas, evitando exclusões, julgamentos de qualquer tipo e caso seja necessário realize as possíveis intervenções para realização da mediação. Este tipo de manifestação é significativo para manter o ambiente seguro e acolhedor para a participação de todos(as) os(as) alunos(as).

Recursos Didáticos:

- Bola de Handebol
- Coletes
- Cesta de basquete ou corfebol

Instrumentos de Avaliação:

- Roda de conversa, observação e registro em diário de campo.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 5

Tema: Iniciação ao CORFEBOL

Objetivos:

- Aprender uma nova modalidade esportiva que possa promover uma maior integração entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física;
- Diminuir o preconceito entre meninos e meninas na realização de atividades esportivas;
- Iniciar a vivência do corfebol com atividades lúdicas;
- Aumentar o engajamento das meninas nas aulas práticas.

Número de Aulas: 1 aula (45 minutos)

Local: Quadra poliesportiva

Estratégias e Atividades:

Momento 1

Sensibilização:

- Explicação das atividades lúdicas que serão realizadas elencando as regras que também fazem parte do corfebol.
- Alongamento Inicial

Momento 2

Atividade: "Bola ao goleiro"

- Alunos divididos em 4 equipes, sendo 2 equipes participam do jogo em metade da quadra e as outras 2 equipes na outra metade.
- As equipes deverão trocar passes até levar a bola ao seu colega de turma que estará posicionado em cima de um banco do outro lado da quadra.

Regras:

- Meninos só podem realizar passes para as meninas e vice e versa.
- Não é permitido contato corporal e nem tomar a bola das mãos do adversário.
- Não é permitido retornar a bola para a mesma pessoa que lhe passou.
- Não é permitido andar com a bola nas mãos.

Momento 3

Roda de Conversa Final: Conversa sobre a percepção dos(as) alunos(as) e professor referente às atividades realizadas, enfatizando a importância do trabalho em equipe.

Perguntas Norteadoras:

- As dificuldades dentro do jogo foram iguais para meninos e meninas?



- Mulheres e homens têm o mesmo tipo de tratamento nas práticas esportivas na escola e fora dela?

Dica: É importante que você, professor, esteja sempre atento ao(às) alunos(as), ações e falas, evitando exclusões, julgamentos de qualquer tipo e caso seja necessário realize as possíveis intervenções para realização da mediação. Este tipo de manifestação é significativo para manter o ambiente seguro e acolhedor para a participação de todos(as) os(as) alunos(as).

Recursos Didáticos:

- Bola de handebol
- Coletes
- Bancos

Instrumentos de Avaliação:

- Roda de conversa, observação e registro em diário de campo.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 6

Tema: CORFEBOL

Objetivos:

- Aprender uma nova modalidade esportiva que possa promover uma maior integração entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física;
- Diminuir o preconceito entre meninos e meninas na realização de atividades esportivas;
- Iniciar a vivência do corfebol com algumas regras oficiais;
- Aumentar o engajamento das meninas nas aulas práticas.

Número de Aulas: 1 aula (45 minutos)

Local: Quadra poliesportiva

Estratégias e Atividades:

Momento 1

Sensibilização:

- Recapitulando as regras básicas do corfebol – Neste momento será realizado a recapitulação de algumas regras básicas do corfebol como:

Regras:

- A- A bola não pode retornar para o jogador que realizou o passe antes que passe pela mão de outro jogador do time.
- B- Não será permitido driblar (quicar) a bola, correr com a bola nas mãos e tirar a bola das mãos dos adversários.
- C- Os passes devem ser realizados sempre de meninos para meninas ou de meninas para meninos, pois essa regra auxiliará na diminuição de “barreiras” e preconceitos entre os alunos.

-Antes de iniciar, é importante que os alunos saibam que este é um esporte necessita que todos tenham uma postura mais solidária e coletiva, para que isso aconteça é preciso que todos façam a sua parte para tornar o jogo realmente inclusivo.

Momento 2

Atividades: Corfebol meia quadra.

- Trabalhando o valor do coletivo, a turma deverá ser dividida em dois grandes grupos mistos (meninos e meninas devem compor a equipe) preferencialmente com o mesmo número de alunos e alunas, ou seja, se uma equipe tem 5 meninas também deverá conter 5 meninos.

- O objetivo desta atividade é fazer com que as equipes troquem passes e acertem a cesta de basquete para pontuar.



- O jogo ocorrerá em meia quadra, portanto dois jogos simultâneos estarão acontecendo para inclusão de todos na atividade.
- Cada cesta equivale a 1 ponto.
- Sempre que uma equipe pontuar a outra equipe realiza a saída de bola do centro da quadra.
- O primeiro passe (saída de bola inicial) não pode ser interceptado.
- A equipe que está sem a posse de bola deverá tentar recuperar a bola interceptando um passe realizado pelos integrantes da outra equipe.
- A troca de posição entre equipe atacante e equipe defensora acontece sempre que uma equipe perde a posse de bola.

Regras:

- A- A bola não pode retornar para o jogador que realizou o passe antes que passe pela mão de outro jogador do time.
- B- Não será permitido driblar (quicar) a bola, correr com a bola nas mãos e tirar a bola das mãos dos adversários.
- C- Os passes devem ser realizados sempre de meninos para meninas ou de meninas para meninos, essa regra auxiliará na diminuição de “barreiras” e preconceitos entre os alunos

Momento 3

Roda de Conversa:

Questões norteadoras da roda de conversa:

- Houve realmente um espírito coletivo?
- Como as meninas se sentiram diante da atividade realizada na aula anterior e nesta?
- Como os meninos se sentiram diante da atividade realizada na aula anterior e nesta?
- Meninos e meninas podem realizar atividades em conjunto?

Dica: É importante que você, professor, esteja sempre atento aos (às) alunos (as), ações e falas, evitando exclusões, julgamentos de qualquer tipo e caso seja necessário realize as possíveis intervenções para realização da mediação. Este tipo de manifestação é significativo para manter o ambiente seguro e acolhedor para a participação de todos(as) os alunos(as).

Recursos Didáticos:

- 2 bolas de handebol
- Coletes de 4 cores diferentes
- Cesta de basquete ou corfebol

Instrumentos de Avaliação:

- Roda de conversa, observação e registro em diário de campo.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 7

Tema: Esporte Corfebol

Objetivos:

- Aprender uma nova modalidade esportiva que possa promover uma maior integração entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física;
- Diminuir o preconceito entre meninos e meninas na realização de atividades esportivas;
- Iniciar a vivência do corfebol com algumas regras oficiais;
- Aumentar o engajamento das meninas nas aulas práticas.

Número de Aulas: 2 aulas (45 minutos cada)

Local: Quadra poliesportiva

Estratégias e Atividades:

Momento 1

Sensibilização:

- Relembrar os alunos quanto as regras oficiais do corfebol.
- Divisão da sala em equipes mistas respeitando o número oficial de jogadores. (No corfebol são constituídas por 8 elementos: 4 homens (2 à defesa e 2 ao ataque) e 4 mulheres (2 à defesa e 2 ao ataque).

Momento 2

Atividades:

- Jogar corfebol: respeitando as regras oficiais discutidas no início da aula os(as) alunos(as) deverão traçar suas estratégias de jogo.
- Os(as) alunos(as) que não estiverem jogando naquele momento irão auxiliar na arbitragem e na marcação dos pontos.

Regras:

1. As equipes terão seus jogadores posicionados em quadras diferentes, quatro alunos (duas meninas e dois meninos) em cada quadra. Um poste com uma cesta será colocado no centro de cada meia quadra (na falta, poderá ser usada a cesta de basquetebol).
2. O jogo começa com uma das equipes no centro da quadra. O primeiro passe é livre, não podendo ser interceptado.
3. A bola não pode retornar para o jogador que realizou o passe antes que passe pela mão de outro jogador do time.



4. Não será permitido driblar (quicar) a bola, correr com a bola nas mãos e tirar a bola das mãos dos adversários.
5. Os passes devem ser realizados sempre de meninos para meninas ou de meninas para meninos.
6. Os marcadores só poderão marcar adversários do mesmo sexo, então homens marcam homens e mulheres marcam mulheres.
7. O objetivo do jogo é arremessar a bola dentro da cesta, sempre que uma equipe marcar duas cestas seus jogadores deverão mudar de quadra e de função (ataque/defesa).
8. No momento do arremesso, o jogador que está de posse da bola não poderá ter nenhum adversário próximo a ele a uma distância menor do que um metro (um braço estendido), essa regra facilita o arremesso e permite que jogadores de diferentes estaturas, tenham a mesma oportunidade ao arremessar durante o jogo.

Momento 3

Roda de Conversa:

- Cada equipe deve expor as facilidades e dificuldades sentidas durante o jogo.
- Além de externar como aconteceu a integração entre os meninos e as meninas da mesma equipe.
- As meninas têm se sentido incluídas em todo o processo? O que pode melhorar?

Dica:

- Caso não tenha a oportunidade de aquisição da cesta de corfebol, utilizar a cesta de basquete
- É importante que você, professor, esteja sempre atento aos (às) alunos (as), ações e falas, evitando exclusões, julgamentos de qualquer tipo e caso seja necessário realize as possíveis intervenções para realização da mediação. Este tipo de manifestação é significativo para manter o ambiente seguro e acolhedor para a participação de todos (as) os (as) alunos(as).

• **Recursos Didáticos:**

- Bolas de handebol
- Coletes de cores diferentes
- Poste de corfebol ou cesta de basquete

Instrumentos de Avaliação:

- Roda de conversa, observação e registro em diário de campo.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 8

Tema: Participação das mulheres nos esportes

Objetivos:

- Problematicar e contextualizar o processo de participação das mulheres na sociedade e como isso se reflete nas práticas esportivas.

Número de Aulas: 1 aula (45 minutos)

Local: Sala de aula

Estratégias e Atividades:

Momento 1

Sensibilização: Reflexão com a turma os conceitos de estereótipo e preconceito. Pergunte aos (às) alunos (as) sua opinião sobre as diferenças sociais pautadas em gêneros, se eles(as) se sentem excluídos(as) ou menos valorizados(as) devido ao seu sexo biológico. Explique a eles(as) a definição de estereótipo e preconceito.

- PRECONCEITO: Atitude realizada com exposição de opinião sobre um fato ou pessoa, sem, previamente, apresentar uma análise, ou seja, criticar e julgar previamente.
- ESTEREÓTIPO: Atitudes generalizadas que uma pessoa ou um grupo realiza em virtude de comportamentos ou de características das pessoas.

Momento 2

Atividade: Aula expositiva - apresentação de slides sobre a participação das mulheres na sociedade e no esporte.

- Participação das mulheres da era primitiva ao fim da Idade Média.
- A mulher e os jogos olímpicos da Era Moderna.
- A participação da mulher brasileira nos esportes e nos Jogos Olímpicos.
- Aumento da participação das mulheres nos esportes.
- Diferenças salariais.
- Mídia e esporte feminino.

Momento 3

Trabalho Final: Os(as) alunos(as) deverão responder as questões e entregar para o professor ao final da aula.

- Homens e mulheres deveriam participar de esportes coletivos Juntos? Por quê?



- Os alunos devem primeiramente escrever a sua opinião em uma folha de caderno a ser entregue ao final da aula.
- Roda de conversa para exposição das opiniões descritas na atividade.

Dica:

- O trabalho final também pode ser realizado em roda de conversa, como um bate papo.

Recursos Didáticos:

- - Kit multimídia
- - Computador
- - Material para anotações

Instrumentos de Avaliação:

- Roda de conversa, trabalho final, observação e registro em diário de campo.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 9

Tema: Aula da saudade – Culminância do projeto

Objetivos:

- Apresentar um resumo sobre atividades e pontos importantes das unidades didáticas

Número de Aulas: 1 aula (45 minutos)

Local: Sala de aula ou quadra poliesportiva

Estratégias e Atividades:

Momento 1

- Elencar e descrever na lousa os principais aspectos tematizados e problematizados nas aulas.
- Lembrar os principais momentos do projeto, as aprendizagens, pergunte aos(às) alunos(as) o que eles(as) acharam das atividades realizadas, deixe que eles(as) expressem sua opinião.

Momento 2

1. Atividade: Entrega do Questionário de Saída, para a investigação da percepção dos(as) alunos(as) quanto as atividades propostas (ANEXO D)

2. - **Roda de Conversa Final:** análise da participação de meninas nas aulas e da colaboração da turma no desenvolvimento das atividades teóricas e práticas.

- Dica:**

- A avaliação final também pode ser realizada em roda de conversa.

- Lousa
- Material para anotações
- Folha com o questionário impresso

- Roda de conversa, trabalho final, observação e registro em diário de campo.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRITO, L. T. “**Afeminada! Afeminada!**” **Queerizando as masculinidades no contexto do Voleibol**. In: DORNELES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. **Educação Física e Sexualidade**. Desafios Educacionais. Ijuí, RS: Unijuí, 2017. p. 95-108.

FEDEDERAÇÃO PORTUGUESA DE CORFEBOL. **CORFEBOL**: regras e notas explicativas. Disponível em: <https://fpcorfebol.pt/historia-do-corfebol/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

GARCIA, J. L.; SEPULVEDA, D. O Corfebol e a equidade entre os gêneros na escola/ Corfbol and gender equity at school. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 8, p. 85549–85566, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n8-659>.

GOELLNER, S. V.; ANJOS, L. A. dos. Esporte e Transgeneridade: Corpos, Gêneros, e Sexualidades Plurais. In: DORNELES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. **Educação Física e Sexualidade**. Desafios Educacionais. Ijuí, RS: Unijuí, 2017. p. 52-72.

GUBBY, L. 8 Embodied practices in korfbal. In: I. Wellard (ed.). **Researching Embodied Sport**: Exploring Movement Cultures. Routledge: Abingdon, 2015. p. 86-99.

LAZZARI, P. R. **CORFEBOL**: estratégias metodológicas na integração de gêneros. Secretaria de Educação: Governo do estado do Paraná, 2012. v. 1.

LIM, S. Y.; DIXON, M. A. A conceptual framework of sport participation and women’s empowerment. **Managing Sport and Leisure**, Abingdon, v. 1, p. 1-15, 2018.

SINGH, T. L.; NAIDOO, L. D. Assessing gender inequality in South Africa: a case study of women in sports management. **Journal of Research in Business, Economics and Management**, Lausanne, v. 8, p. 1407-1428, 2017.

SOUZA JÚNIOR, O. M. Educação Física escolar, co-educação e questões de gênero. In: DARIDO, S. C.; MAITINO, E. M. (org.). **Pedagogia Cidadã**: Cadernos de Formação: Educação Física. São Paulo: Unesp, Pró-Reitoria de Graduação, 2004.



ANEXOS

ANEXO A – Parecer Consubstanciado Comitê de Ética e Pesquisa

FACULDADE DE CIÊNCIAS E
TECNOLOGIA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA - UNESP/CAMPUS
PRESIDENTE PRUDENTE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CORFEBOL: Uma proposta para equidade de gênero nas aulas de Educação Física.

Pesquisador: NATALHA MUSSI JORGE DA CUNHA CORREA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 67767022.4.0000.5402

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.312.563

Apresentação do Projeto:

O projeto CORFEBOL: Uma proposta para equidade de gênero nas aulas de Educação Física, tem como Pesquisadora Responsável: NATALHA MUSSI JORGE DA CUNHA CORREA, Orientada pelo Prof. Dr. LUIZ ROGÉRIO ROMERO. O estudo está sendo desenvolvido por meio do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, vinculado à FCT/UNESP- Campus de Presidente Prudente, com financiamento próprio. Trata-se de uma pesquisa dentro de duas Grandes Áreas: Ciências Biológicas e Ciências da Saúde, norteadas pela Resolução n. 466/2012 do Comitê de Ética em Pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Elaborar uma sequência didática para intervenção pedagógica e, a partir daí, analisar e compreender o desenvolvimento dos alunos dos anos finais do ensino fundamental, quanto às aprendizagens relacionadas às questões de gênero e participação das meninas na aula de educação física.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora descreve riscos e benefícios no projeto, nos termos TCLE e TALE e também em PB Informações básicas, digitado no sistema. Afirma que os procedimentos utilizados oferecem riscos

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305 - Faculdade de Ciência e Tecnologia da Unesp Prédio da Administração - SI 04
Bairro: Centro Educacional **CEP:** 19.060-900
UF: SP **Município:** PRESIDENTE PRUDENTE
Telefone: (18)3229-5315 **Fax:** (18)3229-5300 **E-mail:** cep.fct@unesp.br



FACULDADE DE CIÊNCIAS E
TECNOLOGIA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA - UNESP/CAMPUS
PRESIDENTE PRUDENTE



Continuação do Parecer: 6.312.563

mínimos, mas avisa os participantes de que em algum momento da realização da pesquisa, por exemplo durante a aplicação dos questionários ou na intervenção pedagógica, podem ocorrer: constrangimento, desconforto, timidez e sentimento de exposição ao abordar as temáticas; na sequência apresenta a minimização desses riscos, indicando que o responsável pelo participante da pesquisa poderá retirar seu consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo para ele. Os Benefícios apresentados são relacionados à problemática de gênero existente em aulas de educação física escolar. E a pesquisadora tem como expectativa com seu estudo de que este "forneça informações importantes sobre os motivos que levam ao afastamento, principalmente das meninas das aulas de educação física, nos anos finais do ensino fundamental..."]".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um tema histórico relevante por mostrar a dificuldade encontrada pelos docentes de Educação Física na realização de práticas que envolvem a coeducação, uma educação mista destinada a proporcionar vivências educacionais capazes de construir "valores voltados para equidade de gêneros", conforme dizeres da proponente. Questões de gênero, embora muitas vezes façam parte do currículo oculto nas escolas é um tema da contemporaneidade muito pertinente para ser discutido dentro de pesquisas educacionais.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A autora do projeto de pesquisa apresentou todos os termos e documentos necessários, especialmente aqueles elencados na primeira submissão ao CEP que constaram como pendentes. Todos os termos estão corretos e adequados, e em conformidade com o projeto de pesquisa.

Recomendações:

Nenhuma.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A considerar sobretudo pelas pendências apuradas da primeira submissão ao CEP, considero o projeto APROVADO.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado Ad Referendum do Comitê de Ética em Pesquisa com base na manifestação do parecerista. Obs: Lembramos que pesquisas que se enquadram na resolução 466/12 devem apresentar relatório parcial e final, e pesquisas que se enquadram na resolução 510/16 devem apresentar relatório final.

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305 - Faculdade de Ciência e Tecnologia da Unesp Prédio da Administração - SI 04
Bairro: Centro Educacional **CEP:** 19.060-900
UF: SP **Município:** PRESIDENTE PRUDENTE
Telefone: (18)3229-5315 **Fax:** (18)3229-5300 **E-mail:** cep.fct@unesp.br



FACULDADE DE CIÊNCIAS E
TECNOLOGIA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA - UNESP/CAMPUS
PRESIDENTE PRUDENTE



Continuação do Parecer: 6.312.563

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2066953.pdf	06/08/2023 15:26:45		Aceito
Outros	Autorizacao_diretoria.pdf	06/08/2023 15:23:35	NATALHA MUSSI JORGE DA CUNHA CORREA	Aceito
Outros	Carta_Resposta_CEP.pdf	06/08/2023 15:15:32	NATALHA MUSSI JORGE DA CUNHA CORREA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Assentimento_Corrigido.pdf	06/08/2023 15:14:45	NATALHA MUSSI JORGE DA CUNHA CORREA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_Corrigido.pdf	06/08/2023 15:14:31	NATALHA MUSSI JORGE DA CUNHA CORREA	Aceito
Outros	Termo_de_compromissoassinado.pdf	21/12/2022 14:24:01	NATALHA MUSSI JORGE DA CUNHA CORREA	Aceito
Outros	termo_de_responsabilidade_guarda_e_divulgacao.pdf	21/12/2022 13:19:26	NATALHA MUSSI JORGE DA CUNHA CORREA	Aceito
Outros	Termo_utilizacao_de_dados.pdf	21/12/2022 13:17:49	NATALHA MUSSI JORGE DA CUNHA CORREA	Aceito
Outros	autorizacao_diretora.pdf	21/12/2022 13:14:05	NATALHA MUSSI JORGE DA CUNHA CORREA	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	Pedido_de_autorizacao.pdf	21/12/2022 13:10:31	NATALHA MUSSI JORGE DA CUNHA CORREA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Natalha_Mussi.pdf	21/12/2022 13:07:24	NATALHA MUSSI JORGE DA CUNHA CORREA	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	21/12/2022 11:35:25	NATALHA MUSSI JORGE DA CUNHA CORREA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	21/12/2022 11:34:44	NATALHA MUSSI JORGE DA CUNHA CORREA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	21/12/2022 11:34:04	NATALHA MUSSI JORGE DA CUNHA	Aceito

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305 - Faculdade de Ciência e Tecnologia da Unesp Prédio da Administração - SI 04
Bairro: Centro Educacional **CEP:** 19.060-900
UF: SP **Município:** PRESIDENTE PRUDENTE
Telefone: (18)3229-5315 **Fax:** (18)3229-5300 **E-mail:** cep.fct@unesp.br



FACULDADE DE CIÊNCIAS E
TECNOLOGIA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA - UNESP/CAMPUS
PRESIDENTE PRUDENTE



Continuação do Parecer: 6.312.563

Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	21/12/2022 11:34:04	CORREA	Aceito
----------------	--------------------	------------------------	--------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PRESIDENTE PRUDENTE, 20 de Setembro de 2023

Assinado por:
Edna Maria do Carmo
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305 - Faculdade de Ciência e Tecnologia da Unesp Prédio da Administração - SI 04
Bairro: Centro Educacional **CEP:** 19.060-900
UF: SP **Município:** PRESIDENTE PRUDENTE
Telefone: (18)3229-5315 **Fax:** (18)3229-5300 **E-mail:** cep.fct@unesp.br

COOPEREBOL

PLANEJAMENTO
PEDAGÓGICO

**UMA PROPOSTA DE
PRÁTICA PEDAGÓGICA
PARA PROMOVER A
EQUIDADE DE
GÊNERO NAS AULAS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Natalha Mussi Jorge da Cunha Correa
Luiz Rogério Romero



Realização

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP/Presidente Prudente

Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional
em Educação Física em Rede Nacional – PROEF

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES



Supervisão Geral

Prof. Dr. Luiz Rogério Romero

ELABORAÇÃO

Prof^a. Ms. Natalha Mussi Jorge da Cunha Correa

ILUSTRAÇÕES

Paulo Teixeira

SUMÁRIO

Apresentação	06
Sequências Didáticas	
Sequência Didática 1	14
Sequência Didática 2	18
Sequência Didática 3	22
Sequência Didática 4	26
Sequência Didática 5	30
Sequência Didática 6	34
Sequência Didática 7	38
Sequência Didática 8	42
Sequência Didática 9	44
Referências	46
Anexos	
Anexo A.....	48
Anexo B.....	50
Anexo C.....	58
Anexo D.....	67

APRESENTAÇÃO

Este material didático é fruto da pesquisa intitulada “CORFEBOL: Uma proposta de prática pedagógica para promover a equidade de gênero nas aulas de Educação Física”, desenvolvida no segundo semestre de 2023, em uma Escola Estadual de período Integral da cidade de Teodoro Sampaio – São Paulo, como um dos requisitos do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da UNESP – Presidente Prudente.

Este trabalho teve como objetivo levantar discussões e problematizar as relações de poder organizadas a partir dos gêneros, além de compreender como elas influenciam na vida dos estudantes, na escola, nos esportes e na participação, principalmente das meninas, nas aulas de Educação Física, além de propor novas formas mais inclusivas de se apropriar das práticas esportivas, diversificando os conteúdos, rompendo com as relações presentes na sociedade e refletidas na escola quanto aos estereótipos ligados ao gênero e à divisão de grupos através do esporte corfebol.

A partir disto, foi desenvolvido um planejamento pedagógico que abrangesse tais conteúdos e conversasse com a análise retirada dos anseios e relatos dos alunos expressos em questionário de entrada diagnóstico, que tratava sobre os motivos que os levam aos afastamentos das aulas de Educação Física e, ao mesmo tempo, a se interessar por ela.

É uma proposta que além de colocar o aluno no centro do processo de ensino aprendizagem, tornando-o protagonista, problematiza e constrói valores relacionados à equidade de gênero no mundo esportivo que, por sua vez, estende-se à vida em sociedade, uma vez que desde a sua origem, preconizando a participação de ambos os sexos, sua prática desordena as qualidades físicas, de força e superioridade.

A proposta de intervenção é composta por 9 sequências didáticas, totalizando 10 aulas e foi realizada em 5 semanas durante o 4.º bimestre com a turma de 9.º ano do Ensino Fundamental. Cada aula teve duração de 45 minutos e todos os encontros, incluindo questionários de entrada e saída, foram registrados em diário de campo da pesquisadora. Por se tratar de um planejamento flexível, durante todo o processo, foram realizadas alterações e adaptações de acordo com as demandas escolares e novas necessidades que eram identificadas pela pesquisadora.

Salientamos que o planejamento das aulas é fundamental e atende para esse estudo uma trajetória específica, porém, esse planejamento pedagógico não objetiva servir de cartilha ou manual para o(a) educador(a) no desenvolvimento desses conteúdos mas, sim, despertar possibilidades para sua inclusão com base em uma ação bem-sucedida. Todavia, o(a) educador(a) poderá ressignificar a proposta conforme a realidade do seu contexto.

Convidamos você a conhecer uma possibilidade diferente de modalidade esportiva. Esse material pode ajudá-lo(a), professor(a), a problematizar as relações de gênero nas aulas de Educação Física e a iniciar os primeiros passos em direção à superação dos afastamentos dos estudantes, principalmente das meninas, das suas aulas de Educação Física nesse fim de ciclo do Ensino Fundamental.

O CORFEBOL COMO OBJETO INTEGRADOR ENTRE OS GÊNEROS

Segundo Goellner et al. (2017), o esporte de maneira geral foi pensado pelos homens para os homens, patenteando, assim, desde seu início a generificação do seu acontecer, pois tais padrões estabelecidos socialmente e culturalmente em relação às práticas esportivas podem e já estão gerando um prejuízo motor irrever-

sível para as meninas. Dentro dos espaços escolares não é diferente, os padrões culturalmente construídos ali se solidificam, principalmente na quadra e muitas vezes durante as aulas de Educação Física, revelando imposições, valores e poderes machistas fortemente associados à cultura patriarcal.

O esporte de maneira geral é considerado um instrumento dinamizador de mudanças atitudinais positivas para todos, inclusive e em especial para o público feminino, graças à possibilidade de promoção da melhoria da autoestima, da confiança, da autossuperação e da autonomia. Estes elementos importantes, os quais contribuem positivamente para o empoderamento da mulher, todavia, esses impactos podem variar e não serem tão positivos dependendo da forma que se propõe a prática, induzindo a efeitos contrários (Lim; Dixon, 2018).

São importantes a tematização e a problematização na abordagem dos esportes, seja ele misto ou não, para que seu potencial seja extraído estimulando a prática inclusiva e categórica. As ações contra as desigualdades entre gêneros, tiveram e ainda têm que passar por um processo de reflexão profunda, surgindo novas concepções de abordagens em vários âmbitos da vida, inclusive no contexto esportivo (Singh; Naidoo, 2017).

Como alternativa, o esporte Corfebol contraria os padrões social e culturalmente construídos, motivando a participação, a igualdade entre os gêneros não meio esportivo, já que proporciona um ambiente propício à convivência, resgate da autoestima e oportunidades igualitárias de vivências, desestabilizando o sistema permanente e constante de identidades e performance de gêneros (Brito, 2017).

Autores como Gubby (2015) certificam ao esporte corfebol a liquidação de um espaço onde as relações de gênero podem ser refinadas de maneira igualitária, auxiliando através de seu sistema tático e regras, a incorporação de valores relativos à não violência entre os gêneros e cooperação mútua, reconstruindo espaços e desconstruindo concepções socioculturais atreladas ao gênero, minimizando de fato a segregação sexual no esporte, a qual ainda prevalece nos esportes tradicionais.

O corfebol não se apresenta também neste estudo apenas como um esporte alternativo às práticas tradicionais, mas como um movimento de resistência às relações de poder do bojo social e reproduzido dentro dos muros escolares, ainda mais no ressuscitar de um contexto conservador recente o qual vivemos em nosso país nos últimos anos. Por isso, é necessário lutar por políticas curriculares de inclusão a partir de uma visão ampliada e profunda do termo.

ORIGEM DO CORFEBOL

O corfebol surgiu, segundo a Federação Portuguesa de Corfebol (2022), na Holanda no ano de 1902, inventado por um professor de Educação Física, Nico Broekhuysen e foi inspirado por um jogo que conheceu na Suécia chamado "Ringball". A intenção era criar um jogo misto e atrativo, que não fosse muito dispendioso e requeresse um nível considerável de atividade física, porém sem contato físico de impacto, por isso foi nomeado de corfebol, que em holandês deriva-se do uso de cesta: "Korf", onde a bola devia ser introduzida para conseguir marcar o ponto.

EQUIPAMENTOS NECESSÁRIOS À PRÁTICA

O esporte é bastante livre, portanto, os equipamentos são quase nulos, podendo ser realizado sem auxílio de equipamentos específicos. Precisa-se apenas de dois postes com altura de 3,5 metros, com uma cesta em cada um desses postes e uma bola. Estes cestos podem ser improvisados, utilizando uma cesta de basquete, por exemplo.

O OBJETIVO DO JOGO

O objetivo principal é introduzir a bola no cesto da equipe adversária para marcar pontos e simultaneamente evitar que a equipe adversária encesta no seu cesto.

Vence a equipe que marcar mais pontos no tempo regulamentar.

REGRAS BÁSICAS

- › Uma equipe de corfebol é formado por 8 jogadores:
- › 4 homens e 4 mulheres. (Zona de defesa: 2 Mulheres e 2 Homens e Zona de Ataque: 2 Mulheres e 2 Homens).
- › Os jogos têm a duração de 50 minutos de tempo real, 2x25 minutos, com 10 minutos de intervalo.

› A cada 2 cestas feitas no jogo (Independentemente de qual equipe realizou os pontos), as equipes mudam de zona. Isto significa que sempre que se marcam dois pontos, quem estava defendendo passa a atacar e quem estava atacando passa a defender.

› Os jogadores que estão defendendo não podem atacar (até a troca de zonas a cada dois pontos), portanto, para que o ataque ocorra, estes devem lançar a bola para seus companheiros de equipe que estarão na zona de ataque para que o ponto seja realizado.

› No corfebol, nunca haverá empate. Caso o jogo termine empatado no tempo regulamentar, é disputado um tempo extra de 10 minutos com cesta de ouro. Caso o jogo continue empatado, é feita a disputa de pênaltis no formato morte súbita.

NO CORFEBOL NÃO É PERMITIDO:

- › Andar com a bola na mão;
- › Quicar a bola no chão;
- › Marcações entre sexos (Homem só pode marcar homem e mulher só poderá marcar mulher);
- › Marcação dupla.

ABERTURA DO PROJETO

TEMA: Questionário Diagnóstico.

OBJETIVOS:

- › Apresentar a proposta;
- › Investigar os conhecimentos prévios dos(as) estudantes;
- › Compreender os motivos que levam aos afastamentos e a não participação dos estudantes em suas aulas

TEMPO ESTIMADO: 1 aula (45 minutos)

LOCAL: Sala de Aula.

ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES

MOMENTO 1:

Apresentação do Projeto: Iniciar um diálogo com os estudantes apresentando o projeto, seus objetivos e a proposta que será realizada nas próximas aulas.

MOMENTO 2:

Investigar os conhecimentos prévios dos estudantes: Em roda de conversa, pergunte aos estudantes o que eles entendem sobre estereótipos e preconceitos ligados ao gênero, se eles já ouviram falar, ou já sofreram exclusões por serem meninas ou por serem meninos. Dê abertura para que os estudantes comentem e tirem suas dúvidas.

MOMENTO 3:

Aplicação do Questionário Diagnóstico (Anexo A): Propor um questionário a fim de compreender os conhecimentos prévios dos(as) estudantes, bem como os motivos que levam aos afastamentos desses estudantes das aulas de Educação Física. Entregar para cada estudante um questionário impresso e as orientações para o preenchimento.

Apesar desta atividade ter caráter avaliativo, sugerimos explicar aos(as) estudantes que se trata de um diagnóstico e que servirá como base para o desenvolvimento do planejamento.

É importante que os(as) estudantes estejam confortáveis expressar suas opiniões quanto as aulas, então sugiro que o questionário seja realizado de forma anônima.

DICA:

Professor, você pode utilizar um gravador de voz para registrar as aulas e transcrever em um diário de campo suas percepções como forma de avaliação e reflexão sobre as mesmas. Esses registros são importantes para uma avaliação dos estudantes e autoavaliação pedagógica do trabalho desenvolvido.

Use e abuse da tecnologia! Se sua escola fornece tal suporte, o questionário pode ser aplicado via Formulário Google ou de maneira digital, como preferir.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- › Folhas com os questionários impressos.
- › Gravador de voz do smartphone.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

Roda de conversa, observação e registro em diário de campo.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

TEMA: Identificação e problematização de esportes socialmente reconhecidos como de homens e mulheres.

OBJETIVOS:

- › Promover uma discussão sobre construções sociais e preconceitos;
- › Estimular a produção de relatos e externalização sobre o significado e a representatividade das mulheres nos esportes;
- › Sensibilizar os alunos para as diferenças entre gêneros presente na sociedade.

TEMPO ESTIMADO: 1 aula (45 minutos).

LOCAL: Sala de Aula.

ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES

MOMENTO 1:

Sensibilização: Exibição do vídeo: espnW Brasil - Invisible Players. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acesso em: 26 jan. 2024.

- › Neste momento, explique aos alunos que eles vão participar de uma dinâmica, informe-os que este vídeo contém imagens de alguns atletas e eles terão que adivinhar quem são esses atletas por trás destas imagens.
- › É importante que você, professor, assista ao vídeo antes para se familiarizar.
- › Durante a apresentação para seus alunos, realize pequenas pausas após as jogadas para que os estudantes possam tentar adivinhar.
- › Após essa dinâmica, passe o vídeo novamente, porém neste momento de maneira completa. Neste momento, explique aos alunos que eles vão participar de uma dinâmica, informe-os que este vídeo contém imagens de alguns atletas e eles terão que adivinhar quem são esses atletas por trás destas imagens.

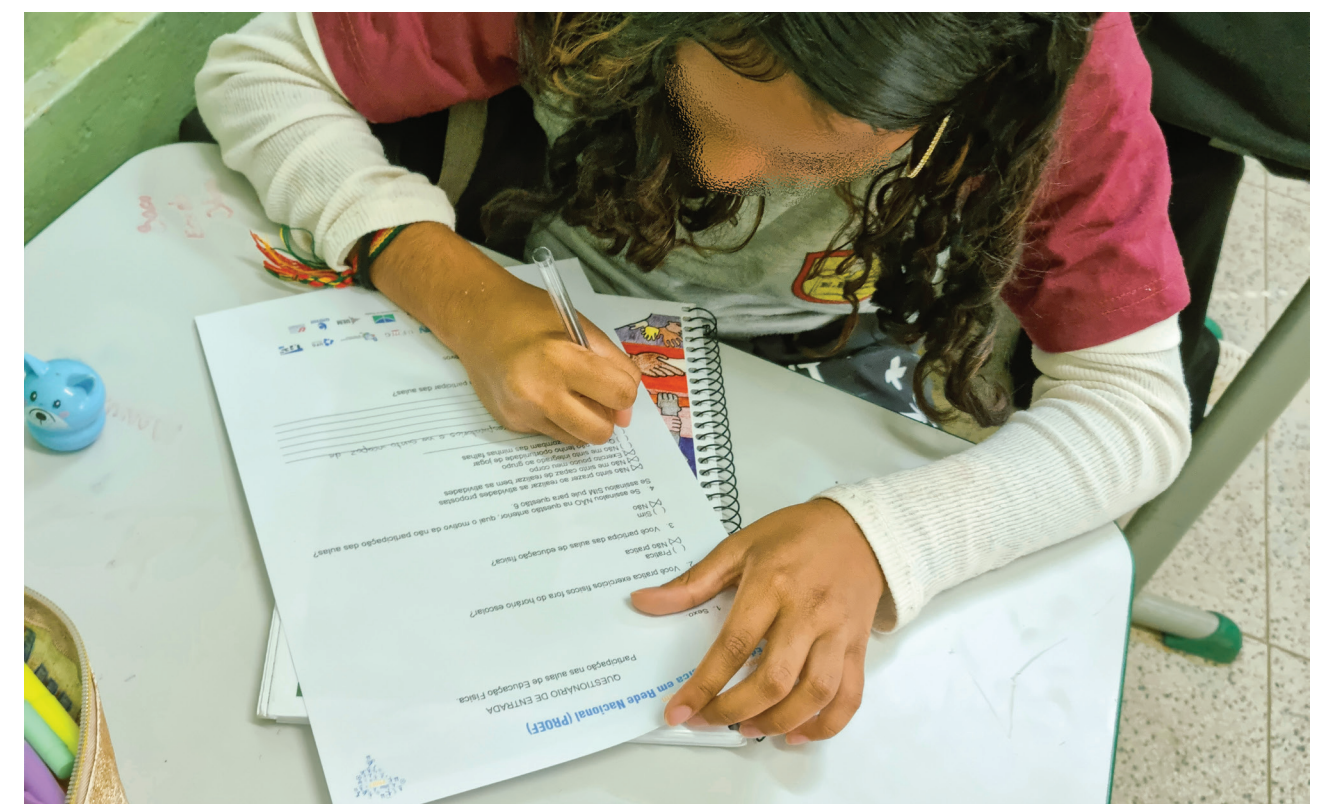
- › Nesta atividade, sugiro a separação da turma em grupos mistos (compostos por meninos e meninas) – Com o máximo de quatro pessoas, a ideia é que os grupos não fiquem com número grande de integrantes para que todos consigam expressar sua opinião e facilitar a organização interna do grupo.

MOMENTO 2:

ATIVIDADE:

Cada grupo receberá uma folha com questionamentos para discussão e deverão entregar as respostas escritas ao professor.

1. Você acha que existem atividades que são exclusivamente masculinas ou femininas? Explique sua resposta.
2. Esporte é para todos ou só para alguns? Explique.
3. Você compreende os preconceitos de gênero na sociedade? Em quais locais esses preconceitos são mais visíveis?
4. Para vocês, existem esporte de meninos e esportes de meninas?



MOMENTO 3:

RODA DE CONVERSA FINAL:

- › Discussão sobre as percepções dos alunos sobre o vídeo exibido no início da aula.
- › Roda de Conversa sobre as questões norteadoras do momento 2.
- › Entrega das atividades pelo grupo.

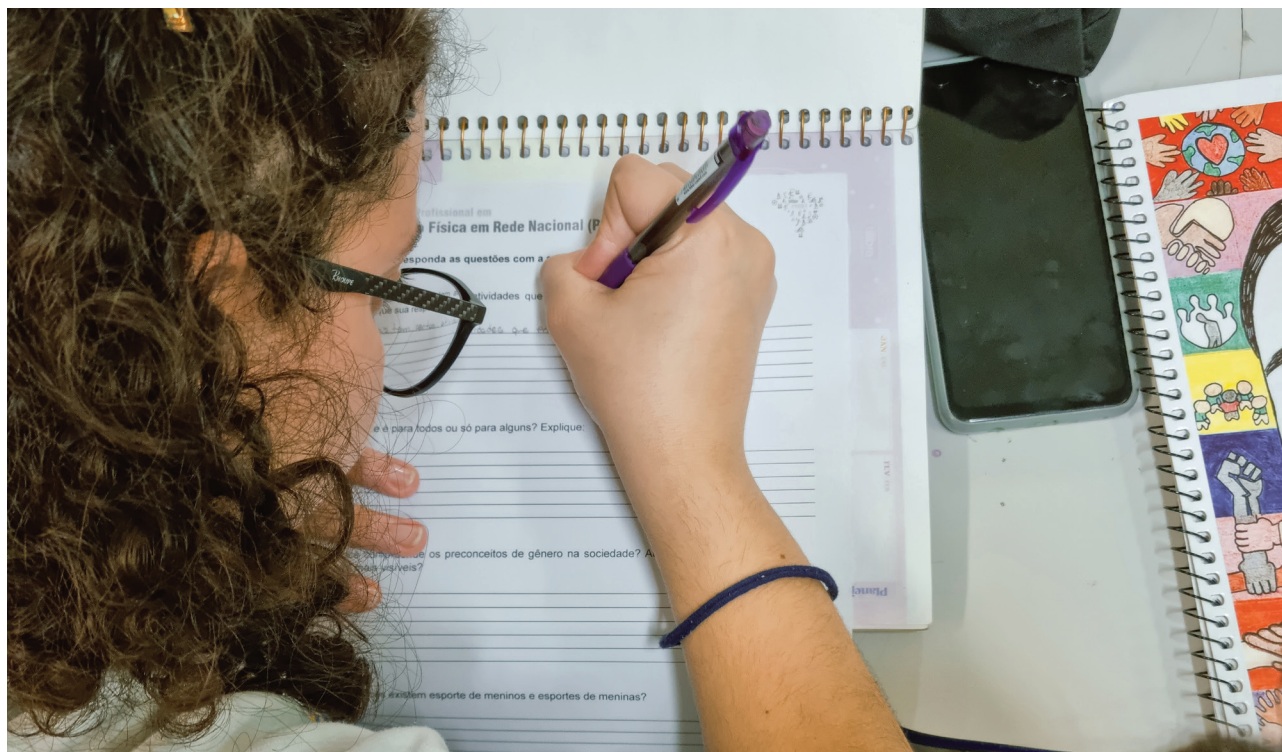
› Neste momento, forneça abertura para os estudantes comentarem suas respostas e, logo após, recolha as atividades realizadas por eles e archive-as.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- › TV ou kit multimídia
- › Computador
- › Folha com questões impressas.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

- › Roda de conversa, atividades realizadas pelos estudantes, observação e registro em diário de campo.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

TEMA: Você conhece o CORFEBOL?

OBJETIVOS:

- › Aprender uma nova modalidade esportiva que possa promover uma maior integração entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física;
- › Diminuir o preconceito entre meninos e meninas na realização de atividades esportivas;
- › Incentivar a maior participação das meninas nas aulas de Educação Física;
- › Contextualizar a modalidade esportiva do corfebol.

TEMPO ESTIMADO: 1 aula (45 minutos).

LOCAL: Sala de Aula.

ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES

MOMENTO 1:

Sensibilização: Em Roda de Conversa Inicial, levante os conhecimentos prévios dos alunos quanto a modalidade esportiva que será estudada, pergunte se eles já ouviram falar ou já praticaram esse esporte, deixe que os alunos expressem suas opiniões e tirem possíveis dúvidas.

MOMENTO 2:

ATIVIDADE 1

Aula expositiva com apresentação de slides sobre a história e regras do corfebol (ANEXO B)

- › Monte uma aula expositiva sobre a modalidade esportiva corfebol, contendo um pouco da sua história e principais regras. A sugestão para esta atividade está no Anexo B deste documento.

ATIVIDADE

Apresentação de vídeos para aprofundamento sobre o corfebol:

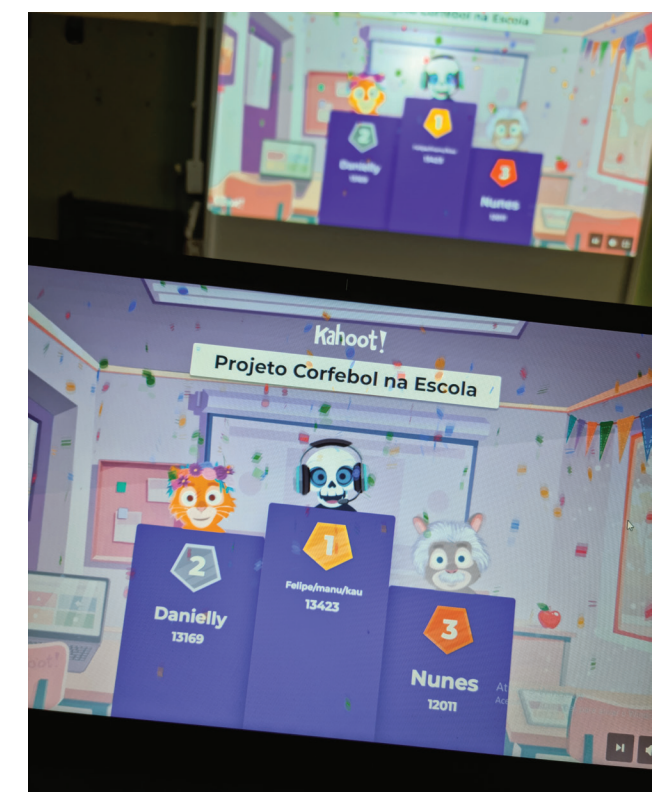
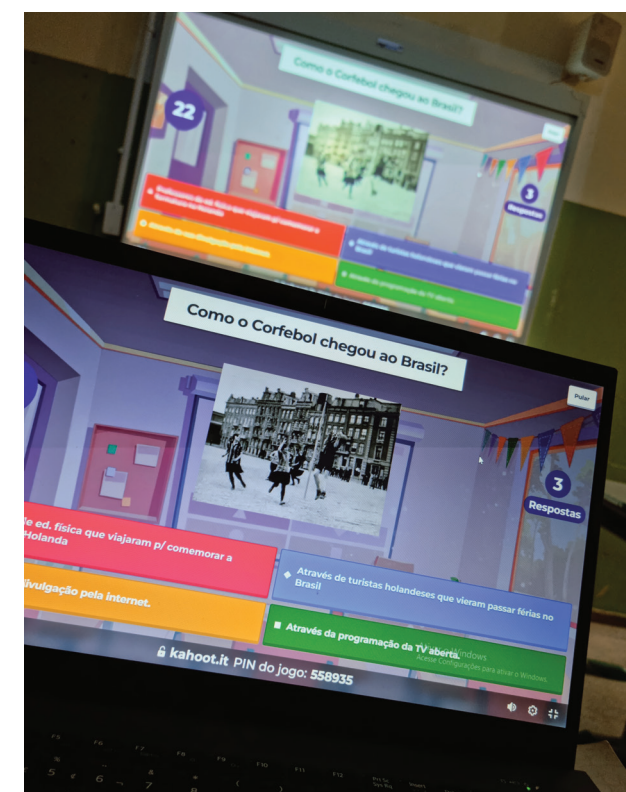
Vídeo 1: Conheça o Corfebol? Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oyTVlo5Ykb4>. Acesso em: 13/ 03/ 2023

MOMENTO 3:

ATIVIDADE DE FIXAÇÃO:

- › Com intuito de reforçar as aprendizagens da aula, realize um quiz de perguntas e respostas. Nesta aula, foi realizado através da plataforma KAHOOT! (<https://kahoot.com/>)
- › O Quiz era composto de perguntas de múltiplas escolhas e imagens para facilitar a associação do esporte às suas características.

- › A sugestão de perguntas e respostas para a composição do quiz está ao final deste trabalho (ANEXO C) e no link a seguir: <https://create.kahoot.it/share/projeto-corfebol-na-escola/2c882d29-2b68-4c2f-8810-b7a935dd31d1>
- › Caso não haja a possibilidade do uso da tecnologia e internet, o professor poderá realizar o quiz de maneira coletiva e analógica, apenas mostrando as perguntas para os alunos que poderão responder verbalmente.



DICA:

Quer utilizar KAHOOT! em suas aulas, mas não sabe como? Sugiro a familiarização com a ferramenta pelo Tutorial de Utilização da plataforma:

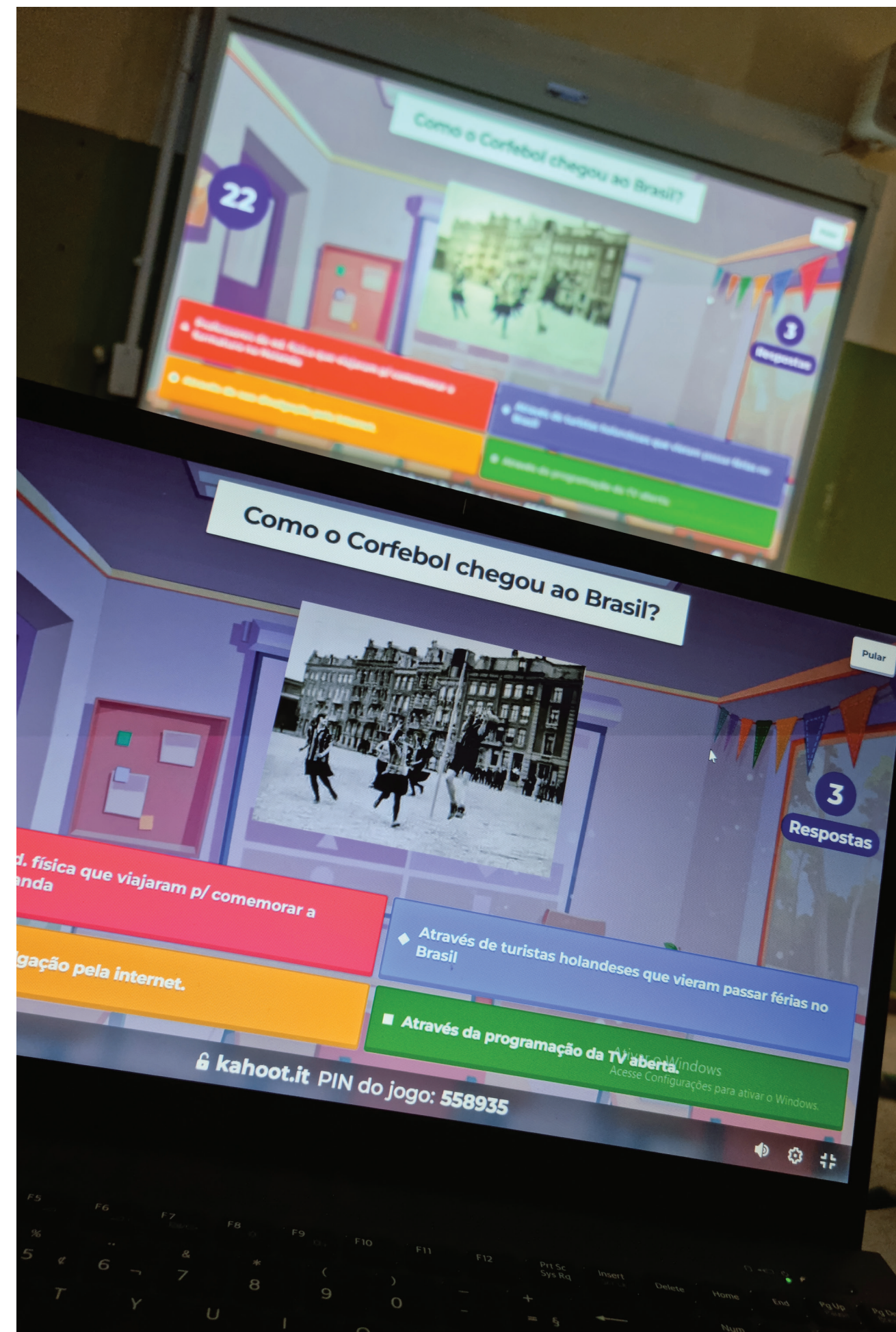
- › Sugestão 1: <https://www.youtube.com/watch?v=6MWUMYmAlmo>
- › Sugestão 2: <https://www.youtube.com/watch?v=9T3vW-gYCX8>

RECURSOS DIDÁTICOS:

- › TV ou kit multimídia
- › Computador
- › Aparelho Smartfone
- › Internet

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

- › Roda de conversa, atividades realizadas pelos estudantes, observação e registro em diário de campo.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

TEMA: Iniciação ao CORFEBOL, passes e arremessos.

OBJETIVOS:

- › Aprender uma nova modalidade esportiva que possa promover uma maior integração entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física;
- › Diminuir o preconceito entre meninos e meninas na realização de atividades esportivas;
- › Iniciar a vivência do corfebol com atividades lúdicas;
- › Aumentar o engajamento das meninas nas aulas práticas

TEMPO ESTIMADO: 1 aula (45 minutos).

LOCAL: Quadra poliesportiva.

ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES

MOMENTO 1:

Sensibilização:

- › **Roda de Conversa Inicial:** Explicação das atividades lúdicas que serão realizadas elencando as regras que também fazem parte do corfebol.
- › Alongamento

MOMENTO 2:

ATIVIDADE 1: AQUECIMENTO “BOBINHO”

- › Divida a classe em 4 grupos mistos, 2 grupos realizarão a atividade em metade da quadra e os 2 outros grupos realizarão a atividade na outra metade.
- › Uma equipe em círculo e a outra equipe no centro, a equipe em círculo deve trocar passes sem deixar a equipe do centro interceptar a bola, caso isso ocorra a equipe que estiver no centro irá trocar os passes enquanto a outra tenta interceptar a bola, alterando assim suas posições.



ATIVIDADE 2: “DEFENDENDO O CASTELO”

- › Inicialmente, a turma será dividida em 4 equipes mistas.
- › Duas equipes jogaram em metade da quadra e as outras duas na outra metade.
- › Dentro de um círculo de diâmetro 2 metros estarão 4 cones.
- › Uma equipe irá se posicionar em volta do círculo e defender os cones, enquanto a outra equipe deverá trocar passes e arremessar bolas na tentativa de derrubar os cones.
- › Vence a equipe que derrubar os cones em menos tempo.
- › O tempo máximo de duração da tentativa é de 5 min, caso em 5 min a equipe atacante não consiga derrubar todos os cones, é contado apenas os cones já derrubados para pontuação e a mesma troca de posição com a equipe que estava na defesa.



MOMENTO 3:

- › **Roda de conversa Final:** Conversa sobre a percepção dos alunos e professor referente às atividades realizadas enfatizando a importância do passe para o jogo de corfebol.
- › Associação das atividades lúdicas com o esporte corfebol.

DICA:

É importante que você, professor, esteja sempre atento aos seus alunos, suas ações e falas, evitando exclusões, julgamentos de qualquer tipo e caso seja necessário realize as possíveis intervenções para realização da mediação. Este tipo de manifestação é significativo para manter o ambiente seguro e acolhedor para a participação de todos os alunos.



RECURSOS DIDÁTICOS:

- › 2 bolas de Handebol
- › Cones Coloridos
- › Coletes

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

- › Roda de conversa, observação e registro em diário de campo.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4

TEMA: Iniciação ao CORFEBOL, passes e arremessos.

OBJETIVOS:

- › Aprender uma nova modalidade esportiva que possa promover uma maior integração entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física;
- › Diminuir o preconceito entre meninos e meninas na realização de atividades esportivas;
- › Iniciar a vivência do corfebol com atividades lúdicas;
- › Aumentar o engajamento das meninas nas aulas práticas

TEMPO ESTIMADO: 1 aula (45 minutos).

LOCAL: Quadra poliesportiva.

ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES

MOMENTO 1:

Sensibilização:

- › Recapitulando as regras básicas do corfebol – Neste momento, será realizada a recapitulação de algumas regras básicas do corfebol.
- › Explicação das atividades lúdicas que serão realizadas elencando as regras que também fazem parte do corfebol.
- › Alongamento.

MOMENTO 2:

ATIVIDADE 1: PASSA 10 COM ARREMESSO NA CESTA.

- › A turma deverá ser separada em 4 equipes (Duas equipes jogarão em um lado da quadra e as outras duas equipes do outro lado).
- › -O objetivo do jogo é realizar 10 passes entre a sua equipe, sem perder a posse de bola, o aluno que recebeu o último passe (passe 10) deve efetuar o arremesso para a cesta para converter o ponto.

› A cada nova posse de bola repete-se o processo. Não sendo permitido driblar, correr com a bola na mão, nem retirar a bola da mão do adversário, devendo apenas interceptar o passe.

› Caso o aluno não acerte a cesta no 10º passo, a contagem deverá recomeçar.

› Os alunos devem contar os passes da sua equipe em voz alta.



- › A cesta utilizada neste momento poderá ser a cesta de basquete na ausência da possível aquisição da cesta de corfebol.
- › O professor pode determinar se a atividade se encerra por pontos ou por tempo, a depender da disponibilidade de tempo.
- › Atentar-se para que a divisão das equipes ocorra de forma mista (incluído meninas e meninos).



MOMENTO 3:

› **Roda de conversa Final:** Conversa sobre a percepção dos(as) alunos(as) e professor referente às atividades realizadas, enfatizando a importância do trabalho em equipe e fazendo associação com as regras do corfebol.

DICA:

É importante que você, professor, esteja sempre atento aos(as) alunos(as), ações e falas, evitando exclusões, julgamentos de qualquer tipo e caso seja necessário realize as possíveis intervenções para realização da mediação. Este tipo de manifestação é significativo para manter o ambiente seguro e acolhedor para a participação de todos(as) os(as) alunos(as).



RECURSOS DIDÁTICOS:

- › Bola de Handebol
- › Coletes
- › Cesta de basquete ou corfebol

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

- › Roda de conversa, observação e registro em diário de campo.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 5

TEMA: Iniciação ao CORFEBOL

OBJETIVOS:

- › Aprender uma nova modalidade esportiva que possa promover uma maior integração entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física;
- › Diminuir o preconceito entre meninos e meninas na realização de atividades esportivas;
- › Iniciar a vivência do corfebol com atividades lúdicas;
- › Aumentar o engajamento das meninas nas aulas práticas.

NÚMERO DE AULAS: 1 aula (45 minutos).

LOCAL: Quadra poliesportiva.

ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES

MOMENTO 1:

Sensibilização:

- › Explicação das atividades lúdicas que serão realizadas elencando as regras que também fazem parte do corfebol.
- › Alongamento Inicial

MOMENTO 2:

ATIVIDADE 1: “BOLA AO GOLEIRO”

- › Alunos divididos em 4 equipes, sendo 2 equipes participam do jogo em metade da quadra e as outras 2 equipes na outra metade.
- › As equipes deverão trocar passes até levar a bola ao seu colega de turma que estará posicionado em cima de um banco do outro lado da quadra.

REGRAS:

- › Meninos só podem realizar passes para as meninas e vice e versa.
- › Não é permitido contato corporal e nem tomar a bola das mãos do adversário.
- › Não é permitido retornar a bola para a mesma pessoa que lhe passou.
- › Não é permitido andar com a bola nas mão



MOMENTO 3:

- › **Roda de conversa Final:** Conversa sobre a percepção dos(as) alunos(as) e professor referente às atividades realizadas, enfatizando a importância do trabalho em equipe.

Perguntas Norteadoras:

- › As dificuldades dentro do jogo foram iguais para meninos e meninas?
- › Mulheres e homens têm o mesmo tipo de tratamento nas práticas esportivas na escola e fora dela?



MOMENTO 3:

› **Roda de conversa Final:** Conversa sobre a percepção dos(as) alunos(as) e professor referente às atividades realizadas, enfatizando a importância do trabalho em equipe e fazendo associação com as regras do corfebol.

DICA:

É importante que você, professor, esteja sempre atento aos(as) alunos(as), ações e falas, evitando exclusões, julgamentos de qualquer tipo e caso seja necessário realize as possíveis intervenções para realização da mediação. Este tipo de manifestação é significativo para manter o ambiente seguro e acolhedor para a participação de todos(as) os(as) alunos(as).



RECURSOS DIDÁTICOS:

- › Bola de Handebol
- › Coletes
- › Cesta de basquete ou corfebol

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

- › Roda de conversa, observação e registro em diário de campo.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 6

TEMA: CORFEBOL

OBJETIVOS:

- › Aprender uma nova modalidade esportiva que possa promover uma maior integração entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física;
- › Diminuir o preconceito entre meninos e meninas na realização de atividades esportivas;
- › Iniciar a vivência do corfebol com algumas regras oficiais;
- › Aumentar o engajamento das meninas nas aulas práticas.

NÚMERO DE AULAS: 1 aula (45 minutos).

LOCAL: Quadra poliesportiva.

ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES

MOMENTO 1:

Sensibilização:

- › Recapitulando as regras básicas do corfebol – Neste momento será realizado a recapitulação de algumas regras básicas do corfebol como:

REGRAS:

- A.** A bola não pode retornar para o jogador que realizou o passe antes que passe pela mão de outro jogador do time.
- B.** Não será permitido driblar (quicar) a bola, correr com a bola nas mãos e tirar a bola das mãos dos adversários.
- C.** Os passes devem ser realizados sempre de meninos para meninas ou de meninas para meninos, pois essa regra auxiliará na diminuição de “barreiras” e preconceitos entre os alunos.

- › A cesta utilizada neste momento poderá ser a cesta de basquete na ausência da possível aquisição da cesta de corfebol.
- › - O professor pode determinar se a atividade se encerra por pontos ou por tempo, a depender da disponibilidade de tempo.
- › - Atentar-se para que a divisão das equipes ocorra de forma mista (incluído meninas e meninos).

MOMENTO 2:

ATIVIDADES: CORFEBOL MEIA QUADRA.

- › Trabalhando o valor do coletivo, a turma deverá ser dividida em dois grandes grupos mistos (meninos e meninas devem compor a equipe) preferencialmente com o mesmo número de alunos e alunas, ou seja, se uma equipe tem 5 meninas também deverá conter 5 meninos.
- › O objetivo desta atividade é fazer com que as equipes troquem passes e acertem a cesta de basquete para pontuar.
- › O jogo ocorrerá em meia quadra, portanto dois jogos simultâneos acontecerão para inclusão de todos na atividade.
- › Cada cesta equivale a 1 ponto.
- › Sempre que uma equipe pontuar a outra equipe realiza a saída de bola do centro da quadra.
- › O primeiro passe (saída de bola inicial) não pode ser interceptado.
- › A equipe que está sem a posse de bola deverá tentar recuperar a bola interceptando um passe realizado pelos integrantes da outra equipe.
- › A troca de posição entre equipe atacante e equipe defensora acontece sempre que uma equipe perde a posse de bola.

REGRAS:

- A.** A bola não pode retornar para o jogador que realizou o passe antes que passe pela mão de outro jogador do time.
- B.** Não será permitido driblar (quicar) a bola, correr com a bola nas mãos e tirar a bola das mãos dos adversários.
- C.** Os passes devem ser realizados sempre de meninos para meninas ou de meninas para meninos, essa regra auxiliará na diminuição de “barreiras” e preconceitos entre os alunos

MOMENTO 3

RODA DE CONVERSA

Questões norteadoras da roda de conversa:

- › Houve realmente um espírito coletivo?
- › Como as meninas se sentiram diante da atividade realizada na aula anterior e nesta?
- › Como os meninos se sentiram diante da atividade realizada na aula anterior e nesta?
- › Meninos e meninas podem realizar atividades em conjunto?

DICA:

É importante que você, professor, esteja sempre atento aos (às) alunos (as), ações e falas, evitando exclusões, julgamentos de qualquer tipo e caso seja necessário realize as possíveis intervenções para realização da mediação. Este tipo de manifestação é significativo para manter o ambiente seguro e acolhedor para a participação de todos(as) os alunos(as).

RECURSOS DIDÁTICOS:

- › 2 bolas de handebol
- › Coletes de 4 cores diferentes
- › Cesta de basquete ou corfebol

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

- › Roda de conversa, observação e registro em diário de campo.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 7

TEMA: Esporte Corfebol

OBJETIVOS:

- › Aprender uma nova modalidade esportiva que possa promover uma maior integração entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física;
- › Diminuir o preconceito entre meninos e meninas na realização de atividades esportivas;
- › Iniciar a vivência do corfebol com algumas regras oficiais;
- › Aumentar o engajamento das meninas nas aulas práticas.

NÚMERO DE AULAS: 2 aulas (45 minutos cada)

LOCAL: Quadra poliesportiva.

ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES

MOMENTO 1:

Sensibilização:

- › Relembrar os alunos quanto as regras oficiais do corfebol.
- › Divisão da sala em equipes mistas respeitando o número oficial de jogadores. (No corfebol são constituídas por 8 elementos: 4 homens (2 à defesa e 2 ao ataque) e 4 mulheres (2 à defesa e 2 ao ataque).

MOMENTO 2:

Atividades:

- › Jogar corfebol: respeitando as regras oficiais discutidas no início da aula os(as) alunos(as) deverão traçar suas estratégias de jogo.
- › Os(as) alunos(as) que não estiverem jogando naquele momento irão auxiliar na arbitragem e na marcação dos pontos.

REGRAS:

1. As equipes terão seus jogadores posicionados em quadras diferentes, quatro alunos (duas meninas e dois meninos) em cada quadra. Um poste com uma cesta será colocado no centro de cada meia quadra (na falta, poderá ser usada a cesta de basquetebol).
2. O jogo começa com uma das equipes no centro da quadra. O primeiro passe é livre, não podendo ser interceptado.
3. A bola não pode retornar para o jogador que realizou o passe antes que passe pela mão de outro jogador do time.
4. Não será permitido driblar (quicar) a bola, correr com a bola nas mãos e tirar a bola das mãos dos adversários.
5. Os passes devem ser realizados sempre de meninos para meninas ou de meninas para meninos.
6. Os marcadores só poderão marcar adversários do mesmo sexo, então homens marcam homens e mulheres marcam mulheres.
7. O objetivo do jogo é arremessar a bola dentro da cesta, sempre que uma equipe marcar duas cestas seus jogadores deverão mudar de quadra e de função (ataque/defesa).
8. No momento do arremesso, o jogador que está de posse da bola não poderá ter nenhum adversário próximo a ele a uma distância menor do que um metro (um braço estendido), essa regra facilita o arremesso e permite que jogadores de diferentes estaturas, tenham a mesma oportunidade ao arremessar durante o jogo.

MOMENTO 3

RODA DE CONVERSA

Questões norteadoras da roda de conversa:

- › Cada equipe deve expor as facilidades e dificuldades sentidas durante o jogo.
- › Além de externar como aconteceu a integração entre os meninos e as meninas da mesma equipe.
- › As meninas têm se sentido incluídas em todo o processo? O que pode melhorar?

DICA:

- › Caso não tenha a oportunidade de aquisição da cesta de corfebol, utilizar a cesta de basquete
- › - É importante que você, professor, esteja sempre atento aos (às) alunos (as), ações e falas, evitando exclusões, julgamentos de qualquer tipo e caso seja necessário realize as possíveis intervenções para realização da mediação. Este tipo de manifestação é significativo para manter o ambiente seguro e acolhedor para a participação de todos (as) os (as) alunos(as).



RECURSOS DIDÁTICOS:

- › Bolas de handebol
- › Coletes de cores diferentes
- › Poste de corfebol ou cesta de basquete

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

- › Roda de conversa, observação e registro em diário de campo.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 8

TEMA: Participação das mulheres nos esportes

OBJETIVOS:

- › Problematizar e contextualizar o processo de participação das mulheres na sociedade e como isso se reflete nas práticas esportivas.

NÚMERO DE AULAS: 2 aulas (45 minutos cada)

LOCAL: Quadra poliesportiva.

ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES

MOMENTO 1:

Sensibilização: Reflexão com a turma os conceitos de estereótipo e preconceito. Pergunte aos (às) alunos (as) sua opinião sobre as diferenças sociais pautadas em gêneros, se eles(as) se sentem excluídos(as) ou menos valorizados(as) devido ao seu sexo biológico. Explique a eles(as) a definição de estereótipo e preconceito.

- › **PRECONCEITO:** Atitude realizada com exposição de opinião sobre um fato ou pessoa, sem, previamente, apresentar uma análise, ou seja, criticar e julgar previamente.
- › **ESTEREÓTIPO:** Atitudes generalizadas que uma pessoa ou um grupo realiza em virtude de comportamentos ou de características das pessoas.

MOMENTO 2:

Atividades: Aula expositiva - apresentação de slides sobre a participação das mulheres na sociedade e no esporte.

- › Participação das mulheres da era primitiva ao fim da Idade Média.
- › - A mulher e os jogos olímpicos da Era Moderna.
- › - A participação da mulher brasileira nos esportes e nos Jogos Olímpicos.

- › - Aumento da participação das mulheres nos esportes.
- › - Diferenças salariais.
- › - Mídia e esporte feminino.

MOMENTO 3

Trabalho Final: Os(as) alunos(as) deverão responder as questões e entregar para o professor ao final da aula.

- › Homens e mulheres deveriam participar de esportes coletivos Juntos? Por quê?
- › Os alunos devem primeiramente escrever a sua opinião em uma folha de caderno a ser entregue ao final da aula.
- › Roda de conversa para exposição das opiniões descritas na atividade.

DICA:

- › O trabalho final também pode ser realizado em roda de conversa, como um bate papo.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- › Kit multimídia
- › Computador
- › Material para anotações

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

- › Roda de conversa, trabalho final, observação e registro em diário de campo.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 9

TEMA: Aula da saudade – Culminância do projeto

OBJETIVOS:

- › Apresentar um resumo sobre atividades e pontos importantes das unidades didáticas

NÚMERO DE AULAS: 1 aula (45 minutos)

LOCAL: Sala de aula ou quadra poliesportiva

ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES

MOMENTO 1:

- › Elencar e descrever na lousa os principais aspectos tematizados e problematizados nas aulas.
- › Lembrar os principais momentos do projeto, as aprendizagens, pergunte aos(as) alunos(as) o que eles(as) acharam das atividades realizadas, deixe que eles(as) expressem sua opinião.

MOMENTO 2:

- › Investigação das principais impressões e tomadas de consciências apresentadas pelos(as) alunos(as) mediante a sequência didática.

1. Atividade: Entrega do Questionário de Saída, para a investigação da percepção dos(as) alunos(as) quanto as atividades propostas (ANEXO D)

MOMENTO 3:

- › Investigação das principais impressões e tomadas de consciências apresentadas pelos(as) alunos(as) mediante a sequência didática.

2. Roda de Conversa Final: análise da participação de meninas nas aulas e da colaboração da turma no desenvolvimento das atividades teóricas e práticas.

- › Pontos positivos do projeto.
- › O que poderia melhorar (sugestões de todos).

DICA:

- › Use e abuse da tecnologia! Se sua escola fornece este suporte, o questionário pode ser aplicado via Formulário Google, ou de maneira digital, como preferir.
- › - A avaliação final também pode ser realizada em roda de conversa.

RECURSOS DIDÁTICOS:

- › Lousa
- › Material para anotações
- › Folha com o questionário impresso

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO:

- › Roda de conversa, trabalho final, observação e registro em diário de campo

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRITO, L. T. **“Afeminada! Afeminada!” Queerizando as masculinidades no contexto do Voleibol**. In: DORNELES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. Educação Física e Sexualidade. Desafios Educacionais. Ijuí, RS: Unijuí, 2017. p. 95-108.

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE CORFEBOL. **CORFEBOL: regras e notas explicativas**. Disponível em: <https://fpcorfebol.pt/historia-do-corfebol/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

GARCIA, J. L.; SEPULVEDA, D. O Corfebol e a equidade entre os gêneros na escola/ Corfbal and gender equity at school. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 8, p. 85549–85566, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n8-659>.

GOELLNER, S. V.; ANJOS, L. A. dos. Esporte e Transgeneridade: Corpos, Gêneros, e Sexualidades Plurais. In: DORNELES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. Educação Física e Sexualidade. Desafios Educacionais. Ijuí, RS: Unijuí, 2017. p. 52-72.

GUBBY, L. 8 Embodied practices in korfbal. In: I. Wellard (ed.). **Researching Embodied Sport: Exploring Movement Cultures**. Routledge: Abingdon, 2015. p. 86-99.

LAZZARI, P. R. **CORFEBOL: estratégias metodológicas na integração de gêneros**. Secretaria de Educação: Governo do estado do Paraná, 2012. v. 1.

LIM, S. Y.; DIXON, M. A. A conceptual framework of sport participation and women’s empowerment. **Managing Sport and Leisure**, Abingdon, v. 1, p. 1-15, 2018.

SINGH, T. L.; NAIDOO, L. D. **Assessing gender inequality in South Africa: a case study of women in sports management**. Journal of Research in Business, Economics and Management, Lausanne, v. 8, p. 1407-1428, 2017.

SOUZA JÚNIOR, O. M. Educação Física escolar, co-educação e questões de gênero. In: DARIDO, S. C.; MAITINO, E. M. (org.). **Pedagogia Cidadã: Cadernos de Formação: Educação Física**. São Paulo: Unesp, Pró-Reitoria de Graduação, 2004. p. 71-86.

ANEXOS

ANEXO A – Questionário de Entrada

ANEXO B – Apresentação de Slides sobre o Corfebol

ANEXO C – Apresentação de Slides “Mulheres nos Esportes”

ANEXO D – Questionário de Saída

ANEXO A - QUESTIONÁRIO DE ENTRADA

PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

1. Sexo.

- ☐ Masculino
☐ Feminino

2. Você pratica exercícios físicos fora do horário escolar?

- ☐ Pratica
☐ Não pratica

3. Você participa das aulas de educação física?

- ☐ Sim
☐ Não

4. Se assinalou NÃO na questão anterior, qual o motivo da não participação das aulas? Se assinalou SIM pule para questão 6. Você pratica exercícios físicos fora do horário escolar?

- ☐ Não sinto prazer ao realizar as atividades propostas
☐ Não me sinto capaz de realizar bem as atividades
☐ Exercito pouco meu corpo
☐ Não me sinto integrado ao grupo
☐ Quase não tenho oportunidade de jogar
☐ Meus colegas zombam das minhas falhas
☐ Outros

EXPLIQUE _____

5. O que incentivaria ou faria você participar das aulas?

- ☐ Atividades menos cansativas
☐ Aulas separadas por sexo
☐ Os meninos fossem mais receptivos
☐ Aulas diversificadas
☐ Materiais novos
☐ Outros

EXPLIQUE _____

6. Quais os motivos que os levam a PARTICIPAR das aulas de Educação Física?

- ☐ Gosto das aulas de educação física
☐ Gosto de aprender novas habilidades
☐ Faz parte do currículo da escola
☐ Preciso tirar boas notas
☐ As aulas me dão prazer
☐ Estou com meus amigos
☐ Meu rendimento é melhor que dos meus colegas
☐ Importante para aumentar meus conhecimentos sobre esportes e outros
☐ Sinto-me saudável nas aulas
☐ Outros

JUSTIFIQUE SUAS RESPOSTAS _____

7. Pra você, qual a finalidade das aulas de Educação Física?

- ☐ Práticas Esportes
☐ Melhorar minha Saúde
☐ Recreação, aula para brincar
☐ Lazer, divertimento.
☐ Interação com colegas.
☐ Momento de relaxamento
☐ Outros

JUSTIFIQUE SUAS RESPOSTAS _____

ANEXO B - CORFEBOL

HISTÓRIA E REGRA



HISTÓRIA

Corfebol em holandês korfbal, é um esporte coletivo praticado principalmente na Holanda e na Bélgica. Ele difere de outros esportes semelhantes, pois é praticado por equipes mistas, formadas por quatro homens e quatro mulheres.

O esporte surgiu na Holanda em 1902 e foi inventado pelo professor de Educação Física, Nico Broekhuysen.

O holandês se inspirou num jogo chamado Ringboll, que conheceu na Suécia durante um curso de verão.

Depois de alguns ajustes, Nico adaptou o esporte e o nomeou como Corfebol, que em português significa bola ao cesto.

Naquela altura, a Associação de Educação Física de Amsterdã procurava um jogo que

pudesse ser praticado por crianças, jovens e adultos de ambos os sexos, com o objetivo

de mantê-los sadiamente ocupados, já que no início do século não era comum mulheres praticarem esporte. O Korfbal conseguiu revolucionar sua época, tendo

extrema importância em cunho social, colocando a mulher nas mesmas condições que o homem.

Apesar de diferente, o esporte teve uma boa aceitação e começou a se expandir e a se popularizar pelo resto do país e em territórios coloniais holandeses, como a Indonésia, Suriname e as Antilhas holandesas.

Apesar de ter sido inventado em 1902, a modalidade só foi registrada no ano seguinte com a criação da Associação Holandesa de Corfebol

Em 1920, o esporte foi apresentado como modalidade de demonstração nos Jogos Olímpicos de Antuérpia, na Bélgica.

Em 1928, o esporte foi novamente apresentado como modalidade de demonstração nos Jogos Olímpicos de Amsterdã, na Holanda.

Depois de duas participações em Olimpíadas, o esporte sofreu um novo impulso com a criação da I. K. F. (International Korfbal Federation - Federação Internacional de Corfebol), em 1933.

Só em 1946, pode-se considerar que foi iniciado o processo de divulgação em nível mundial, que começou pela Grã-Bretanha, Dinamarca, Alemanha,

Espanha, e em alguns países da Ásia. E até hoje, o número de países vêm aumentando e consequentemente aderindo à I. K. F, que atualmente têm 43 países filiados.

CORFEBOL NO BRASIL

Na década de 80 um grupo de professores de educação física, formados pela Universidade

Gama Filho, viaja à Holanda para comemorar a formatura, e lá descobrem o corfebol.

Gostando da popularidade do desporto, a participação de mulheres nas mesmas equipes e em igualdade de condições com os homens e a semelhança como basquete, resolvem divulgá-lo no Brasil.

Inicialmente foram formadas equipes no Colégio Anglo-Americano (Botafogo) e no Clube da Light (Grajáú). Realizaram-se muitas demonstrações com a equipe brasileira em universidades.

OBJETIVOS DO JOGO

› O objetivo principal é introduzir a bola no cesto da equipa adversária para marcar pontos e simultaneamente evitar que a equipe adversária encesta no seu cesto.

› Vence a equipe que marcar mais pontos no tempo regulamentar.

NÚMEROS DE JOGADORES

› Uma equipe de Corfebol é formado por 8 Jogadores: 4 homens e 4 mulheres.

› Zona de defesa: 2 Mulheres e 2 Homens.

› Zona de Ataque: 2 Mulheres e 2 Homens.

› A cada 2 cestas feitas no jogo as equipes mudam de zona. Isto significa que sempre que se marcam dois pontos, quem estava a defender passa a atacar e quem estava a atacar passa a defender.

CAMPO DE JOGO

› As dimensões do terreno de jogo são de 40X20 metros, sendo dividido ao meio por uma linha central.

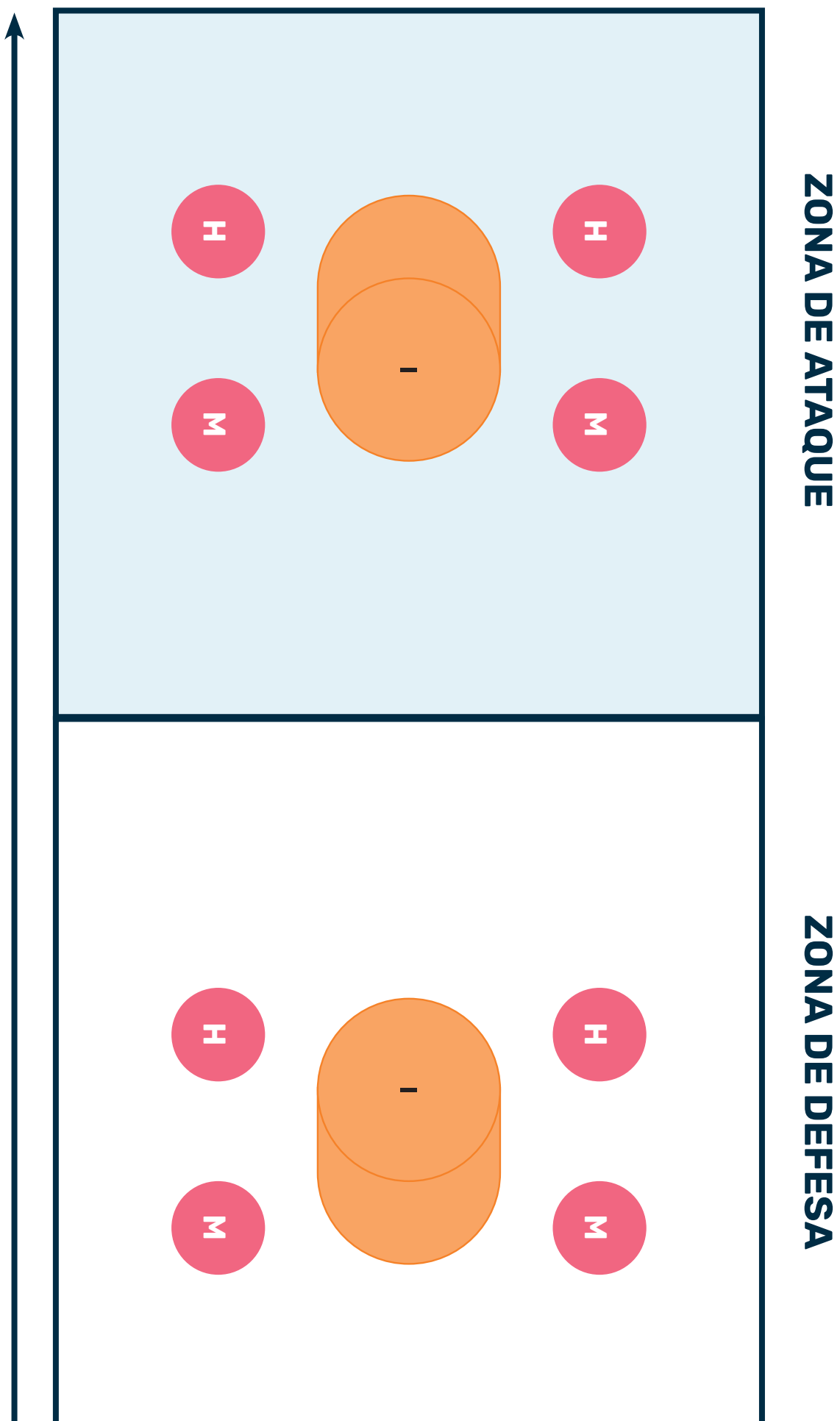
› A 2.50 metros do cesto, no sentido da linha central, existe a marca de penalidade.

CESTA DE CORFEBOL

› O cesto está colocado num poste a 3.50 m do solo.

DURAÇÃO DO JOGO

› Os jogos têm a duração de 50 minutos de tempo real, 2x25 minutos, com 10 minutos de intervalo.



ZONA DE ATAQUE

ZONA DE DEFESA

JOGO EMPATADO

- › No Corfebol nunca haverá empate.
- › Caso o jogo termine empatado no tempo regulamentar é disputado um tempo extra de 10 minutos com cesta de ouro.
- › Caso o jogo continue empatado é feito a disputa de pênaltis no formato morte súbita.

SUBSTITUIÇÕES E TEMPO

- › Cada equipe tem direito a 8 substituições
- › Cada equipe tem direito de pedir 2 tempos técnicos por partida.

NÃO É PERMITIDO

- › Não é permitido andar com a bola na mão
- › Não é permitido quicar a bola no chão.
- › Não é permitido marcações entre sexos (Homem só pode marcar homem e mulher só poderá marcar mulher)
- › Não é permitido marcação du

FALTAS

- › No corfebol não é permitido contatofísico, o marcador deve se manter a um braço de distância de seu adversário.

- › Não é permitido marcações entre sexos (Homem só pode marcar homem e mulher só poderá marcar mulher)

- › Não é permitido marcação dupla

POSIÇÃO DEFENDIDA

- › A cesta não valerá se no momento do arremesso o defensor estiver:
- › Tentando bloquear a bola.
- › Estar dentro da distância de 1 braço do atacante.
- › Estar mais perto da cesta que o atacante.
- › Estar com o rosto voltado para o atacante.

TEMPO DE ATAQUE

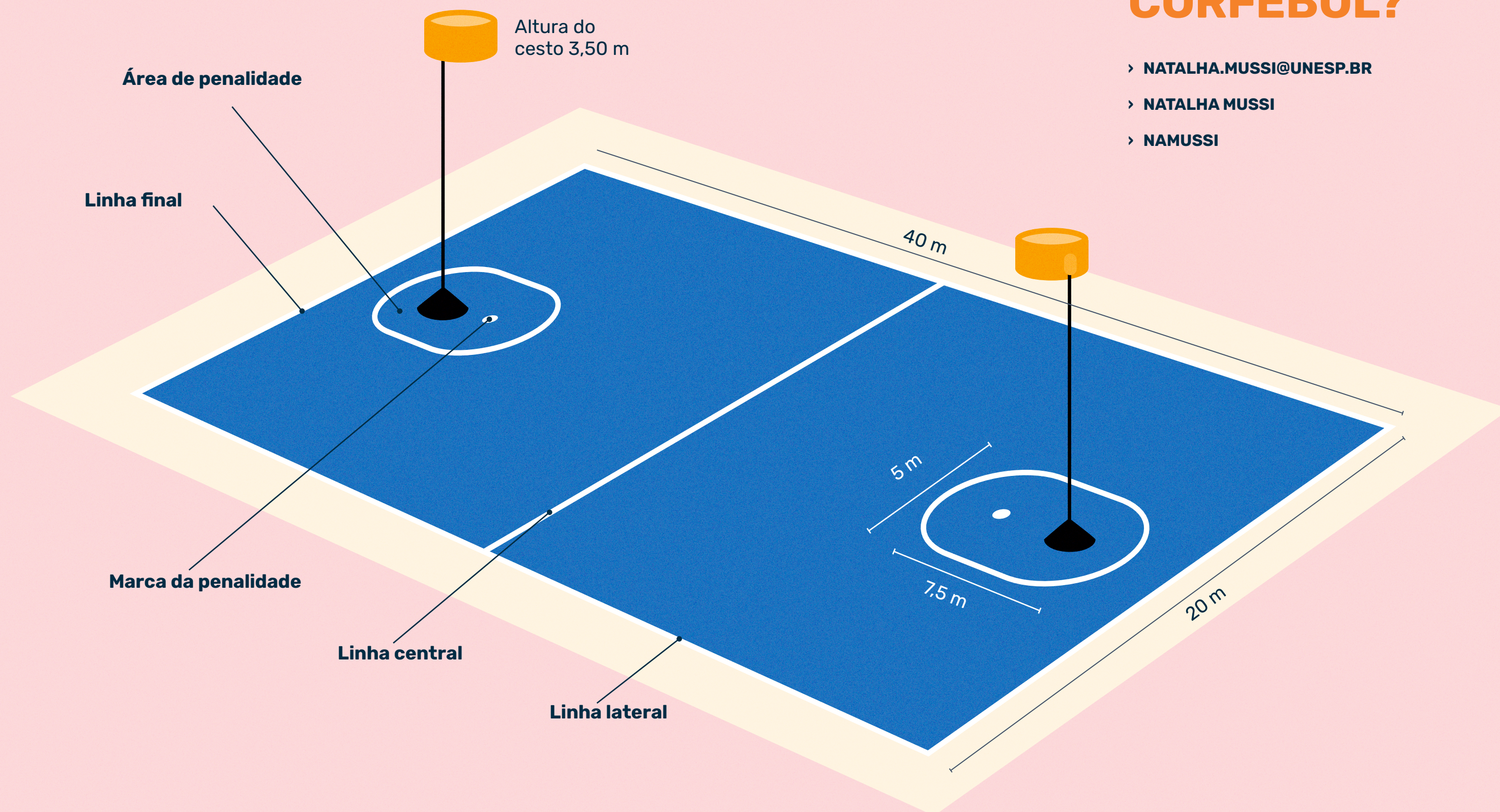
- › Os jogadores da zona de ataque tem 25 segundos para tentar realizar o arremesso.
- › Caso não realizado a posse de bola passará para equipe adversária.

A L G U É M QUER JOGAR CORFEBOL?

› NATALHA.MUSSI@UNESP.BR

› NATALHA MUSSI

› NAMUSSI



ANEXO C

A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO ESPORTE:

HITÓRIA E CONQUITAS



MULHERES E ESPORTE:

Apesar do esporte Feminino ter aumentado significativamente no decorrer dos anos ainda há muito o que se conquistar, no que se diz respeito a participação das mulheres no esporte!

A História da mulher no esporte reflete como ela é/era vista em diferentes momentos da história!

GRÉCIA ANTIGA:

Na Grécia antiga as mulheres eram PROIBIDAS de participar e de assistir as competições!

O veto as mulheres estava no regulamento Olímpico que as proibia da participação em qualquer modalidade!

IDADE MÉDIA:

Na Idade média, sob influência da Igreja a prática esportiva continuava proibida para as mulheres!

ERA MODERNA:

Em 1896, em Atenas, na Grécia, foram retomados os jogos olímpicos, nessa primeira olimpíada somente era permitida a participação de homens,as mulheres só puderam participar assistindo.

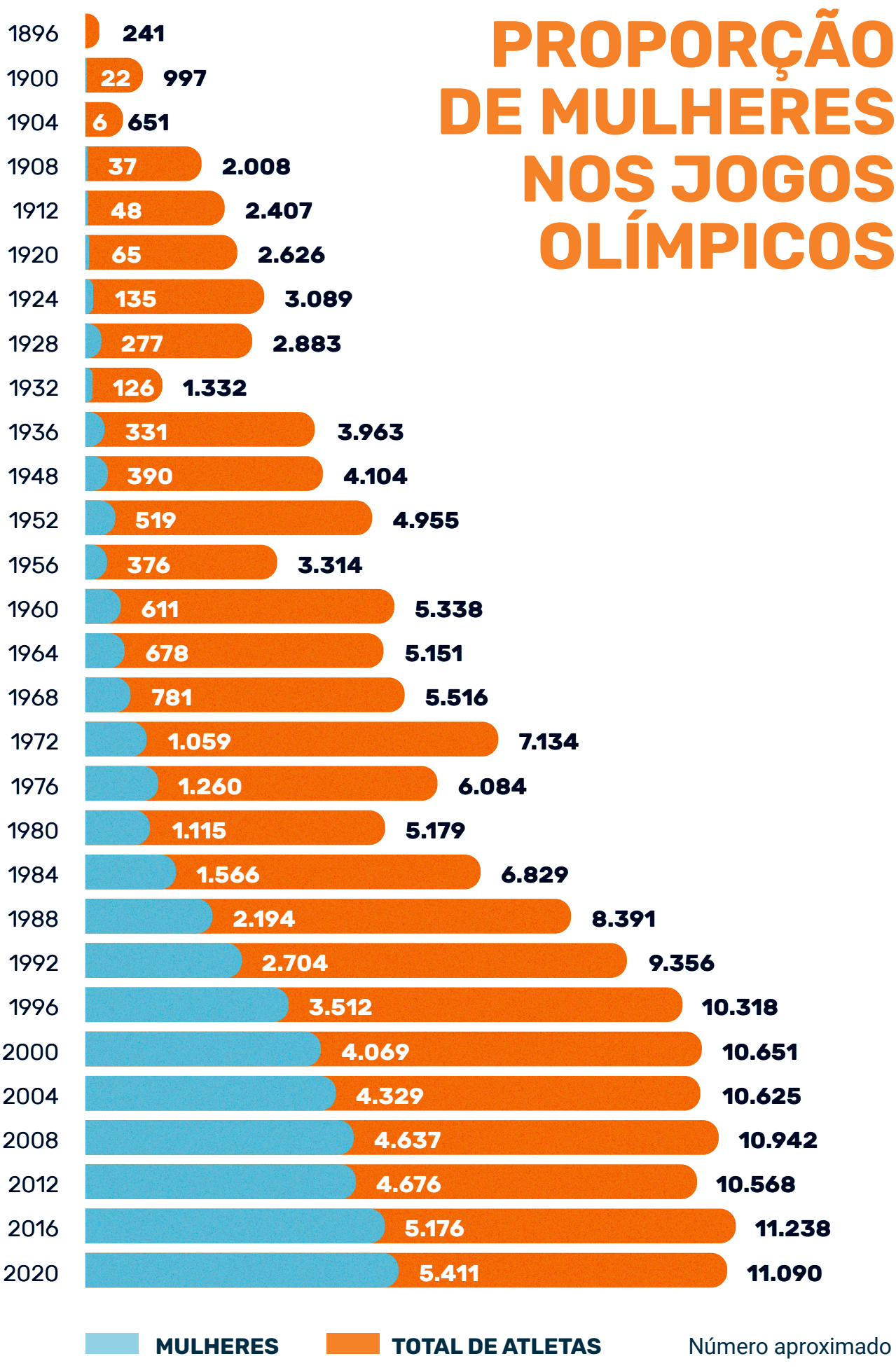
A primeira olimpíada na qual uma mulher participou oficialmente foi a olimpíada de 1900 sediada em Paris, nessa olimpíada participaram 22 mulheres as únicas

modalidades permitidas para mulheres foram o golf, tennis, vela e criquet.

Hélène de Pourtalès Velejadora suíça foi a primeira mulher a completar um evento olímpico e levar a medalha de ouro participando de um evento misto de vela com seu marido.

Conforme os anos foram passando através de diversas lutas as mulheres foram aumentando sua participação nos jogos olímpicos,

PROPORÇÃO DE MULHERES NOS JOGOS OLÍMPICOS



ALGUMAS BARREIRAS JÁ FORAM SUPERADAS...



MARIA LENK

Ela foi a primeira mulher brasileira a disputar uma Olimpíada, em 1932, nos Jogos de Los Angeles. A atleta começou a nadar para tratar problemas respiratórios, mas se destacou e se tornou um ícone para o esporte nacional.

Nascimento: 15 de janeiro de 1915

Falecimento: 16 de abril de 2007

Maria Lenk durante sua juventude – Foto: Reprodução



AÍDA DOS SANTOS

Em 1964 ainda sob o período da ditadura militar sem nenhum suporte Aída dos Santos única mulher da delegação brasileira viajou para Tóquio sem técnico, sem tênis e sem uniforme e mesmo assim conseguiu o quarto lugar no salto em altura. Obtendo o melhor resultado das mulheres brasileiras até então.

Nascimento: 1 de março de 1937 (idade 86 anos)

Imagem: Arquivo Folha



MARIA ESTHER BUENO

Chamada de “rainha do tênis”, a exatleta Maria Esther Bueno deixou um grande legado para o esporte feminino. Conquistou diversos títulos entre as décadas de 1950 e 1970, tendo conquistado títulos nas três décadas diferentes. Um feito memorável.

É considerada o maior nome do tênis brasileiro.

Nascimento: 11 de outubro de 1939

Falecimento: 8 de junho de 2018



SERENA WILLIAMS

Serena Williams é uma ex-tenista profissional norte-americana. É considerada uma das maiores atletas de todos os tempos.

Conquistou três Medalhas de ouro Olímpicas nas duplas, essas vencidas nos Jogos Olímpicos de 2000, 2008 e 2012.

Ganhou também uma Medalha de ouro Olímpica em simples nas Olimpíadas de Londres 2012.

Nascimento: 26 de setembro de 1981 (idade 41 anos).



NADIA COMANECI

O nome de Nadia Comaneci, ex ginasta Romena, sempre permanecerá unido à palavra perfeição. Com 14 anos e meio, nas Olimpíadas de 1976 em Montreal, ela teve uma pontuação de 10 — o primeiro da história — em seu exercício de barras assimétricas.

Nascimento: 12 de novembro de 1961 (idade 61 anos)

Título: Nadia Comăneci. Instituição: Biblioteca Județeană "Octavian Goga" Cluj



MARTA VIEIRA DA SILVA

Marta teve uma longa e bem-sucedida trajetória: em termos de clubes ela ganhou praticamente tudo e com a seleção brasileira fez 111 gols em 131 partidas, que são números espetaculares. Além disso, é a única jogadora de futebol que conseguiu ganhar cinco vezes consecutivas o prêmio da FIFA à melhor jogadora do mundo.

Nascimento: 19 de fevereiro de 1986 (idade 37 anos)

Lucas Figueiredo/CBF

MULHERES E O FUTEBOL NO BRASIL

Em 1941, auge da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, o presidente acenava a alguns ideais fascistas, como um nacionalismo exacerbado e a estatização das atividades socioculturais — a exemplo do Carnaval e, no caso do decreto-lei 3.199, o futebol.

Havia também o contexto social conservador da época, com a ideia predominante de que homens e mulheres deveriam desempenhar papéis específicos, como trabalhar e cuidar dos filhos, respectivamente.

Até a promulgação do decreto, o futebol não era proibido para mulheres.

Em 1940. No dia 17 de maio, São Paulo e Flamengo fizeram um amistoso no recém-inaugurado Estádio do Pacaembu, a novidade estava na partida preliminar, que seria disputada por dois clubes do subúrbio carioca, compostos totalmente por mulheres.

Antes mesmo de ser realizada, a partida causou polêmica, dividindo a opinião pública e a imprensa. Parte dos jornais apoiava a iniciativa, enquanto a outra metade a repudiava, pedindo que as autoridades do país impedissem a prática.



RESULTADO

A partida foi mantida, e a polêmica ajudou a lotar o Pacaembu.

Porém quase um ano depois, em 14 de abril de 1941, Getúlio Vargas publicou o decreto 3.199, “que estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país”.

No artigo 54, consta a proibição que só foi revogada em 1979:

“Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.”



VAMOS REFLETIR...

HOMENS E MULHERES DEVERIAM PARTICIPAR DE ESPORTES COLETIVOS JUNTOS?

JUSTIFIQUE SUA RESPOSTA.

ANEXO D - QUESTIONÁRIO FINAL

PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

1. Sexo.

- () Masculino
- () Feminino

2. O que você achou do Projeto?

- () Não Gostei
- () Indiferente
- () Gostei
- () Adorei

3. As aulas foram motivantes?

- () Nada
- () Pouco
- () Motivantes
- () Muito Motivante
- () Extremamente motivante

4. Você sentiu Prazer em realizar as atividades propostas?

- () Nenhum prazer
- () Pouco prazer
- () Prazerosas
- () Muito prazerosas
- () Extremamente prazerosas

5. Você se sentiu capaz de realizar as atividades propostas?

- () Incapaz
- () Pouco Capaz
- () Capaz
- () Muito capaz
- () Extremamente capaz

O que você acha que poderia ser melhorado neste projeto?



